



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Jonathan de Campos Arantes

**O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação
de treinadores**

Rio de Janeiro

2024

Jonathan de Campos Arantes

**O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de
treinadores**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A662 Arantes, Jonathan de Campos.
O boxe na cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a
formação de treinadores / Jonathan de Campos Arantes. – 2024.
166 f : il.

Orientador: Marcelo Moreira Antunes.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Boxe – Rio de Janeiro (RJ) - Teses. 2. Boxe – Estudo e ensino
– Teses. 3. Esportes – Estudo e ensino - Teses. 4. Treinadores de
atletas – Teses. I. Antunes, Marcelo Moreira. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos.
III. Título.

CDU 796.83(07)(815.3)

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Jonathan de Campos Arantes

**O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de
treinadores**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Esporte.

Aprovada em 27 de maio de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes (Orientador)

Instituto de Educação Física e Desportos – UERJ

Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles

Instituto de Educação Física e Desportos – UERJ

Prof. Dr. Walter Roberto Correia

Universidade de São Paulo

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

À memória do avô Carlos, por nutrir minha paixão pelo saber, criar brinquedos educativos de madeira e demonstrar amor incondicional à família.

À memória do avô Nelson, por me ensinar sobre serenidade e concentração, pelas conversas depois da escola e por celebrar minhas conquistas no esporte e na vida.

À avó Adelaide, por cultivar o bom humor em momentos difíceis, ensinar a importância de ajudar ao próximo e mostrar que o comportamento exemplar vale mais que palavras.

À avó Alvina, por irradiar um amor infinito, acalantar várias gerações e nos ensinar a cumprir nosso dever, mesmo nas tarefas árduas.

A todos vocês, dedico este trabalho com muito amor, admiração e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Desde a infância, dedico-me às lutas, às artes marciais e aos esportes de combate. A jornada que me trouxe até aqui seria impossível sem o apoio de diversas pessoas. Agradeço à minha mãe, Mara Lúcia Gomes de Campos, e ao meu pai, Rogério Aragão Arantes, por sempre apoiarem minhas decisões profissionais e investirem na minha formação. À minha madrinha Tânia, pelo primeiro par de luvas de boxe, e aos meus tios Mara Ney e Alexandre, pela motivação, mesmo à distância. Ao meu treinador, William Guimarães, que esteve comigo desde a adolescência e influenciou positivamente diversos aspectos da minha vida, dentro e fora dos ringues.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Moreira Antunes, que me guiou no universo científico, tanto como professor, quanto como amigo. Nossa relação se fortaleceu no CEPLAMEC, onde tive a oportunidade de trabalhar com colegas fundamentais para minha formação, como Juliana Domingues, Luiz Felipe, Daniel Meira e Alba Rodrigues.

Ao Prof. Dr. Silvio de Cassio Costa Telles e ao Prof. Dr. Walter Roberto Correia, pela colaboração na qualificação e estruturação desta dissertação. À Prof.^a Gizele Rocha, pela colaboração na revisão da literatura e pelas ferramentas para desenvolvê-la. Agradeço à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por viabilizar este estudo.

Agradeço à minha companheira, Isabela Escramozino, que me ajudou diariamente na rotina de trabalho e estudos, sempre presente e disposta a enfrentar os sacrifícios da vida acadêmica ao meu lado. Meu reconhecimento se estende aos meus grandes amigos da CDJ, que estiveram comigo em muitos momentos importantes da vida. Por fim, agradeço a Deus por proporcionar toda essa cadeia de eventos e relações.

A todos vocês, meu mais sincero agradecimento. Sem o apoio de cada um, este trabalho não teria sido possível.

A arte de viver assemelha-se mais à arte da luta do que à arte da dança, se considerarmos a necessidade de estar alerta, não dar passos em falso e cair e, simultaneamente, evitar ser atingido aparando os golpes imprevistos.

Marco Aurélio

RESUMO

ARANTES, Jonathan de Campos. *O boxe na cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores*. 2024. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O Boxe é um esporte de combate que tem sido relativamente subexplorado em termos de sua abrangência em estudos acadêmicos nacionais e internacionais, apesar de estar presente no Brasil desde o século XIX. Ao longo do tempo, o boxe assumiu diversas configurações na contemporaneidade, demonstrando uma diversidade de abordagens e práticas dentro desse contexto esportivo (Caratti, 2017; Santos; Silveira, 2017). Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo geral identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos. Para esta investigação, inicialmente foi realizada uma revisão de escopo com o recorte temporal de 2012 a 2023, sobre estudos que discutem o ensino do Boxe, nas principais bibliotecas científicas, a saber: Medline e Lilacs (por meio do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde), SciELO, PubMed, Scopus, Web of Science, SPORTdiscus e Oasis IBICT. Posteriormente, conduziu-se um estudo exploratório e descritivo, de caráter qualitativo, envolvendo três dirigentes e 18 treinadores de boxe atuantes na cidade do Rio de Janeiro, adequados aos critérios de inclusão predefinidos. Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com dirigentes das seguintes entidades: a) Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro (FEBERJ); b) Federação Estadual de Esporte Socioeducativo e Pugilismo do Rio de Janeiro (FPERJ); e c) Unicombat. Os treinadores participantes responderam a um questionário online elaborado e disposto por meio da plataforma Google Forms. O estabelecimento da amostra nessa etapa foi definido por meio do princípio da bola de neve, com indicações feitas pelos próprios participantes ao longo do estudo (Becker, 1997). O conteúdo das entrevistas com os dirigentes transcritas e as respostas coletadas com os treinadores por meio do questionário online foram analisados segundo as orientações delineadas por Bardin (2020). Posteriormente, foram identificadas categorias de análise para a exposição dos resultados e discussão. Ao reconhecer e abordar as lacunas existentes na literatura e nas percepções referentes à formação de treinadores, abre-se espaço para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções que promovam uma prática mais segura, inclusiva e eficaz do boxe, tanto no contexto competitivo, quanto como objeto educacional.

Palavras-chave: boxe; pugilismo; esportes de combate; ensino; formação; pedagogia do esporte.

ABSTRACT

ARANTES, Jonathan de Campos. *Boxing in Rio de Janeiro City: perceptions on coach training*. 2024. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Boxing is a combat sport that has been relatively underexplored in terms of its scope in national and international academic studies, despite having been present in Brazil since the 19th century. Over time, boxing has taken on various configurations in contemporary settings, demonstrating a diversity of approaches and practices within this sporting context (Caratti, 2017; Santos; Silveira, 2017). In this regard, the present study aims to identify and discuss the perceptions of boxing managers and coaches in the city of Rio de Janeiro regarding coach training. For this investigation, an initial scoping review was conducted with a temporal focus from 2012 to 2023, on studies discussing boxing training, in the main scientific libraries, namely: Medline and Lilacs (through the Regional Portal of the Virtual Health Library), SciELO, PubMed, Scopus, Web of Science, SPORTDiscus, and Oasis IBICT. Subsequently, an exploratory and descriptive qualitative study was carried out involving three managers and 18 boxing coaches working in the city of Rio de Janeiro, who met the predefined inclusion criteria. Semi-structured interviews were conducted with managers from the following entities: a) Rio de Janeiro State Boxing Federation (FEBERJ); b) Rio de Janeiro State Federation of Socio-Educational Sport and Boxing (FPERJ); and c) Unicombat. The participating coaches responded to an online questionnaire created and distributed via the Google Forms platform. The sample for this stage was defined using the snowball principle, with referrals made by the participants themselves throughout the study (Becker, 1997). The content of the transcribed interviews with the managers and the answers collected from the coaches via the online questionnaire were analyzed following the guidelines outlined by Bardin (2020). Subsequently, categories of analysis were identified for the presentation of the results and discussion. By recognizing and addressing the gaps in the literature and in perceptions regarding coach training, space is opened up for the development of research and interventions that promote a safer, more inclusive, and more effective boxing practice, both in the competitive context and as an educational object.

Keywords: boxing; pugilism; combat sports; training; coach education; sport; pedagogy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

Quadro 1 -	Fluxograma PRISMA.....	22
Quadro 2 -	Síntese dos estudos selecionados para análise.....	23
Quadro 3 -	Organização das unidades de contexto identificadas.....	25
Figura 1 -	Hierarquia das indicações dos treinadores de Boxe.....	112
Tabela 1 -	Informações gerais sobre os treinadores participantes.....	113
Tabela 2 -	Nº de participantes indicados por instituição.....	114
Tabela 3 -	Distribuição dos participantes por faixa etária.....	114
Tabela 4 -	Resumo estatístico sobre as idades dos participantes.....	115
Tabela 5 -	Grau de escolaridade dos participantes.....	115
Tabela 6 -	Grau de escolaridade dos participantes por instituição.....	115
Tabela 7 -	Tempo de atuação dos participantes como treinador de Boxe por instituição.....	116
Tabela 8 -	Trabalho exclusivo com Boxe ou com múltiplas modalidades.....	118
Tabela 9 -	Lista das modalidades em que os treinadores também atuam.....	118
Tabela 10 -	Região de atuação dos treinadores participantes na cidade do Rio de Janeiro por instituição.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIBA	Associação Internacional de Boxe Amador
CBBBoxe	Confederação Brasileira de Boxe
CE	Comitê de Ética em Pesquisa
CNB	Conselho Nacional de Boxe
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COVID-19	Coronavírus 2019
CT	Centro de Treinamento
DP	Doença de Parkinson
DPJ	Desenvolvimento Positivo da Juventude
FEBERJ	Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro
FPERJ	Federação Estadual de Esporte Socioeducativo e Pugilismo do RJ
FRGP	Federação Rio Grandense de Pugilismo
GE	Grupo Experimental
IBA	International Boxing Association
IMC	Índice de Massa Corporal
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
MMA	Mixed Martial Arts
NBA	Naenae Boxing Academy
NR IrSTU	Universidade Técnica Estadual de Pesquisa Nacional de Irkutsk
Oasis IBICT	Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica
PCDs	Pessoas com Deficiência

PPGCEE	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte
RJ	Rio de Janeiro
SCOPUS	SciVerse Scopus
SBYD	Sport Based Youth Development
SDB	Boxeadores em desenvolvimento sênior
SEB	Boxeadores amadores de elite sênior
SP	São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TPSR	Modelo de Ensino de Responsabilidade Pessoal e Social
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O ENSINO DO BOXE: uma revisão de escopo (2012-2023)	17
1.1	Introdução	17
1.2	Método	18
1.3	Resultados	21
1.3.1	<u>Exploração</u>	25
1.3.1.1	Biodinâmica	26
1.3.1.1.1	Estratégias de ensino aplicadas ao alto rendimento	26
1.3.1.1.2	Prescrição da prática esportiva para grupos específicos	33
1.3.1.2	Sociocultural	36
1.3.1.2.1	Impacto Social e Empoderamento	36
1.3.1.3	Pedagógica	39
1.3.1.3.1	Discussão sobre as características da interação no ensino na modalidade	39
1.3.1.3.2	Avaliação sobre a estrutura de ensino local	41
1.3.1.3.3	Análise histórico-documental sobre os fundamentos da modalidade	44
1.3.1.3.4	Idade de ingresso na modalidade	44
1.4	Discussão	45
1.4.1	<u>Inserções pedagógicas no treinamento</u>	46
1.4.2	<u>“Desesportivização”, Saúde e Adaptação Esportiva</u>	50
1.4.3	<u>Boxe, Cultura e Identidade</u>	56
1.4.4	<u>As características da interação no ensino do Boxe</u>	60
1.4.5	<u>Análise histórico-documental sobre o desenvolvimento do Boxe</u>	61
1.4.6	<u>Idade de ingresso na modalidade</u>	67
1.4.7	<u>Formação de treinadores</u>	69
1.5	Considerações Finais	71
1.6	Referências	73
2	PERCEPÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE TREINADORES DE BOXE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	76
2.1	Introdução	76
2.2	Método	77
2.3	Resultados e Discussão	80
2.3.1	<u>Entidades que ofertam cursos de formação para treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro</u>	81
2.3.1.1	Justificativas para a oferta do curso de formação de treinadores	82
2.3.1.2	Tensões sobre a legitimidade e qualidade das instituições	83
2.3.1.3	O perfil dos treinadores que ministram os cursos de formação	88
2.3.1.4	Critérios de escolha dos indivíduos aptos a participar do curso de formação	89
2.3.1.5	Formação continuada e cursos de reciclagem	92
2.3.1.6	Curadoria dos materiais utilizados durante os cursos de formação	95
2.3.1.7	A estruturação dos cursos de formação de treinadores de Boxe	99
2.3.1.8	A percepção sobre os perfis de praticantes de Boxe na contemporaneidade	102
2.3.1.9	Autocríticas e autossugestões para a melhora dos cursos oferecidos	106

2.3.1.10	Justificativas e Indicações dos treinadores para a participação no questionário.	110
2.3.2	<u>Treinadores de Boxe que atuam na cidade do Rio de Janeiro</u>	111
2.3.2.1	Dados gerais sobre o perfil dos treinadores de Boxe participantes	113
2.3.2.2	Tempo de atuação como treinador e trajetória dos participantes.....	116
2.3.2.3	Atuação com outras modalidades além do Boxe	118
2.3.2.4	Regiões da Cidade do Rio de Janeiro em que os treinadores participantes atuam	120
2.3.2.5	A realização de cursos de formação por parte dos treinadores	121
2.3.2.6	Autoavaliação sobre o processo de formação que experienciaram	122
2.3.2.7	Idealizações sobre o perfil de um treinador de Boxe	127
2.3.2.8	Idealizações sobre cursos de formação de treinadores de Boxe	131
2.3.2.9	Respostas sobre a estrutura e organização das aulas de Boxe dos participantes.....	136
2.3.2.10	Percepções dos treinadores sobre os perfis dos seus alunos de Boxe	138
2.3.2.11	Crítérios de aptidão para a prática das atividades de sparring e escola de combate.....	141
2.3.2.12	Os desafios percebidos pelos treinadores sobre o ensino da modalidade.....	143
2.4	Considerações Finais	147
2.5	Referências	149
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Dirigentes)	154
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Treinadores)	157
	APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista.....	160
	APÊNDICE D - Questionário	161
	APÊNDICE E - Carta-Convite (Dirigentes)	162
	APÊNDICE F - Carta-Convite (Treinadores).....	163
	APÊNDICE G - Carta de Anuência (Feberj)	164
	APÊNDICE H - Carta de Anuência (FPERJ)	165
	APÊNDICE I - Carta de Anuência (UNICOMBAT).....	166

INTRODUÇÃO

Atualmente, os esportes e atividades físicas desempenham um papel fundamental na vida da população, ocupando um espaço significativo em contextos sociais heterodoxos. Eles se manifestam em diversas formas, servindo como ferramentas para aliviar tensões sociais e individuais, tanto por meio de mídias, espaços de lazer, profissões, entretenimento, ou como objetos pedagógicos, tanto dentro quanto fora das instituições de ensino (Antunes; Iwanaga, 2013; Elias; Dunning 1992). No contexto das atividades físicas, as lutas, as artes marciais e os esportes de combate têm desempenhado um papel relevante, atraindo um grande número de praticantes em todo o mundo. No entanto, apesar de sua popularidade, ainda existem lacunas no conhecimento científico relacionado a essas modalidades, especialmente no que se refere aos aspectos sócio-históricos, pedagógicos e culturais envolvidos (Antunes; Almeida, 2016; Antunes, 2016; Antunes *et al.*, 2017; Macedo, 2019; Esmeraldino; Graça, 2014; Pinto, 2021). A grande influência por parte da mídia, de instituições e da sociedade, sobre o entendimento dessas práticas, por vezes produz um senso comum que pode se desconectar da realidade, trazendo riscos desnecessários para os praticantes (Antunes; Almeida, 2016). Além disso, nota-se que a oralidade ainda é predominantemente utilizada no ensino das modalidades esportivas de combate. Esse destaque é relevante ao evidenciar possíveis lacunas a serem consideradas em futuras pesquisas sobre o tema (Correia; Franchini, 2010; Franchini; Del Vecchio, 2011; Antunes, 2016; Antunes *et al.*, 2017; Macedo, 2019).

Nesse contexto, o Boxe representa uma das várias modalidades de combate presentes na sociedade, sendo um exemplo de esporte oferecido e monetizado como espetáculo pela mídia. Essa modalidade é carente de estudos debruçados sobre a sua prática e ensino, sendo utilizado como objeto de debates, dramas, obras de arte, polêmicas, negócios e representações de alguns imaginários sociais (Caratti, 2017; Macedo, 2019).

Parcamente estudado pelas ciências humanas no Brasil, o boxe é um esporte que muito se assiste e se pratica, mas pouco se pensa e se estuda. Mesmo com milhares de aficionados, campeões mundiais e medalhistas olímpicos, o boxe brasileiro (Macedo, 2019, p. 276).

Para compreender o contexto do Boxe Moderno, é necessário considerar a história da modalidade, que surgiu na Inglaterra por volta do século XVIII. A partir do século XIX, o Boxe passou por várias transformações em suas regras até adotar o formato esportivo atual. Inicialmente, os combates com os punhos eram conhecidos como "*prize-fights*", realizados sem o uso de luvas e predominantemente praticadas pela classe trabalhadora, fomentados por pequenos e grandes apostadores. Além disso, existia o "*sparring-match*", como uma prática de treinamento no qual as luvas eram utilizadas e eram mais comuns entre a aristocracia entusiasta do esporte. Neste período, as regras eram escassas. Conforme as regras da modalidade foram se desenvolvendo e somente após a popularização das "Regras do Marquês de Queensberry" em 1867 é que o Boxe adquiriu o formato esportivo moderno. Essas regras estabeleceram regulamentos mais claros e objetivos, visando proteger minimamente os lutadores e promover um combate mais equilibrado (Caratti, 2017).

No contexto brasileiro, na segunda metade do século XIX e início do século XX, o Boxe, frequentemente denominado como a Nobre Arte, foi inicialmente difundido nos estados de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), juntamente com outros costumes, modismos e produtos culturais europeus. No entanto, é importante ressaltar que houve distinções significativas na maneira como essa prática foi recebida em cada uma dessas regiões. Em São Paulo, a prática do Boxe enfrentava perseguições policiais, enquanto no Rio de Janeiro o ambiente era menos repressivo. Na capital carioca, havia investimentos por parte do empresariado artístico, que financiava a participação de lutadores estrangeiros em espetáculos realizados nos cines-teatros e circos da época. Na época, não havia instituições que regulamentassem a modalidade, então o Boxe era representado como espetáculo, atividade circense, expressão artística e corporal e como prática esportiva, de acordo com a criatividade e contexto do local. Foi apenas em 1923 que se criou a primeira comissão de Boxe em SP, seguida pelo RJ em 1925, demonstrando um primeiro sinal de regulamentação oficial no país. Com a fundação tardia da Federação Brasileira de Pugilismo em 1935, o desenvolvimento do Boxe esportivo amador foi comprometido. Esse atraso contribuiu para uma associação à violência sobre o Boxe na cultura local, uma visão que perdura até os dias atuais (Caratti, 2017).

Considerando esse encadeamento pugilístico na cidade do Rio de Janeiro, que inclui a presença atual de diversas federações cariocas reconhecidas por entidades que representam o Boxe nacionalmente, bem como a disponibilidade de cursos

voltados para a formação de treinadores, juntamente com a escassa produção de estudos sobre a modalidade, conforme destacado nas obras de Caratti (2017) e Macedo (2019), torna-se evidente a necessidade de novas investigações para explorar e identificar lacunas existentes no cenário do Boxe na cidade. Sobretudo, há uma demanda por estudos qualitativos que transcendam o contexto historicamente competitivo da modalidade e investiguem os novos espaços nos quais o Boxe tem emergido nas últimas décadas, considerando as novas demandas heterodoxas na sociedade.

Além disso, autores como Manoel e Carvalho (2011) e Telles, Lüdorf e Giuseppe (2017) apontam para o fato de que há uma desigualdade no volume de produções acadêmicas qualitativas, direcionadas ao contexto sociocultural e pedagógico. Os pesquisadores levantam a discussão sobre os impactos da predominância de produções científicas voltadas à subárea da Biodinâmica. Nesse sentido, é plausível sugerir que as lacunas presentes no cenário do Boxe, como um esporte de combate moderno pouco estudado, possam demandar ainda mais investigações qualitativas exploratórias que enfoquem estudos pertencentes às subáreas Sociocultural e Pedagógica.

Nesse contexto, o presente estudo pretende colaborar com essa demanda acadêmica, com o intuito de explorar, esclarecer e abrir caminho para novas pesquisas qualitativas sobre as múltiplas possibilidades do ensino do Boxe. Uma análise mais aprofundada das instituições, dos promotores da modalidade, dos praticantes e das percepções desses envolvidos sobre o esporte pode não apenas contribuir para seu desenvolvimento seguro, mas também ampliar sua promoção e alcance.

Para esclarecer esta discussão, o presente trabalho foi conduzido em duas etapas distintas que resultaram em estudos específicos. Inicialmente, realizou-se uma revisão da literatura sobre o ensino do Boxe, visando mapear possíveis lacunas na produção científica recente. Posteriormente, conduziu-se uma investigação acerca da percepção dos dirigentes e treinadores de Boxe que atuam na cidade do Rio de Janeiro, com foco na formação de técnicos na modalidade. Essa estrutura é denominada Modelo Escandinavo (Rufino, 2015).

O primeiro estudo foi uma revisão de escopo, intitulada “*A produção científica sobre o ensino do Boxe: uma revisão de escopo (2012-2023)*”, que considerou o recorte temporal de 2012 a 2023 e na qual utilizaram-se os termos: (pedagog* OR

teaching OR ensino) AND (boxe OR pugilism* OR boxing*). As plataformas escolhidas para essa etapa da investigação foram: Medline e Lilacs (por meio do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde), SciELO, PubMed, Scopus, Web of Science, SPORTdiscus e Oasis IBICT.

O segundo estudo, intitulado "Percepções sobre a formação de treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro", investigou a formação desses profissionais por meio da análise das percepções dos dirigentes das principais entidades que oferecem cursos na região, assim como a perspectiva dos próprios treinadores indicados. Para alcançar esse objetivo, foi conduzida uma entrevista semiestruturada com representantes de três entidades que ministram cursos de formação, incluindo a Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro (FEBERJ), a Federação Estadual de Esporte Socioeducativo e Pugilismo do Rio de Janeiro (FPERJ) e a Unicombat. Em seguida, os treinadores de Boxe, selecionados por meio do método da Bola de Neve (Becker, 1997) e que atuam na cidade do Rio de Janeiro, foram convidados a responder voluntariamente a um questionário sobre sua formação profissional.

A estruturação da formação dos treinadores revela não apenas a proximidade ou distanciamento dos agentes do Boxe com a comunidade científica, mas também reflete os diversos aspectos da modalidade na sociedade contemporânea e seus desdobramentos. Diante disso, é crucial considerar as abordagens adotadas, as percepções, as organizações esportivas envolvidas e a capacitação dos treinadores, conforme embasado pela literatura especializada. A escassez de pesquisas sobre o ensino e a formação de treinadores qualificados no Boxe, assim como a falta de integração desses profissionais com a comunidade científica, representam desafios a serem superados para promover avanços significativos nesse campo.

Portanto, o objetivo desta dissertação é identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos, além de verificar o estado atual da produção acadêmica relacionada ao ensino da modalidade.

1 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O ENSINO DO BOXE: UMA REVISÃO DE ESCOPO (2012-2023)

1.1 Introdução

O esporte desempenha um papel inegavelmente fundamental na sociedade contemporânea, que transcende a sua mera função de entretenimento e, cada vez mais, passa a ser ressignificado, ganhando outras utilidades e se tornando um campo de estudo acadêmico em constante evolução (Antunes; Iwanaga 2013). A análise crítica de diversas modalidades esportivas não apenas enriquece nosso entendimento sobre a cultura e a história de uma nação, mas também lança luz sobre uma variedade de questões sociais, políticas, pedagógicas e psicológicas que permeiam nossa vida cotidiana. No entanto, é imperativo destacar que, apesar da ampla disseminação do Boxe como um esporte popular e espetáculo midiático, os estudos acadêmicos dedicados a essa modalidade ainda permanecem escassos no contexto brasileiro (Caratti, 2017; Macedo, 2019).

Diante desses desafios, esta revisão de escopo possui o objetivo de verificar a ocorrência e as discussões presentes nos estudos relacionados ao ensino do Boxe que estejam disponíveis para consulta nos principais catálogos científicos da área. A escolha pela revisão de escopo como método permitirá uma busca ampla e abrangente das informações contidas nas bases científicas selecionadas, visando identificar a diversidade de abordagens, temas e metodologias presentes nos estudos encontrados (Thomas; Nelson; Silverman, 2012; Munn, 2018).

Esta pesquisa visa contribuir significativamente para uma compreensão mais aprofundada do tema, identificando possíveis lacunas no conhecimento científico existente e promovendo avanços no debate. Ao colaborar com a comunidade acadêmica, treinadores e dirigentes da modalidade, espera-se fornecer uma visão abrangente da produção sobre o ensino do Boxe por meio da análise comparativa e categorização dos estudos selecionados. Isso não apenas auxiliará na formação de treinadores, mas também estimulará pesquisas futuras que ampliem a compreensão das diversas dimensões envolvidas nesse esporte de combate.

1.2 Método

Esta pesquisa adota uma abordagem exploratória e configura-se como uma revisão da literatura, buscando analisar comparativamente, categorizar e refletir sobre a produção acadêmica disponível acerca do ensino do Boxe em um conjunto específico de bancos de dados (Thomas; Nelson; Silverman, 2012). Diante da amplitude e abrangência da pesquisa, esta revisão enquadra-se como uma revisão de escopo, cujo propósito é mapear e identificar os diferentes tipos de evidências presentes na literatura concernente ao tema em questão, além de esclarecer conceitos e características utilizados nesse contexto (Munn, 2018).

Em uma revisão de escopo, a metodologia permite explorar de maneira aberta e sistemática as informações contidas nos principais catálogos científicos da área. Ao optar por essa abordagem, objetiva-se realizar uma busca ampla e abrangente dessas informações, afastando-se da restrição de responder a uma pergunta específica, mas sim identificando a diversidade de abordagens, temas e metodologias presentes nos estudos disponíveis relacionados ao ensino do Boxe. A análise comparativa e a categorização dos estudos selecionados fornecem uma visão panorâmica da produção acadêmica sobre o tema, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do assunto, evidenciando lacunas potenciais no conhecimento existente. A escolha da revisão de escopo como método possibilita um mapeamento das publicações relevantes, facilitando o desenvolvimento de pesquisas futuras e promovendo a disseminação do conhecimento para a comunidade acadêmica e demais interessados na área (Munn, 2018).

A seleção dos estudos foi conduzida utilizando critérios específicos para identificar trabalhos relacionados ao ensino do Boxe em português, inglês ou espanhol, presentes nas bases científicas Medline e Lilacs (por meio do Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde), SciELO, PubMed, Scopus, Web of Science, SPORTdiscus e Oasis IBICT, e publicados no período de 2012 a 2023. A seleção do intervalo temporal foi realizada em virtude da carência de uma revisão abrangente da literatura recente sobre o assunto, englobando pesquisas publicadas na década precedente ao início desta investigação até o ano anterior à conclusão do estudo. Essa escolha se justifica pela necessidade de contextualizar o objeto estudado com base no panorama mais atualizado e relevante sobre o tema.

As datas e os descritores de busca utilizados para esta investigação foram: a) Portal Regional da Biblioteca Virtual em Saúde (18/03/2024): (pedagog* OR teaching OR ensino) AND (boxe OR pugilism* OR boxing*) AND (db:("MEDLINE" OR "LILACS")) AND (year_cluster:[2012 TO 2023]); b) SciELO (18/03/2024), PubMed (18/03/2024) e SPORTdiscus (18/03/2024): (pedagog* OR teaching OR ensino) AND (boxe OR pugilism* OR boxing*); c) Scopus (18/03/2024): TITLE-ABS-KEY ((pedagog* OR teaching OR ensino) AND (boxe OR pugilism* OR boxing*)) AND PUBYEAR > 2011 AND PUBYEAR < 2024; d) Web of Science (18/03/2024): ALL=((pedagog* OR teaching OR ensino) AND (boxe OR pugilism* OR boxing*)); e e) Oasis IBICT (18/03/2024): (Todos os campos:(pedagog* OR teaching OR ensino) AND (boxe OR pugilism* OR boxing*)).

Especificamente na plataforma Oasis IBICT, tivemos que utilizar o Zotero Connector para exportar os estudos encontrados, pois o arquivo CVS, gerado pelo banco de dados, inicialmente não foi reconhecido pela plataforma Rayyan, como se estivesse corrompido. O Zotero Connector é uma extensão para navegadores web desenvolvida para facilitar a coleta e organização de referências bibliográficas durante a pesquisa online. Essa ferramenta permite que usuários do Zotero, um gerenciador de referências gratuito, capturem informações relevantes das referências encontradas. O Zotero Connector extrai automaticamente os dados essenciais das ocorrências, como autor, título, URL e data de publicação, e os adiciona diretamente à biblioteca pessoal do usuário no Zotero. Nesta pesquisa, a extensão foi utilizada no Google Chrome, mas ela é compatível com diversos navegadores.

Tanto o termo “boxe”, como “pugilismo” ou “pugilism” são utilizados para se referir à modalidade esportiva (Caratti, 2017). O termo “boxing” foi incluído com base na investigação feita por Perez-Gutierrez, Gutierrez-Garcia e Escobar-Molina (2011) sobre terminologias recomendadas para pesquisas científicas ligadas às Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate, demonstrando ser um termo bastante recorrente em trabalhos acadêmicos. O uso dos operadores booleanos "AND" e "OR" foi realizado para agrupar os termos relacionados, e o truncador "*" foi empregado nas palavras "pedagog*", "pugilism*" e "boxing*" para captar suas variações.

Para a organização da revisão, foi utilizada a plataforma Rayyan, disponível gratuitamente. O Rayyan é uma plataforma desenvolvida para ajudar pesquisadores na revisão sistemática e síntese da literatura científica. Com ele, os pesquisadores possuem a capacidade de importar e gerenciar muitos estudos, simplificando a

seleção das publicações relevantes para a pesquisa. Estão disponíveis recursos de anotação e extração de dados, remoção de duplicatas, buscas de termos, links dos estudos, organização de informações importantes e outros. A sua interface também agiliza a colaboração entre pesquisadores, possibilitando o compartilhamento de tarefas em tempo real.

Outro recurso empregado nesta revisão de escopo foi o fluxograma PRISMA, que é uma ferramenta visual utilizada para guiar a revisão sistemática de literatura e a meta-análise em pesquisas científicas. Ele oferece um roteiro claro e transparente para conduzir uma revisão abrangente e rigorosa da literatura, garantindo a inclusão de estudos relevantes e a minimização de vieses. O fluxograma PRISMA é composto por uma sequência lógica de etapas, incluindo a identificação inicial de artigos, a triagem de títulos e resumos, a avaliação detalhada dos textos completos e, finalmente, a seleção dos estudos que atendem aos critérios de inclusão. Essa estrutura padronizada auxilia pesquisadores a conduzirem revisões sistemáticas de forma metodologicamente sólida, tornando seus resultados mais confiáveis e replicáveis.

Os critérios de inclusão adotados consistiram em selecionar estudos que atendiam aos seguintes requisitos: a) Estavam diretamente relacionados à modalidade do Boxe; b) Abordavam ou discutiam elementos pedagógicos sobre o Boxe; c) Foram publicados em formato de artigo científico. Já como critérios de exclusão, foram considerados trabalhos que não atendiam a um ou mais dos seguintes aspectos: a) Não estavam disponíveis digitalmente para consulta em sua versão original; b) Abordavam mais de uma modalidade em seu conteúdo, afastando-se do foco exclusivo no Boxe; c) Estudos publicados em outros formatos de publicação que não se enquadram como artigos científicos; d) Não estavam nos idiomas mencionados anteriormente (português, inglês ou espanhol).

Para a análise do material, adotou-se o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2020), o qual emprega procedimentos sistemáticos para facilitar a investigação e descrição das temáticas emergentes. Esses procedimentos são divididos em etapas distintas: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; e 3) Tratamento dos resultados, Inferência e Interpretação. A primeira etapa envolve a escolha dos materiais a serem analisados e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. A segunda etapa consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, por meio de regras previamente

formuladas. A terceira etapa engloba o tratamento dos resultados brutos, de modo que possam ser significativos e válidos. Nessa fase final, há a oportunidade de desenvolver operações estatísticas relevantes por meio da apresentação em quadros, diagramas, figuras ou modelos. Esses recursos complementam e sintetizam uma porção significativa das informações obtidas durante a análise. Adicionalmente, o analista tem a capacidade de sugerir inferências e antecipar interpretações, seguindo os objetivos delineados ou em resposta a novas descobertas que possam surgir durante o processo analítico (Bardin, 2020, p.121-128).

Nesse processo, os estudos encontrados foram organizados aprioristicamente, com base na natureza das pesquisas, dentro das três subáreas da Educação Física apontadas por Manoel e Carvalho (2011) e Telles, Lüdorf e Giuseppe (2017): Biodinâmica, Sociocultural e Pedagógica. Além disso, foram separados por unidades de contexto. Contudo, durante a análise dos estudos, observou-se o surgimento de categorias a partir dos temas revelados, destacando pontos adicionais para o debate sobre o ensino do Boxe. Dessa forma, as categorias presentes no tópico de discussão foram identificadas após a análise dos resultados, ampliando a compreensão e fornecendo insights adicionais para a investigação em questão.

Essa abordagem metodológica possibilitou uma investigação estruturada da produção acadêmica pertinente relacionada ao ensino do Boxe. Nesse contexto, foram identificados estudos que se dedicavam diretamente à modalidade do Boxe, com especial ênfase nos aspectos emergentes ligados ao processo de ensino. Os estudos foram selecionados devido à sua disponibilidade em formatos digitais acessíveis para consulta, além de atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos.

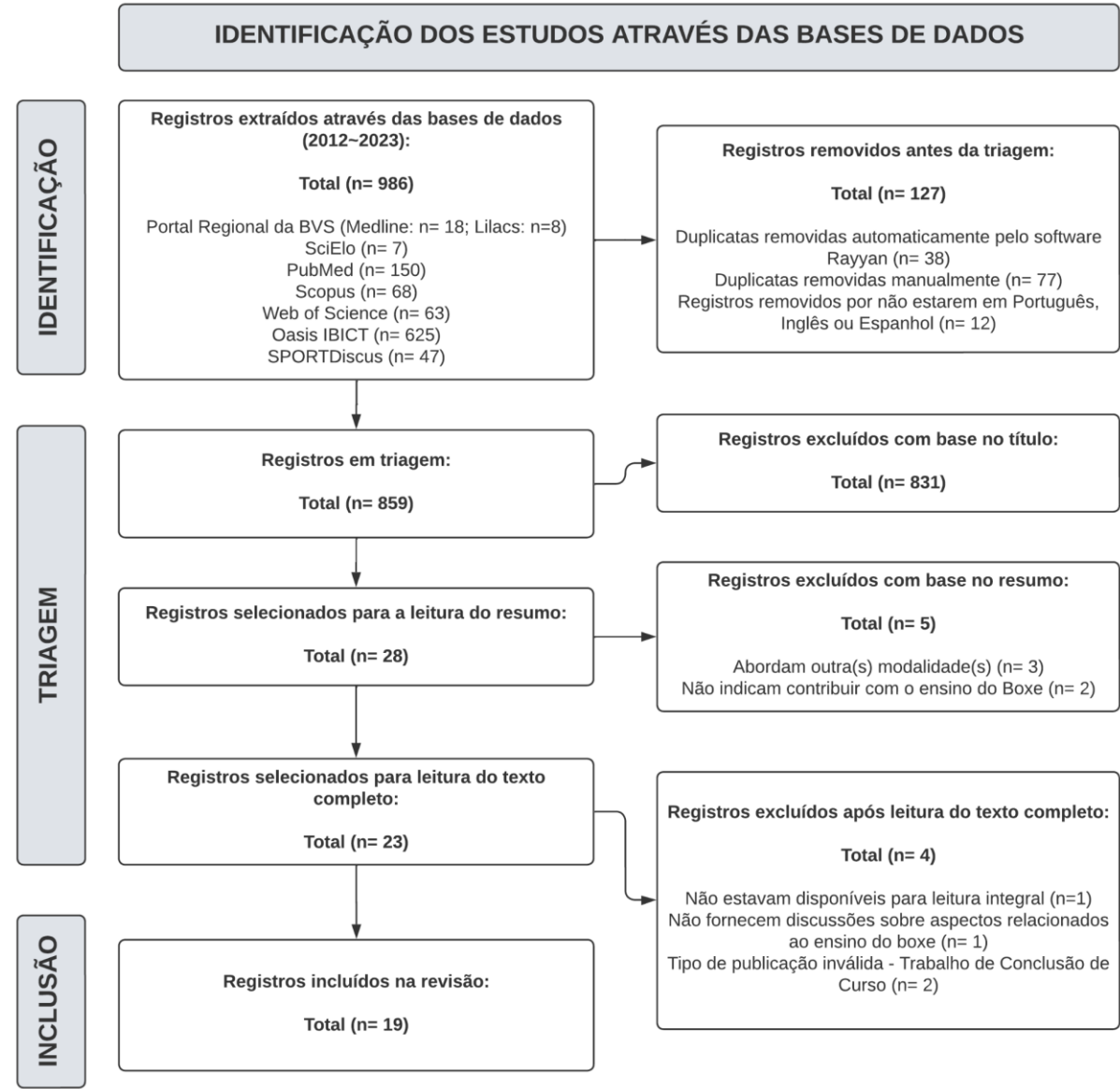
1.3 Resultados

Nesta revisão, foram identificadas 19 pesquisas dedicadas à compreensão e ao aprimoramento da prática do boxe em múltiplas dimensões. Os autores exploraram temas que variam desde estratégias de treinamento e melhoria do desempenho competitivo, questões sociais e educacionais relacionadas ao Boxe, análise histórico-documental e até a ressignificação da modalidade na contemporaneidade. Por meio de uma abordagem multidisciplinar, esses estudos buscaram oferecer insights sobre

as práticas, métodos e impactos do Boxe em diferentes contextos e públicos-alvo. Ao explorar ainda as dimensões históricas e pedagógicas, pôde-se observar tendências na formação de jovens pugilistas e na disseminação do esporte na sociedade, ainda que sejam poucos os estudos que olhem para a modalidade por essas perspectivas e levantem essas discussões.

A seguir, serão apresentados tanto o processo de seleção e triagem dos estudos, quanto a sua organização e descrição. No Quadro 1, é possível encontrar informações mais abrangentes sobre o processo de seleção das pesquisas, incluindo números e critérios adotados em cada fase da triagem.

Quadro 1 - Fluxograma PRISMA



Fonte: O autor, 2024.

No quadro subsequente, uma síntese dos estudos identificados é fornecida, abrangendo informações como ano de publicação, autores e objetivos das respectivas pesquisas. Posteriormente, serão exploradas as unidades de contexto encontradas e um resumo mais detalhado, para a melhor compreensão dos estudos.

Quadro 2 - Síntese dos estudos selecionados para análise

Ano	Autor(es)	Objetivo
2012	Day, D.	Identificar os componentes de desempenho sugeridos nos manuais de boxe do século XVIII.
2012	Mariante, F. P.; Myskiw, M.; Stigger, M. P.	Analisar a prática do boxe na academia fitness, comparando com o boxe esportivo, e explorar como essa abordagem combina significados dos boxeadores com o fitness dos alunos, considerando possíveis efeitos na natureza esportiva do boxe.
2013	Okada, M.	Investigar a competência interacional e comunicativa envolvida na prática do boxe, analisando como os participantes utilizam recursos multimodais, como gestos das mãos e movimentos corporais, para alcançar uma compreensão mútua durante a interação, e como o conhecimento profissional dos praticantes influencia sua interpretação e coordenação durante a atividade.
2014	Demidov, A. G.; Lebedinsky, V. Yu; Khomyakov, G. K.	Conduzir uma análise teórica de estudantes-pugilistas jovens e seus programas de treinamento, e com base nessa análise, criar uma metodologia de ensino direcionada a estudantes entre 17 e 18 anos de idade.
2014	Shultz, S. P. <i>et al.</i>	Explorar os efeitos de um programa de treinamento orientado para o boxe sem contato em adolescentes obesos de origem Māori e Pasifika, avaliando as melhorias nas variáveis cardiometabólicas.
2017	Nazarenko, L. D.; Kolesnik, I. S.	Aperfeiçoar o método de treinamento de jovens visando a motivação para a melhora do desempenho esportivo no boxe.
2017	Santos, F. R.; Silveira, R.	Compreender como acontece o ensino de boxe na cidade do Rio Grande/RS.

2018	Alvarado Castillo, J. L. <i>et al.</i>	Expor as experiências técnico-metodológicas na aplicação de uma bateria de Provas Pedagógicas à equipe provincial de boxe de primeira categoria pertencente à Academia de Havana, durante o Macro ciclo 2016.
2018	Cassiano, J. M.; Triani, F.	Identificar se há um consenso quanto à idade em que a criança e/ou adolescente deve ingressar no boxe.
2019	Domingos, J. <i>et al.</i>	Avaliar a aceitabilidade e segurança de um programa de boxe específico para pessoas com doença de Parkinson (DP) na comunidade.
2019	Pastor Chirino, L. A.; De La Paz Arencibia, L.; Rodríguez Pérez, M. D. L.	Avaliar o estado do planejamento do treinamento, com base nas tendências mais atuais relacionadas à interconexão de cargas e o modelo de periodização ATR na preparação de boxeadores para a Academia Provincial de Pinar del Río, Cuba.
2020	Fuerniss, K.; Jacobs, J. M.	Desenvolver o programa "She Hits Hard" para empoderamento de adolescentes do sexo feminino por meio do boxe, usando o Modelo de Ensino de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR).
2020	García Raveiro, Y.; Tabares Arévalo, R. M.; Machuat Santana, G.	Propor um conjunto de ações técnico-táticas para melhoria do trabalho da mão da frente, do rosto e do tronco dos boxeadores da primeira categoria da Academia Provincial de Boxe de Pinar del Río, Cuba.
2021	Finlay, M. J. <i>et al.</i>	Explorar as práticas de preparação física de boxeadores amadores de elite sênior (SEB) e desenvolvimento sênior (SDB) e determinar se essas práticas foram discriminadas pelo nível do competidor.
2022	Gordon, B. <i>et al.</i>	Identificar e descrever os processos e procedimentos ocorridos dentro da Academia de Boxe Naenae (Nova Zelândia) e o impacto que a participação na academia teve sobre os meninos em suas vidas mais amplas.
2023	Romanova, E. <i>et al.</i>	Aumentar o nível de competências profissionais de treinadores de Boxe, visando melhores processos educacionais e de formação. Além disso, analisar a importância de ampliar os conhecimentos, competências e habilidades profissionais dos respectivos treinadores.

2023	García-Aguilar, F.; Beltrán-Carrillo, V. J.; García, E. P.; Sánchez-Sánchez, E.	Aplicar o Modelo de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR) por meio do boxe em um grupo de adolescentes em risco de exclusão social.
2023	Kudryavtsev, M. <i>et al.</i>	Desenvolver e testar um novo programa de treino utilizando elementos do treino de boxe e, assim, aumentar a motivação para a atividade física dos jovens estudantes, em particular do sexo feminino.
2023	Zhang, X.; Cheng, N.	Desenvolver um treinamento especial de aptidão física para boxeadores profissionais.

Fonte: O autor, 2024.

1.3.1 Exploração

Foram identificadas diversas unidades de contexto dentro das três principais subáreas presentes nos programas brasileiros de pós-graduação em Educação Física: Biodinâmica, Sociocultural e Pedagógica, as quais refletem a natureza das publicações de acordo com seus objetivos (Manoel; Carvalho, 2011; Telles, Lüdorf; Giuseppe, 2017). Assim, os estudos serão detalhadamente apresentados após uma breve contextualização que enfatiza suas conexões nas respectivas unidades.

No terceiro quadro, abaixo, estão representadas as principais subáreas, suas unidades de contexto correspondentes e a quantidade de estudos incluídos em cada uma delas.

Quadro 3 - Organização das unidades de contexto identificadas

Subárea	Unidade de contexto	Nº de Estudos
Biodinâmica	Estratégias de ensino aplicadas ao alto rendimento	7
	Prescrição da prática esportiva para grupos específicos	3
Sociocultural	Impacto Social e Empoderamento	3
Pedagógica	Discussão sobre as características da interação no ensino na modalidade	1
	Avaliação sobre a estrutura de ensino localizado	3

	Análise histórico-documental sobre os fundamentos da modalidade	1
	Idade de ingresso na modalidade	1
Total		19

Fonte: O autor, 2024.

Apesar de a amostra ser pequena, ela reproduziu a predominância dos estudos na subárea Biodinâmica em detrimento das subáreas Sociocultural e Pedagógica. Autores como Manoel e Carvalho (2011) e Telles, Lüdorf e Giuseppe (2017) apontam para essa desigualdade no contexto da produtividade acadêmica relacionada ao campo da Educação Física. Portanto, dos 19 estudos selecionados, 10 (52,63%) foram organizados dentro da perspectiva da Biodinâmica, 3 (15,79%) na Sociocultural e 6 (31,58%) na Pedagógica.

Abaixo, encontram-se apresentadas as características de cada unidade de contexto identificada e um breve resumo dos estudos organizados respectivamente, para aprofundamento e discussão no tópico seguinte.

1.3.1.1 Biodinâmica

1.3.1.1.1 Estratégias de ensino aplicadas ao alto rendimento

Esses sete estudos buscam melhorar o rendimento dos boxeadores, utilizando alguns elementos pedagógicos, periodização adequada, reestruturação das aulas, investigação sobre métodos usados, etc. Os resultados são primordialmente quantitativos, voltados ao esporte competitivo, porém, alguns possuem elementos qualitativos presentes em suas discussões e conclusões, ainda que de forma superficial.

Lyudmila D. Nazarenko e Igor S. Kolesnik desenvolveram um estudo intitulado *Conditions for improving basic sports training of 13-14-year-old boxers* e publicado em 2017, cujo objetivo foi aperfeiçoar o treinamento esportivo básico de adolescentes boxeadores, buscando abordagens que mantenham o interesse, motivem os jovens e

desenvolvam suas habilidades e capacidades para alcançar sucesso no esporte. Além disso, o estudo buscou promover o espírito esportivo, aumentar o número de vitórias nas competições e incentivar o comprometimento e autorrealização dos jovens através do Boxe.

Trinta e nove (39) boxeadores com idades entre 13 e 14 anos foram divididos em dois grupos: grupo de controle (GC), com 19 adolescentes e grupo experimental (GE), com 20. Antes do início do experimento pedagógico, foi realizado um teste para avaliar o nível inicial de condicionamento físico (corridas de 30 metros, 100 metros e 1000 metros, salto em distância, flexões na barra fixa e arremesso de peso de 4 kg) e competência técnica (número de movimentos de ataque usados na atividade competitiva, características individuais da aplicação de técnicas de ataque e defesa, frequência de mudança de distância durante um round, número e diversidade de técnicas defensivas utilizadas, habilidade de aumentar a velocidade dos movimentos até o final do round). O nível de competência técnica foi avaliado por um sistema de pontuação de cinco pontos, com a participação de um grupo de especialistas composto por treinadores altamente qualificados de escolas esportivas e clubes esportivos infantis. A análise dos dados resultantes não mostrou diferenças significativas nos níveis de competência técnica entre os boxeadores do GC e do GE ($p > 0,05$). No GC, as sessões de treinamento foram conduzidas de acordo com os métodos geralmente aceitos do programa de treinamento esportivo, aprovado pela Federação de Boxe da Rússia. O GE utilizou um método de treinamento esportivo desenvolvido pelos autores, que se baseou em fornecer condições específicas para melhorar a eficiência do treinamento e da atividade competitiva.

Os resultados, segundo os autores, destacaram a importância de se iniciar o treinamento de Boxe entre as idades de 10 e 14 anos, durante a puberdade, levando em conta as especificidades do desenvolvimento nessa faixa etária. O treinamento básico abrange aspectos físicos, técnicos, táticos, intelectuais e psicológicos, com uma abordagem que evita sobrecarregar a força dos atletas. O método empregado enfoca um desenvolvimento holístico, abrangendo o treinamento físico, tático e psicológico. Nesse estágio inicial, houve um aprimoramento do treinamento físico e tático, com destaque para o desenvolvimento da estabilidade corporal, habilidades de antecipação e controle dos movimentos do oponente, além do uso da experiência para aprimorar o controle no ringue. As condições para aprimorar o treinamento envolvem criar situações de sucesso, melhorar os resultados esportivos, desenvolver a

percepção, atenção e velocidade de reação, bem como identificar peculiaridades dos combates no ringue. A implementação desse método resultou em um significativo aumento no nível de aptidão física (força, explosão e resistência) e habilidades técnicas dos jovens boxeadores. Recomenda-se a adoção desse método por treinadores de Boxe para iniciantes na faixa etária de 13 a 14 anos, como complemento aos programas existentes, devido à sua abordagem pedagógica e psicológica durante o treinamento básico. Além disso, foi ressaltada a necessidade de se investigar o impacto desse método no treinamento psicológico dos jovens atletas (Nazarenko; Kolesnik, 2017).

Publicado em 2020, o estudo de Yusmel García Raveiro, Rosa María Tabares Arévalo e Girardo Machuat Santana, intitulado *Acciones técnico-tácticas para mejorar la efectividad del trabajo de la mano de alante en boxeadores*, objetivou propor um conjunto de ações técnico-táticas para contribuir para a melhoria do trabalho da mão da frente, da cabeça e do tronco dos boxeadores da primeira categoria da Academia Provincial de Boxe de Pinar del Río, Cuba.

Cinco treinadores e dez atletas, pertencentes à equipe da primeira categoria da Academia Provincial de Pinar del Río, participaram da pesquisa. Foram utilizados, no desenvolvimento do estudo, métodos teóricos, empíricos e matemático-estatísticos, tais como: Histórico-lógico; Análise de síntese; Indutivo dedutivo; Observação; Entrevista; Análise documental; Critérios de especialistas; Métodos estatísticos. Foi feita uma aplicação prática da proposta durante três meses, com 24 observações iniciais e finais para verificar, em um primeiro momento, se os exercícios propostos foram efetivos.

Segundo os autores, a análise realizada a partir da introdução parcial das ações técnico-táticas permitiu ratificar a validade da proposta, levando em conta as visíveis transformações nas ações dos atletas com o uso da mão à frente. A implementação da proposta envolveu três ações principais: exercícios de aperfeiçoamento para a escola de Boxe, combate e equipamentos fixos e suspensos e, por fim, o procedimento de controle. Ao final do estudo, os autores destacaram que a avaliação teórica realizada por especialistas reflete a alta adequação das ações propostas para aprimorar a técnica da mão da frente em boxeadores no contexto de equipes esportivas. Essa conclusão é respaldada pela implementação da proposta na prática esportiva ao longo de três meses, período no qual transformações significativas se

tornaram evidentes nas ações dos atletas ao utilizarem a mão dianteira (García Raveiro; Tabares Arévalo; Machuat Santana, 2020).

Estudo realizado pelos pesquisadores Lázaro Alberto Pastor Chirino, Lazaro de la Paz Arencibia e Maria de Lourdes Rodríguez Pérez, em 2019, intitulado *La interconexión de las cargas en la planificación del entrenamiento, en el deporte de boxeo*, objetivou avaliar o estado do planejamento do treinamento, com base nas tendências mais atuais, relacionadas à interconexão de cargas e sistemas ATR (acumulação, transformação, realização) na preparação de boxeadores para a Academia Provincial de Pinar del Río.

A amostra foi composta por 13 atletas destacados das diferentes categorias, o que representa 52% em relação à população total de 25 atletas que estão nela. Além disso, foram considerados os 7 treinadores que trabalham na referida academia. Foram utilizados métodos de nível teórico, como: documental, histórico-lógico, indução-dedução, abordagem sistêmica estrutural e modelagem; e de nível empírico, como: entrevista, observação e mensuração.

Os resultados indicaram que a média aritmética se comportou adequadamente, levando em consideração as características dos atletas e os diferentes tipos de treinamento. A frequência cardíaca variou de acordo com as direções do treinamento, como aeróbio, resistência à força, resistência à rapidez, força rápida e rapidez. Além disso, o estudo apontou a importância da interconexão dos conteúdos do treino, especialmente combinando cargas anaeróbias aláticas e láticas. No entanto, foram identificadas algumas lacunas no conhecimento avançado da planificação do treinamento. Os pesquisadores também destacaram que a interconexão é considerada necessária no treinamento contemporâneo, mas é preciso aprimorar a orientação didática aos treinadores (Pastor Chirino; De La Paz Arencibia; Rodríguez Pérez, 2019).

Em pesquisa publicada em 2018, desenvolvida por Jorge Liuban Alvarado Castillo, Giraldo Machuat Santana, Esteban Eddy Méndez Lazo e Francisco Boffill Hernández, intitulada *Batería de test pedagógicos para evaluar la preparación de los boxeadores de primera categoría*, os autores buscaram expor as experiências técnico-metodológicas na aplicação de uma bateria de Provas Pedagógicas à equipe provincial de Boxe de primeira categoria pertencente à Academia de Havana, durante o Macro ciclo 2016.

A amostra foi constituída por 28 boxeadores da primeira categoria da Academia Provincial de Havana, com idade média de 24 anos e 5 meses, com 10 anos de prática deste esporte e que alcançaram bons resultados desportivos. Foram utilizados métodos teóricos (histórico-lógico, análise-síntese e indutivo-dedutivo) e métodos empíricos (observação e entrevista) que permitiram conhecer as irregularidades relacionadas com os procedimentos metodológicos que são utilizados na formação para a realização de testes pedagógicos. Outros métodos empíricos, como medição e pré-experiência, também foram utilizados com o objetivo de corroborar os resultados reais da aplicação desses testes. A estatística descritiva possibilitou a tabulação dos resultados obtidos, os quais foram apresentados em formato de tabela.

Durante a preparação dos boxeadores, foram realizados testes pedagógicos no início e no final de cada fase de treinamento. Isso permitiu uma avaliação prática dos atletas e uma melhoria significativa em seu desempenho. A aplicação desses testes ao longo da preparação proporcionou uma planificação mais personalizada para cada boxeador, levando em conta suas categorias de peso. Como resultado, todos os atletas avaliados receberam notas positivas no final do estudo (Alvarado Castillo *et al.*, 2018).

O estudo de Mitchell James Finlay, Richard Michael Page, Matt Greig e Craig Alan Bridge, publicado em 2021, intitulado *The association between competitor level and the physical preparation practices of amateur boxers*, objetivou explorar as práticas de preparação física de boxeadores amadores de elite sênior (SEB) e desenvolvimento sênior (SDB) e determinar se essas práticas foram discriminadas pelo nível do competidor.

Sobre a amostra, 101 boxeadores amadores completaram a pesquisa, incluindo 59 SEB (Média $\pm$ DP sexo 50 homens 9 mulheres; idade 20 ± 3 anos; massa $71,5 \pm 9,7$ kg; experiência de treinamento 7 ± 2 anos) e 42 SDB (Média $\pm$ DP sexo 35 homens 7 mulheres; idade 21 ± 4 anos; massa $69,4 \pm 9,9$ kg; experiência de treinamento 6 ± 2 anos). Foram utilizados métodos de coleta de dados por meio de um questionário online desenvolvido com o auxílio do software de formulários do Google. O questionário abordou informações sobre características dos participantes, como sexo, idade, massa corporal e experiência de treinamento, além de investigar a compreensão, percepções e aplicação de estratégias de preparação física no Boxe amador. Os participantes foram questionados sobre seus horários de treinamento, modos de treinamento utilizados, formatos de sessão, equipamentos e métodos de

monitoramento da intensidade do treinamento, realização de testes de aptidão física e percepções sobre o benefício do suporte científico. A análise estatística incluiu testes qui-quadrado e teste U de Mann-Whitney para determinar associações e diferenças nos métodos de preparação física de acordo com o nível de competição. O software utilizado para análise foi o SPSS 25.0 para Mac, e o nível de significância estabelecido foi $p < 0,05$.

Os resultados indicaram que os boxeadores SEB (amadores de elite sênior) apresentaram maior utilização de treinamento de força/potência, monitoramento de intensidades de treinamento e realização de testes regulares de condicionamento físico em comparação com os SDB (em desenvolvimento sênior). Além disso, os SEB tinham maior probabilidade de ter sua preparação física gerenciada por um treinador de força e condicionamento ou cientista do esporte. A implementação de práticas científicas foi limitada pelo custo, especialmente entre os SDB. Esses resultados fornecem uma base para aprimorar as práticas preparatórias no Boxe amador, enfatizando a importância de uma abordagem mais científica e o uso de métodos econômicos para desenvolver, monitorar e avaliar o desempenho físico dos boxeadores amadores (Finlay *et al.*, 2021).

Estudo publicado em 2014 por Demidov, Lebedinsky e Khomyakov, intitulado *Technical and tactical training of students-boxers at the initial training phase*, objetivou conduzir uma análise teórica de pugilistas jovens e seus programas de treinamento, para, com base nessa análise, criar uma metodologia de ensino direcionada a estudantes entre 17 e 18 anos de idade.

A amostra do estudo consistiu em estudantes de 17 a 18 anos matriculados na Universidade Técnica Estadual de Pesquisa Nacional de Irkutsk (NR IrSTU) que participavam das aulas de Educação Física com especialização esportiva em Boxe. A amostra incluía tanto alunos que estavam no início do treinamento básico quanto aqueles que já haviam dominado as técnicas principais do Boxe e optaram por continuar o treinamento em um modo voltado para a promoção da saúde. Com o objetivo de abordar de maneira mais eficiente a distribuição da carga horária entre condicionamento físico, treinamento físico especializado e treinamento técnico e tático, foi desenvolvido um método de ensino para a fase inicial de treinamento de estudantes-boxeadores com idade entre 17 e 18 anos. Esse método foi implementado nas aulas de Educação Física, permitindo que os alunos aprendessem os fundamentos do Boxe ao longo de um ano. A ênfase foi dada ao ensino de ações

ofensivas e defensivas em diferentes distâncias de combate, com o desenvolvimento de técnicas inovadoras de ensino.

Segundo os pesquisadores, a implementação do novo método de treinamento empregado resultou em melhorias significativas no processo de ensino-aprendizagem, levando ao aumento do número de estudantes que obtiveram resultados satisfatórios (Demidov; Lebedinsky; Khomyakov, 2014).

Os pesquisadores Xiaofeng Zhang e Nan Cheng publicaram, em 2023, o estudo intitulado *Special training for boxer's athletic ability and body control*, cujo objetivo foi desenvolver um treinamento especial de aptidão física para boxeadores profissionais. Para essa finalidade, a pesquisa examinou o treinamento especializado de boxeadores profissionais da *Sports Academy*, utilizando uma variedade de recursos, incluindo revisão da literatura, entrevistas com especialistas e experiências pessoais. A análise dos resultados foi conduzida por meio de métodos estatísticos matemáticos.

Foram utilizados 3 métodos de treinamento para o estudo, chamados de "treinamento especial de alta intensidade", "treinamento especial intensivo" e "treinamento de desenvolvimento". O artigo aborda o boxe por uma perspectiva de alto rendimento e sugere diretrizes com o foco exclusivo na melhora do desempenho competitivo dos boxeadores. Nesse sentido, a pesquisa identifica diferentes categorias de atributos de força aplicáveis aos boxeadores, destacando as divisões em habilidades básicas e especiais, como força, velocidade e resistência. Sugere-se que o treinamento de força completo para boxeadores deve ocorrer de 2 a 3 vezes por semana, com uma redução na intensidade duas semanas antes da competição. O treinamento de máxima força é recomendado, visando alcançar 85% da capacidade máxima, com uma frequência de três vezes ao dia. A velocidade de força, por sua vez, refere-se à capacidade dos músculos em liberar sua força rapidamente, sendo recomendado o uso de cargas mais elevadas para o desenvolvimento da força explosiva. Os atletas devem seguir uma sequência específica de treinamento para o desenvolvimento de força e resistência, controlando rigorosamente as repetições e intervalos para promover o crescimento muscular e a resistência física.

Os autores apontam que o método de treinamento específico no boxe não se limita apenas à conformidade com as regras da modalidade; ele também visa fortalecer o sistema respiratório e cardiovascular dos atletas, preparando-os para lidar com diversas situações durante as competições. Além disso, os treinadores

desenvolvem programas de treinamento personalizados, levando em consideração as características físicas e de competição de cada atleta, com o objetivo de aprimorar sua qualidade geral. O treinamento de alta intensidade e intensivo é empregado para melhorar a capacidade ofensiva ativa dos boxeadores na fase inicial, garantindo que acumulem energia suficiente para os próximos embates. Durante o treinamento anaeróbico, os atletas realizam exercícios especiais para manter seu estado competitivo nas etapas finais das partidas (Zhang; Cheng, 2023).

1.3.1.1.2 Prescrição da prática esportiva para grupos específicos

Nesta unidade de contexto, estão incluídos três estudos que abordam a adaptação da prática para grupos em contextos específicos. Embora a maioria dos resultados discutidos ainda seja embasada em indicadores quantitativos, esses estudos também incorporam elementos qualitativos que avançam a discussão sobre essas adaptações.

Publicado em 2019, o estudo de Josefa Domingos, Danique Radder, Sara Riggare, Catarina Godinho, John Dean, Mariella Graziano, Nienke M. de Vries, Joaquim Ferreira e Bastiaan R. Bloem, intitulado *Implementation of a Community-Based Exercise Program for Parkinson Patients: Using Boxing as an Example*, avaliou a aceitabilidade e segurança de um programa de Boxe específico para pessoas com doença de Parkinson (DP) na comunidade.

A amostra total foi constituída por vinte e seis pessoas com DP (62% homens) e 10 instrutores de Boxe. O estudo adotou uma abordagem qualitativa descritiva para investigar a implementação de um programa de Boxe em um ambiente comunitário. Para isso, foram realizadas três etapas: desenvolvimento de recursos educacionais, realização de uma oficina educativa e avaliação de acompanhamento ao longo de 18 meses.

Os autores constataram que 81% dos pacientes e 80% dos instrutores expressaram uma grande satisfação com o programa. Os instrutores consideraram os materiais educacionais como "muito úteis" (60%) ou "úteis" (40%). Quanto aos pacientes, 54% demonstraram um interesse claro no programa, enquanto 46% manifestaram um possível interesse. Inicialmente, o programa começou com 10

participantes; contudo, ao atingir os 18 meses de acompanhamento, o número aumentou para 40 participantes, com quatro sessões de Boxe por semana, conduzidas por três instrutores. Dos 17 pacientes que responderam ao questionário de acompanhamento, a maioria (53%) afirmou estar "muito satisfeita" com o programa, seguida por 35% que se declararam "satisfeitos" e 12% que se mostraram neutros em relação à satisfação. Os efeitos adversos foram leves, como dores musculares. As principais barreiras para a participação foram o transporte e a deficiência física (Domingos *et al.*, 2019).

O estudo desenvolvido por Sarah P. Shultz, Lee Stoner, Danielle Lambrick e André M Lane, publicado em 2014, intitulado *A boxing-oriented exercise intervention for obese adolescent males: findings from a pilot study*, buscou explorar os efeitos de um programa de treinamento orientado para o Boxe sem contato em adolescentes obesos de origem Māori e Pasifika, avaliando as melhorias nas variáveis cardiometabólicas.

Participaram da pesquisa três adolescentes do sexo masculino ($14,4 \pm 0,2$ anos), classificados como obesos com base no índice de massa corporal (IMC). Dois participantes eram de origem das Ilhas do Pacífico e um participante era Māori. Os critérios de exclusão foram estabelecidos para garantir a segurança durante o exercício de alta intensidade, e todos os participantes receberam consentimento informado por escrito. O estudo piloto tinha como objetivo recrutar vinte adolescentes obesos do sexo masculino, sendo aleatoriamente designados para um grupo de controle ou intervenção, porém apenas três participantes foram recrutados. Os participantes realizaram sessões de treinamento de uma hora, três vezes por semana, durante 12 semanas, envolvendo atividade aeróbica de alta intensidade e treinamento de resistência progressiva. Foram realizadas avaliações de saúde antes e depois da intervenção, incluindo medidas de composição corporal, espessura da gordura visceral, rigidez arterial central e carotídea, além de avaliações psicológicas por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise estatística foi realizada usando o SPSS versão 20.0, com tamanhos de efeito relatados usando o d de Cohen.

Nos resultados, os pesquisadores apontaram que não houve mudança significativa no peso corporal ou no índice de massa corporal (IMC) dos participantes. No entanto, foi observada uma diminuição moderada na espessura da gordura visceral, indicando melhora na composição corporal. Não houve alteração na pressão de pulso central, mas houve uma pequena melhoria na rigidez arterial carotídea (β),

sugerindo benefícios para a função cardiovascular. Durante as entrevistas, os participantes relataram benefícios subjetivos do programa de treinamento de Boxe, incluindo aumento da autoconfiança, autoestima, satisfação pessoal e melhor desempenho escolar. Os pais também observaram melhorias na autoconfiança e disposição para participar de novas atividades por parte dos participantes. O estudo enfrentou dificuldades no recrutamento de participantes, resultando em um número menor do que o esperado. Sugere-se que o recrutamento por meio de escolas, igrejas e grupos de jovens, além de envolver membros-chave da comunidade, pode ser mais eficaz. Uma abordagem liderada por outros jovens e eventos comunitários também foram sugeridos como estratégias de recrutamento (Shultz *et al.*, 2014).

Em 2023, os pesquisadores Kudryavtsev, Kovalev, Osipov, Galimov, Isaev, Petukhova, Vorozheikin, Kolokoltsev, Tyupa, Balashkevich e Karpenko publicaram o estudo intitulado *Improving the physical health of female students using boxing specialization in physical education*, cujo objetivo foi desenvolver e testar um novo programa de treino utilizando elementos do boxe, e assim aumentar a motivação para a atividade física de jovens estudantes, em particular do sexo feminino.

O experimento foi conduzido durante o período letivo de 2022-2023 no Departamento de Educação Física da Universidade Siberiana, localizada em Krasnoyarsk, Rússia. A amostra consistiu em 106 estudantes do sexo feminino, com idades entre 18 e 20 anos (média de $18,3 \pm 1,2$ anos), que foram designadas para o grupo experimental (GE). Esse grupo foi composto por alunas do 1º e 2º ano da universidade, matriculadas em disciplinas obrigatórias de Educação Física com foco na especialização esportiva em boxe.

Os participantes do grupo experimental foram submetidos a um programa de treinamento baseado na norma estadual de treinamento físico para boxe. Esse programa abrangeu dois macrociclos, correspondentes a dois semestres universitários, com etapas de trabalho variando de duas a nove semanas cada. Os treinamentos compreenderam seções de treinamento físico geral e especial, com foco adicional em técnicas, táticas e aspectos psicológicos específicos do Boxe. Para avaliar a aptidão física dos participantes, foram conduzidos testes motores aceitos, incluindo medidas morfológicas (como comprimento corporal, peso corporal e índice de massa corporal) e funcionais (como pressão arterial, frequência cardíaca em repouso, força manual e capacidade vital dos pulmões). A análise estatística dos resultados foi realizada por meio de métodos paramétricos, estabelecendo-se um

nível de significância em $p < 0,05$. Esse processo foi conduzido utilizando o software STATISTICA 10.0 e o MS Excel 2010. O estudo foi realizado em conformidade com os princípios éticos estabelecidos na Declaração de Helsinque de 2008.

Os autores destacaram que os indicadores morfológicos, funcionais e as qualidades motoras evidenciaram melhorias significativas em meninas que participaram do programa de Educação Física com inclusão do Boxe, destacando uma eficácia mais marcante desse programa em relação às aulas tradicionais de desenvolvimento físico geral (Kudryavtsev *et al.*, 2023).

1.3.1.2. Sociocultural

1.3.1.2.1. Impacto Social e Empoderamento

Foram incluídos, nesta unidade de contexto, três estudos que abordam a prática esportiva como ferramenta para lidar com questões sociais, tais como a inclusão, o empoderamento feminino, a aquisição de liderança e protagonismo no contexto comunitário, a influência positiva para jovens marginalizados, e outros pontos de tensão discutidos sobre as mudanças no comportamento dos praticantes e o impacto na sociedade.

Em estudo publicado em 2022 por Barrie Gordon, Paul M. Wright, Michael A. Hemphill e Pale Sauni, intitulado *Inside the “black box” of a long-term sport-based youth development boxing academy in New Zealand*, os autores buscaram identificar e descrever os processos e procedimentos ocorridos dentro da Academia de Boxe Naenae e o impacto que a participação na academia teve sobre os meninos em suas vidas mais amplas.

O estudo investigou a Naenae Boxing Academy (NBA), um programa de desenvolvimento da juventude baseado em esportes (SBYD) que tem atendido meninos jovens na Nova Zelândia. Embora esse programa fosse inicialmente focado em meninos, uma classe apenas para meninas foi introduzida recentemente. Devido ao tempo limitado de execução, esta turma não foi incluída no estudo. O estudo de caso utilizou uma abordagem de métodos mistos com um desenho convergente. As principais fontes de dados incluíram pesquisas, observações sistemáticas, extensas

anotações de campo, além de entrevistas e grupos focais com participantes jovens, treinadores e outros envolvidos. Fontes de dados adicionais incluíram documentos e artefatos.

Os autores destacaram a importância de criar um ambiente positivo e de apoio, desenvolver relacionamentos significativos e proporcionar uma experiência esportiva de qualidade para obter resultados positivos no desenvolvimento juvenil. O programa NBA demonstrou sucesso ao oferecer um espaço seguro onde os meninos se sentem pertencentes, têm diversão, melhoram sua forma física e adquirem habilidades no Boxe. Os resultados obtidos estão alinhados com pesquisas anteriores em outros esportes e reforçam a importância de se estabelecer um clima adequado para o sucesso de programas SBYD. Sendo assim, o programa NBA teve um impacto positivo na vida dos meninos e suas famílias, proporcionando-lhes uma base segura para superar dificuldades e crescer como indivíduos (Gordon *et al.*, 2022).

Foi publicado em 2020 um estudo desenvolvido por Karisa Fuerniss e Jennifer M. Jacobs, intitulado *We Are Strong: Strategies for Fostering Body Empowerment in a Boxing Program for Middle School Girls*, cuja intenção foi implementar um programa de Boxe, intitulado "She Hits Hard", com o objetivo de promover o empoderamento corporal e ensinar estratégias de empoderamento para adolescentes do sexo feminino. O programa utilizou o Modelo de Ensino de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR), proposto em 2011 por Hellison, reconhecendo o esporte como uma ferramenta eficaz para ensinar habilidades importantes para a vida. O estudo buscou explorar como a participação no programa de Boxe poderia melhorar a imagem corporal das alunas e promover o desenvolvimento de competências físicas e habilidades para a vida, que poderiam ser aplicadas em outras áreas além do esporte.

Foram selecionadas para o programa estudantes do sexo feminino na 6ª, na 7ª e na 8ª série (idades entre 11 e 14 anos). Das 20 alunas que participaram, 40% eram caucasianas, 35% afro-americanas e 25% hispânicas. As jovens foram encaminhadas ao programa pelo conselheiro escolar e convidadas individualmente para o programa. Depois de algum tempo, as alunas puderam convidar outras alunas para o programa, a fim de capacitá-las como líderes e tomadoras de decisão. A implementação do programa "She Hits Hard" teve a colaboração com a administração escolar, como o diretor e o orientador educacional. O programa seguiu o formato típico de aula TPSR, com atividades físicas integradas à prática de habilidades para a vida. Os treinadores foram capacitados para liderar as sessões utilizando o modelo TPSR e estratégias

específicas de ensino baseadas em responsabilidade. Foram estabelecidas conexões significativas e saudáveis com os envolvidos no programa, como colegas, pais e adultos, para criar um ambiente acolhedor e de apoio. Além disso, foram utilizadas estratégias de empoderamento corporal, como o uso de mantras, chamados e o "Círculo de Elogios". Também foram aplicadas estratégias de reflexão, como a utilização de cartões de imagem Soularium e entrevistas com os treinadores e as alunas. O estudo buscou avaliar o impacto do programa nas percepções da imagem corporal das alunas e sua aplicação das habilidades aprendidas em outros contextos.

Segundo as autoras, o programa "She Hits Hard" ("Ela bate forte") demonstra como o Boxe juvenil não tradicional e o empoderamento corporal podem ser integrados em um programa para jovens. Foram utilizadas quatro estratégias de fortalecimento do corpo, alinhadas com a abordagem TPSR, que valoriza os pontos fortes dos jovens, prioriza a construção de relacionamentos e promove habilidades para a vida. Recomendou-se que os praticantes considerem os elementos desse programa ao desenvolver programas com objetivos específicos, adaptando-os às necessidades e metas dos jovens em seu contexto de desenvolvimento. Destacou-se também que encontrar um equilíbrio entre o conteúdo do Boxe e o conteúdo das habilidades para a vida é um desafio, mas é importante priorizar tanto o ensino de habilidades significativas para a vida quanto o prazer e a construção de relacionamentos. A avaliação da eficácia do programa em promover o empoderamento corporal dos jovens deve levar em consideração não apenas evidências comportamentais, mas também percepções alteradas como indicadores de sucesso. É aconselhável que os profissionais implementem ferramentas de avaliação do programa para garantir a fidelidade e monitorar a eficácia na consecução dos objetivos estabelecidos (Fuerniss; Jacobs, 2020).

Em 2023, os pesquisadores García-Aguilar, F., Beltrán-Carrillo, V. J., García, E. P. e Sánchez-Sánchez, E. publicaram o estudo chamado *El boxeo como recurso educativo con adolescentes en riesgo de exclusión social*, com o objetivo de avaliar os efeitos de um programa de boxe baseado no Modelo de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR), proposto por Hellison (Hellison, 2011, citado por García-Aguilar; Beltrán-Carrillo; García; Sánchez-Sánchez, 2023), em adolescentes em situação de risco de exclusão social. Esse estudo utilizou como base a iniciativa presente na publicação de Karisa Fuerniss e Jennifer M. Jacobs (2020), porém com outro público-alvo.

A amostra do estudo concentrou-se em onze participantes do sexo masculino com idades entre 15 e 18 anos (5 pertencentes ao grupo de intervenção e 6 ao grupo de controle). O programa foi aplicado durante nove semanas, com frequência de três sessões de uma hora por semana. Todos os participantes responderam aos questionários selecionados para mensuração das variáveis do estudo, tanto no início quanto no final do programa de boxe.

O estudo aborda a questão da exclusão social entre os jovens, ressaltando a importância de intervenções eficazes para prevenir e mitigar esse fenômeno. O Modelo de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR) de Hellison é apresentado como uma abordagem promissora para promover o desenvolvimento positivo dos jovens, utilizando o exercício físico e o esporte como instrumentos educacionais. Adicionalmente, o estudo resalta a importância do Boxe e de outros esportes de combate na promoção do desenvolvimento social e emocional dos jovens, citando benefícios como redução da agressividade, aprimoramento do autocontrole e da autoestima, e aumento da inclusão. As variáveis analisadas incluíram motivação para o exercício físico, atitudes em relação à violência, comportamento agressivo, autoestima e consumo de substâncias. A hipótese era que os participantes do programa de boxe apresentariam melhorias nessas variáveis em comparação com um grupo controle.

Os resultados da pesquisa revelaram um aumento na motivação intrínseca para a prática de exercícios físicos e uma redução nas formas de regulação externa e introjetada no grupo que participou da intervenção em comparação com o grupo controle. Embora não tenha havido uma diminuição no consumo de tabaco, álcool e outras drogas após o programa de boxe, também não foram observados aumentos nas atitudes em relação à violência ou ao comportamento agressivo. Esses achados sugerem que o Boxe pode ser uma atividade esportiva adequada para jovens em situação de risco de exclusão social, desde que seja abordado dentro de um contexto teórico adequado (García-Aguilar; Beltrán-Carrillo; García; Sánchez-Sánchez, 2023).

1.3.1.3 Pedagógica

1.3.1.3.1 Discussão sobre as características da interação no ensino na modalidade

Esta unidade de contexto foi criada para contemplar um estudo sobre linguagem que expõe como ocorre a interação/comunicação entre os treinadores e praticantes de Boxe, através de diferentes tipos de trocas verbais e corporais.

Misao Okada desenvolveu um estudo, em 2013, intitulado *Embodied interactional competence in boxing practice: coparticipants' joint accomplishment of a teaching and learning activity*, com o objetivo de investigar a competência interacional e comunicativa envolvida na prática do Boxe, analisando como os participantes utilizam recursos multimodais, como gestos das mãos e movimentos corporais, para alcançar uma compreensão mútua durante a interação, e como o conhecimento profissional dos praticantes influencia sua interpretação e coordenação durante a atividade.

Uma treinadora de Boxe feminina chamada Naomi e um jovem boxeador profissional do sexo masculino chamado Osamu foram recrutados para o estudo. Foi feita uma análise de aproximadamente 470 minutos de interação natural entre eles, a qual foi registrada em vídeo. Os dados foram coletados em uma academia de Boxe em Hokkaido, Japão, e envolveram diversas práticas de Boxe, nas quais o treinador coordenava seus comportamentos vocais e não vocais para corrigir as reações incorretas do boxeador. O estudo se concentrou em identificar e analisar os momentos em que ocorreram desentendimentos e erros de interpretação por parte do boxeador.

O autor destacou que os participantes desse estudo demonstraram um forte grau de orientação para alcançar uma compreensão mútua da atividade por meio do monitoramento e análise das ações um do outro durante uma vez. A competência interacional, que possibilita essa compreensão intersubjetiva, envolve três características: (1) a natureza multimodal dos recursos interacionais, (2) a organização de diferentes partes do corpo do falante e (3) o conhecimento profissional de ambos os participantes na prática do Boxe. A capacidade de um ouvinte atribuir significado à combinação intrincada de comportamentos vocais e não vocais de um falante é necessária para alcançar uma compreensão congruente do que está acontecendo. O artigo exemplifica como tais competências interacionais são realizadas no contexto do aprendizado de movimentos físicos no Boxe (Okada, 2013).

1.3.1.3.2 Avaliação sobre a estrutura de ensino local

Os três estudos nesta unidade de contexto examinam, sob diferentes perspectivas, o ensino e a formação no boxe, situando esses processos em contextos específicos. Eles investigam as necessidades dos treinadores, as interações entre instrutores e alunos, bem como entre os próprios alunos. Além disso, discutem questões relevantes relacionadas às estruturas organizacionais esportivas e às mudanças observadas na prática do esporte contemporâneo.

Estudo realizado por Flávio Py Mariante, Mauro Myskiw e Marco Paulo Stigger, publicado em 2012, intitulado *Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico*, teve como objetivo analisar e compreender como o Boxe é praticado na academia de fitness, identificando as semelhanças e diferenças em relação à prática convencional do Boxe esportivo. Além disso, buscaram investigar como a prática na academia combina os significados dos boxeadores com o fitness dos alunos, questionando se esse contexto de academia resulta em uma desesportivização do Boxe.

Para realizar essa etnografia, os pesquisadores avaliaram alunos, professores e funcionários de uma academia que oferece aulas de Boxe e outras modalidades em Porto Alegre. Foram feitas observações quatro vezes por semana, especialmente no turno da noite. Registraram-se dados oriundos das conversas informais, comportamentos, dinâmicas de funcionamento das aulas, diálogos entre alunos, entre professores e alunos e em outros espaços da academia. Após a coleta das anotações, algumas pessoas que poderiam fornecer elementos úteis foram selecionadas para uma entrevista semiestruturada de caráter "aberto", na perspectiva de uma conversa.

Após a análise do material empírico por meio de um estudo etnográfico, os autores identificaram diferentes formas de pensar e vivenciar o Boxe, o que evidenciou uma heterogeneidade no interior do ambiente. A prática do Boxe nesse contexto apresentou características próprias, combinando elementos do fitness e reescrevendo as práticas em novas condições de produção e mercado simbólico. Foi observada uma possível desesportivização do Boxe, em que a prática foi reapropriada e se afastou dos padrões tradicionais de competição, admitindo outros significados, técnicas e referências corporais. Esse processo de hibridização e desesportivização do Boxe levantou questões sobre a própria noção de esporte e evidenciou a influência

do contexto e dos interesses dos praticantes na formação do Boxe da academia (Mariante; Myskiw; Stigger, 2012).

Pesquisa realizada por Francisco Rodrigues dos Santos e Raquel da Silveira, intitulada *‘Saber-fazer’ é necessário para ensinar: reflexões sobre o ensino do boxe em Rio Grande*, foi publicada em 2017, com o objetivo de compreender como acontece o ensino de Boxe na cidade do Rio Grande/RS.

Quatro professores masculinos (não foram identificadas mulheres atuando como professoras de Boxe nas buscas), com diferentes experiências e locais de atuação foram a amostra desse estudo. Os pesquisadores optaram por uma abordagem qualitativa, utilizando um método de mapeamento seguido de entrevistas semiestruturadas com quatro professores de Boxe da cidade de Rio Grande. Após a transcrição e sistematização das entrevistas, as falas foram analisadas com foco no processo de ensino do Boxe, permitindo a identificação de padrões e reflexões sobre as metodologias utilizadas pelos professores.

Os autores identificaram que, independentemente dos objetivos e espaços, os meios de ensino do Boxe são predominantemente baseados em formas miméticas, repetitivas e com interação coletiva. A repetição exaustiva das técnicas e a familiaridade com a técnica dos movimentos são características essenciais no processo de ensino do Boxe, conforme relatado pelos professores entrevistados. Existe uma metodologia própria de ensino do Boxe compartilhada pelos professores, independente das diferenças de espaços, objetivos e vinculação com a prática. Os professores entrevistados não estão familiarizados com os saberes desenvolvidos sobre pedagogias das lutas pela área da Educação Física, levantando questões sobre a falta de diálogo entre o âmbito acadêmico e os locais de prática de Boxe, bem como com as instituições e federações formadoras de técnicos e instrutores dessa modalidade (Santos; Silveira, 2017).

Em 2023, os autores Romanova, E., Mischenko, N., Vorozheikin, A., Tyupa, P., Salugin, F., Aganov, S., Anisimov, M., Trifonenkova, T. e Kiseliv, Y. publicaram o estudo intitulado *Analysis of the state of professional competence of boxing coaches*, cujo objetivo foi aumentar o nível de competências profissionais de treinadores de Boxe, visando melhores processos educacionais e de formação, além de analisar a importância de ampliar os conhecimentos, competências e habilidades profissionais dos respectivos treinadores.

Participaram do estudo 16 treinadores de Boxe na cidade de Chelyabinsk, Rússia. O método utilizado foi um questionário modificado baseado em três blocos: "Atividade Profissional", "Habilidades Requeridas" e "Conhecimentos Necessários", cada um contendo um número específico de questões. As respostas foram avaliadas usando uma escala de 3 pontos, na qual 1 representava a pontuação mais baixa (indicando que o especialista não precisa melhorar suas competências), 2 correspondia a uma vontade média de melhorar as competências e conhecimentos profissionais, e 3 indicava a necessidade de desenvolvimento profissional em conhecimentos e habilidades. Os dados foram analisados utilizando o software STATISTICA 10.0 e MS Excel 2010, e o cálculo do qui-quadrado (χ^2) foi utilizado para determinar diferenças significativas, com um nível de significância estatística estabelecido em $p < 0,05$. As diferenças foram consideradas críticas quando o valor do χ^2 foi maior que o valor crítico estabelecido.

Os pesquisadores discutiram sobre a relevância fundamental da competência dos treinadores de Educação Física na promoção da saúde e do bem-estar. Destacou-se a necessidade constante de adaptação dos programas educativos e das abordagens de ensino, bem como o aprimoramento contínuo dos profissionais e o uso de métodos inovadores. No entanto, os autores apontaram para uma lacuna significativa de estudos sobre o desenvolvimento de competências específicas para treinadores de Boxe, destacando a importância de uma análise mais detalhada para identificar áreas de aprimoramento profissional e necessidades específicas de formação.

Os resultados do estudo indicam que os treinadores de Boxe expressaram um alto interesse em diversos temas relacionados à sua atividade profissional, competências profissionais e conhecimento teórico. Notavelmente, houve uma forte preferência por métodos inovadores de treinamento esportivo e tecnologias de informação e comunicação. Esses resultados estão alinhados com pesquisas anteriores e sugerem uma tendência crescente entre os treinadores de adotar abordagens contemporâneas na formação de atletas. Tais dados indicam a necessidade de organizar e realizar formação complementar aos treinadores de Boxe, o que aumentará o nível das suas competências profissionais (Romanova *et al.*, 2023).

1.3.1.3.3 Análise histórico-documental sobre os fundamentos da modalidade

Trata-se de unidade de contexto criada para contemplar um estudo de análise histórico-documental sobre os manuais de Boxe, evidenciando aspectos dos fundamentos da modalidade que podem ser úteis para discutir elementos presentes no ensino e na configuração do esporte até os dias de hoje.

Em pesquisa publicada em 2012 por Dave Day, intitulada *Science, wind and bottom: eighteenth-century boxing manuals*, buscou-se identificar os componentes de desempenho sugeridos nos manuais de Boxe do século XVIII.

A amostra foi constituída por manuais de Boxe do século XVIII. Foram revisados diversos manuais de Boxe do século XVIII, analisando cuidadosamente suas descrições e instruções. Por meio da comparação das informações contidas nesses manuais, foram identificados padrões e tendências que caracterizaram o treinamento do Boxe daquela época. Essa abordagem possibilitou uma análise mais profunda sobre o desenvolvimento e a prática do Boxe no século XVIII.

Os resultados desse estudo indicaram que, ao longo do século XVIII, o treinamento no Boxe consistia em uma sequência de etapas, com preparação física, uso de equipamentos específicos e um regime rigoroso de dieta e exercícios de combate. A contratação de treinadores profissionais para supervisionar o processo era prática comum. A pesquisa também revelou que houve uma evolução gradual nos métodos de treinamento, mas sem uma ruptura completa com as práticas anteriores. Os registros de tradições orais e práticas dos treinadores, feitos por Sir John Sinclair em 1806, foram fundamentais para descrever regimes mais refinados, integrando maior quantidade de exercícios. A abordagem de treinamento de figuras como Barclay, baseada em suas próprias experiências como atletas e trabalhando com renomados treinadores, resultou em melhorias significativas no desempenho dos pugilistas. Esses achados destacam a importância contínua de elementos essenciais, como dieta, exercício, psicologia e técnica, que são fundamentais para a preparação atlética de atletas modernos, incluindo os atletas olímpicos (Day, 2012).

1.3.1.3.4 Idade de ingresso na modalidade

Nesta unidade de contexto, encontra-se um único estudo dedicado à investigação das questões associadas à idade apropriada para o ingresso na modalidade, expondo lacunas presentes na literatura acadêmica sobre o ensino do Boxe.

Artigo desenvolvido por José Maria da Silva Cassiano e Felipe da Silva Triani, publicado em 2018, intitulado *A faixa etária para o ensino no boxe: consenso e conflito*, objetivou identificar se há um consenso quanto à idade em que a criança e/ou adolescente deve ingressar no Boxe.

Nove trabalhos acadêmico-científicos nacionais, publicados entre 2010 e 2015, encontrados nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO, foram revisados. O estudo se configurou como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de uma busca nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO. A pesquisa utilizou os descritores "iniciação esportiva" e "boxe", com inclusão de artigos publicados no período de 2010 a 2015, que abordassem a discussão sobre a faixa etária adequada para a iniciação esportiva no Boxe. Após a busca, foram selecionados nove trabalhos acadêmico-científicos nacionais, que foram organizados em um quadro para análise e posterior discussão.

Segundo os autores, não foi encontrado um consenso sobre a faixa etária ideal para a iniciação esportiva no Boxe. No entanto, todos os estudos concordam que a modalidade pode contribuir significativamente para a formação do sujeito. Devido ao fato de a revisão de literatura possuir um recorte temporal limitado, os autores ressaltam a necessidade da condução de mais estudos empíricos para identificar a faixa etária adequada e avançar no conhecimento científico sobre o assunto (Cassiano; Triani, 2018).

1.4 Discussão

Embora os estudos tenham sido inicialmente organizados com base na natureza de seus objetivos, as discussões mais relevantes para o tema central dessa pesquisa centrada no ensino do boxe foram identificadas em várias seções de cada ocorrência. Haja vista que algumas reflexões emergiram tanto nas introduções quanto

nas discussões dos resultados, servindo como contextualizações secundárias. Diante dessa constatação, esses pontos foram abordados de forma conjunta, em categorias que enfatizam os aspectos relacionados ao ensino e transcendentais às limitações das subáreas e unidades de contexto identificadas. Essa abordagem possibilita uma análise qualitativa mais refinada dos estudos, permitindo a sua reutilização por meio de diversas perspectivas.

1.4.1 Inserções pedagógicas no treinamento

A primeira categoria de estudos encontrados destacou a predominância de artigos que analisam o Boxe por uma perspectiva voltada à performance no alto rendimento. Essas abordagens envolvem a busca contínua pela otimização das habilidades técnicas, táticas e físicas dos boxeadores, visando alcançar um nível de competição de excelência. A análise desses estudos revelou a constante busca por estratégias de ensino e treinamento que possam elevar o desempenho dos atletas a patamares mais elevados.

Nesse contexto, os pesquisadores têm direcionado suas investigações para além da técnica em si, explorando a interação complexa entre fatores físicos, psicológicos e táticos, tentando avançar no campo científico do treinamento. A compreensão de como esses elementos se entrelaçam e influenciam o desempenho esportivo tem sido fundamental para o desenvolvimento de abordagens de treinamento mais holísticas e eficazes. Tais abordagens não apenas procuram aprimorar a força, a velocidade e a precisão dos golpes, mas também levam em consideração a capacidade de adaptação durante as lutas, a tomada de decisões sob pressão e a gestão emocional diante dos desafios competitivos.

Para tal, alguns fragmentos pedagógicos são inseridos no treinamento, como a inclusão de discussões sobre a necessidade da individualização nas prescrições dos exercícios, a iniciação esportiva adequada, considerações sobre a importância do lúdico, da segurança, do bem-estar dos atletas durante as sessões e a investigação crítica das estruturas de treinamento que estão sendo aplicadas nos locais, além da divulgação científica e da desmistificação de tabus no esporte. Isso sugere uma

singela aproximação utilitarista do campo pedagógico para colaborar com a eficiência e durabilidade dos atletas em seus respectivos esportes.

No estudo de Nazarenko e Kolesnik (2017), os autores se preocupam em trazer a importância da saúde psicológica dos lutadores e a individualização do treinamento. Eles destacam que, além do desenvolvimento físico, é importante também desenvolver habilidades psicológicas, como percepção, atenção, capacidade analítica e controle emocional, para que os boxeadores possam controlar seus movimentos durante a luta e antecipar as ações do oponente (Kolesnik, 2010, apud Nazarenko; Kolesnik, 2017). No entanto, apontam que muitos treinadores subestimam a importância do desenvolvimento psicológico no treinamento, deixando de fora essas valências nas suas prescrições. Isto ocorre, segundo os pesquisadores, pela falta de métodos pedagógicos e psicológicos específicos para o treinamento de adolescentes no Boxe.

Os boxeadores de 13 a 14 anos são notáveis por sua percepção da realidade; eles reagem exageradamente aos sucessos e fracassos e avaliam suas capacidades inadequadamente. Isso determina a necessidade de estudar as peculiaridades individuais de cada adolescente e analisar a relação emergente entre o treinador e o estagiário, o que determina a escolha de formas específicas de influência pedagógica (Strelnikov *et al.*, 2011). Com toda a variedade de diferenças individuais, o professor de esportes deve usar vários métodos para estudar os traços de personalidade de cada aluno e seu potencial cinesiológico para prever suas conquistas e desenvolver um regime de treinamento individual (Nazarenko; Kolesnik, 2017)¹.

Em suas conclusões, os pesquisadores sugerem que, ao considerar a base formativa no âmbito esportivo para adolescentes entre 13 e 14 anos, a abordagem mais eficaz consistiria em estabelecer as seguintes diretrizes com vistas ao aprimoramento da formação psicológica dos atletas: propiciar situações que levem ao sucesso; aprimorar o desempenho esportivo; e fomentar o desenvolvimento da atenção e das habilidades analíticas necessárias.

No estudo de Finlay *et al.* (2021), os pesquisadores apontam que há evidências de que muitos boxeadores amadores não possuem acesso a treinadores especializados em preparação física, o que também reforça a percepção de que há lacunas que ainda precisam ser melhorados no campo do treinamento da modalidade para certos grupos, mesmo no alto rendimento. Na conclusão do artigo, os autores ressaltam a importância dos pesquisadores e profissionais se dedicarem a educar

¹ Tradução nossa.

tanto os pugilistas quanto os treinadores acerca da relevância das abordagens científicas. Além disso, destaca-se a necessidade de desmistificar conceitos antiquados, como as percepções negativas que cercam o treino de resistência no contexto do Boxe (Finlay *et al.*, 2021). Nesse sentido, a pesquisa conduzida por Xiaofeng Zhang e Nan Cheng (2023) demonstra como essas necessidades individuais estão extremamente relacionadas com as demandas envolvidas nos programas de treinamento dos boxeadores.

Demidov, Lebedinsky e Khomyakov (2014) apontaram diferenças psicológicas, regulatórias e fisiológicas entre os jovens pugilistas e as crianças que normalmente iniciam no esporte. Diante dessas discrepâncias, os autores propuseram uma nova abordagem pedagógica que otimiza a distribuição das cargas horárias ao longo de um ano de treinamento, focando em ações técnicas e táticas adaptadas ao combate em curta distância. Essa nova organização do conteúdo foi projetada para melhor atender às necessidades dos estudantes universitários, reduzir o tempo de treinamento para um ano e aprimorar tanto o desempenho esportivo quanto o acadêmico. Além disso, os autores enfatizaram a lacuna existente na literatura científica sobre a técnica e tática do combate em curta distância no contexto do Boxe Moderno. Os pesquisadores ressaltaram a necessidade de desenvolver novas soluções metodológicas para ensinar os fundamentos do Boxe aos estudantes de 17 a 18 anos, levando em consideração as demandas da atualidade. Nas suas conclusões, os autores argumentaram que essa nova abordagem não apenas reduziu o tempo de treinamento necessário, mas também aumentou a segurança dos estudantes, resultando em um aumento quantitativo e qualitativo no desempenho acadêmico e esportivo. A discussão dos autores ressalta a importância de se adaptar o ensino do Boxe à evolução do esporte, incorporando abordagens mais modernas e eficazes para atender às necessidades dos estudantes universitários que iniciam sua jornada no esporte aos 17-18 anos (Demidov; Lebedinsky; Khomyakov, 2014).

Já os artigos de García Raveiro, Tabares Arévalo e Machuat Santana (2020), Pastor Chirino, De La Paz Arencibia e Rodríguez Pérez (2019) e Alvarado Castillo *et al.* (2018) focam em discutir aspectos relacionados à estrutura da periodização e individualização no preparo dos atletas examinados. Não surgem discussões mais abrangentes sobre a necessidade de novas abordagens pedagógicas que contemplem os praticantes de maneira holística. Em vez disso, as sugestões delineadas concentram-se na reestruturação do processo de treinamento,

exemplificada pelo emprego do modelo de periodização ATR (Acumulação, Transformação, Realização) proposto por Pastor Chirino, De La Paz Arencibia e Rodríguez Pérez (2019), que é precedido por uma explicação do desenvolvimento da teoria da periodização após o "modelo clássico de Matveev (1964)". Os testes utilizados no estudo ajudam a avaliar diferentes aspectos físicos e fisiológicos dos atletas de Boxe, como velocidade, força, resistência à aceleração, resistência à força e resistência aeróbica. Os resultados desses testes podem ser usados para ajustar e planejar adequadamente o treinamento dos atletas ao longo do período de preparação (Pastor Chirino; De La Paz Arencibia; Rodríguez Pérez, 2019).

García Raveiro, Tabares Arévalo e Machuat Santana (2020) propõem uma sistematização dos conteúdos técnico-táticos do Boxe ("Orientações Gerais", "Exercícios" e "Controle") que também buscam criar um protocolo eficiente para que os treinadores cubanos possam seguir de maneira mais coesa e dirigida, avaliando seus resultados, dado os objetivos de rendimento no esporte que o país almeja (García Raveiro; Tabares Arévalo; Machuat Santana, 2020).

Em Cuba, local onde as pesquisas de García Raveiro, Tabares Arévalo e Machuat Santana (2020), Pastor Chirino, De La Paz Arencibia e Rodríguez Pérez (2019) e Alvarado Castillo *et al.* (2018) ocorreram, as diretrizes do Boxe são definidas pelos programas integrais de preparação do atleta emitidos pela Federação Cubana de Boxe. Entretanto, segundo os autores, esses programas carecem de avaliações aprofundadas quanto à implementação dos sistemas de planejamento e à interconexão dos conteúdos formativos. Embora desempenhem um papel crucial ao orientar os grupos pedagógicos, esses instrumentos ainda apresentam margem para interpretação por parte das comissões técnicas regionais, dada a ausência de alternativas claras para a estruturação do treinamento no que tange à definição das direções e sua interligação (García Raveiro; Tabares Arévalo; Machuat Santana, 2020; Pastor Chirino; De La Paz Arencibia; Rodríguez Pérez, 2019; Alvarado Castillo *et al.*, 2018).

Pastor Chirino, De La Paz Arencibia e Rodríguez Pérez (2019) destacam que as entrevistas realizadas com os treinadores da seleção de Boxe revelaram lacunas no conhecimento e no domínio dos mesmos sobre a importância da interconexão dos conteúdos no processo de treinamento. Além disso, constatou-se baixa aceitação e compreensão das diretrizes delineadas nos programas de preparação dos atletas. A observação identificou deficiências no controle da frequência cardíaca, falta de

correspondência entre direções e momentos de preparação, ausência de ajustes significativos e inadequada recuperação após cargas anaeróbicas. Sendo assim, torna-se premente aprofundar o conhecimento sobre a interconexão e a relevância da planificação dos conteúdos adequadamente, assim como explorar os benefícios que as novas concepções de treinamento podem oferecer (Pastor Chirino; De La Paz Arencibia; Rodríguez Pérez, 2019).

Para Alvarado Castillo *et al.* (2018), essa interdisciplinaridade – ou interconexão, como mencionado acima – na preparação dos atletas é de extrema importância, e os autores mencionam alguns exemplos de profissionais que deveriam fazer parte de uma equipe eficiente, como: pedagogos, psicólogos, médicos desportivos, fisiólogos, bioquímicos, biomecânicos e outros (Alvarado Castillo *et al.*, 2018). Além da interdisciplinaridade, eles ressaltam a característica individualizada no processo de prescrição do treinamento para o Boxe, dada a natureza da modalidade:

El Boxeo es un deporte de combate regido por la existencia de divisiones de peso, lo cual permite la realización de un entrenamiento más individualizado, atendiendo a cada una de estas diferencias. Por tanto, para que se puede llevar a cabo de una forma más individualizada, la realización de los test pedagógicos, ya sean desde el punto de vista físico o técnico-táctico, permite diagnosticar y evaluar sistemáticamente el comportamiento de cada una de las capacidades físicas y técnico-tácticas de los atletas, posibilitando la proyección de la planificación individualizada del entrenamiento (Alvarado Castillo *et al.*, 2018).

Por meio desses estudos, torna-se evidente a existência de uma lacuna entre os protocolos de treinamento que surgem no meio acadêmico e a sua aplicação prática por parte dos treinadores, mesmo com os esforços institucionais para otimizar a eficácia do ambiente de treinamento, especialmente no contexto de alto rendimento esportivo. Sendo assim, faz-se necessário conduzir pesquisas mais abrangentes, visando o aprimoramento e a harmonização das metodologias de ensino do Boxe. Isso envolve não apenas os elementos essenciais para o desenvolvimento de um campeão, mas também a capacitação dos treinadores para lidar com a diversidade dos perfis de praticantes que entram em contato com o esporte no cenário contemporâneo.

1.4.2 “Desesportivização”, Saúde e Adaptação Esportiva

Em relação às discussões trazidas pelos estudos que buscam viabilizar o ensino e a prática da modalidade para atender alunos e locais específicos, podemos agrupar os encontrados nas unidades de contexto “Prescrição da prática esportiva para grupos específicos” e “Avaliação sobre a estrutura de ensino local”. Esses estudos identificaram na modalidade um potencial de aplicação que vai além do âmbito esportivo, focado apenas no desempenho competitivo de alto rendimento. Destacaram alguns aspectos importantes relacionados ao ensino do Boxe no contexto contemporâneo e suas possíveis influências benéficas aos praticantes.

Hoje o ‘boxe moderno’ tem sido cada vez mais praticado com as mais distintas finalidades, inclusive nas academias de ginástica. A variedade de movimentos que caracterizam o boxe (jab, direto, cruzado, movimentação de base, etc.) o tornam, além de uma modalidade de luta, também um lazer e método de aptidão física e qualidade de vida (Mariante, 2010; Mariante, Stigger, 2012 *apud* Santos; Silveira, 2017).

A pesquisa etnográfica realizada por Mariante, Myskiw e Stigger (2012) lança luz sobre a transição do Boxe como esporte competitivo para uma prática diversificada, inserida em ambientes voltados para o aprimoramento físico. De acordo com o estudo, o Boxe encontrou um lugar proeminente em academias de ginástica pelo Brasil, atraindo indivíduos com motivações variadas como lazer, condicionamento físico, interação social e melhoria da saúde. Os autores concentram-se em compreender a intrincada teia de significados e práticas associadas a esse espaço simbólico, especialmente dentro do contexto de uma academia de ginástica que ofereça uma variedade de outras atividades. Essa investigação surge como resposta a discussões prévias sobre a diversidade esportiva, estendendo o discurso ao mundo heterogêneo dos praticantes de Boxe. Ao desafiar criticamente a predominância do discurso esportivo convencional, o estudo destaca a importância das práticas cotidianas entre pessoas comuns, frequentemente carregadas de significados profundos e variados (Mariante; Myskiw; Stigger, 2012).

O cerne da análise é o conceito de desesportivização do Boxe, enquanto ele interage no contexto da academia de ginástica. O estudo revela como o Boxe – muitas vezes visto como um esporte individualista – se entrelaça com dinâmicas de aprendizado coletivo dentro do contexto fitness. Isso leva à emergência do que os pesquisadores chamam de “Boxe da academia”, caracterizado pela hibridização de técnicas de combate do Boxe e princípios de condicionamento físico. Os autores apontam que o termo “hibridização” foi trazido através do estudo de Canclini (2008):

"Para o autor, este conceito é definido como 'processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas'" (Canclini, 2018, p. 19, *apud* Mariante; Myskiw; Stigger, 2012). Essa fusão desafia dicotomias tradicionais e entendimentos convencionais do esporte, promovendo uma reavaliação da própria noção do que constitui um esporte. Nesse processo de adaptação e transformação, o Boxe passa por uma mudança, adaptando-se à ética do condicionamento físico e, de certa forma, desesportivizando sua essência central. Por meio da flexibilização de regras rígidas, da diminuição de competições e, em certos casos, da ausência na intenção de lutar, o Boxe nesse cenário é reapropriado. Isso abre espaço para uma ampla gama de práticas corporais, técnicas e significados florescerem (Mariante; Myskiw; Stigger, 2012).

Essa diferenciação entre a "academia de Boxe" e o "Boxe da academia" também é mencionada no estudo de Santos e Silveira (2017), em que, segundo os autores, o espaço designado como "GYM" é caracterizado como um ambiente formal do Boxe, representando um tipo de "sociabilidade protegida", termo utilizado por Loïc Wacquant (2002). A instalação denominada "GYM" é composta por uma série de elementos característicos, incluindo sacos de treinamento, punching balls, pôsteres emoldurando boxeadores renomados, um ringue e diversas medidas de proteção (Santos; Silveira, 2017). Essa configuração assemelha-se àquela frequentemente retratada em obras cinematográficas dedicadas ao Boxe, onde, nesse cenário estereotipado, costumam figurar o protagonista, um especialista na arte do Boxe e, igualmente importante, um treinador inspirador na jornada do herói (Santos; Silveira, 2017). Esses elementos transcendem a realidade física do ambiente esportivo, penetrando de maneira significativa no imaginário cultural que cerca o esporte. Em certo ponto de sua etnografia, Wacquant (2002) descreve com precisão esse cenário e a atmosfera encontrados dentro da "GYM", em oposição ao contexto ameaçador que o autor observava em South Side, Chicago, na década de 1990.

Em contraste com esse ambiente hostil e inseguro, e embora com uma cruel escassez de recursos, o clube constitui uma ilha de estabilidade e de ordem, em que as relações sociais proibidas do lado de fora tornam-se possíveis. O salão oferece um lugar de sociabilidade protegida, relativamente fechado, em que cada um encontra uma trégua para as pressões da rua e do gueto, um mundo no qual os acontecimentos exteriores dificilmente penetram e sobre o qual eles têm pouca influência. Esse fechamento coletivo sobre si mesmo, que acentua a "claustrofobia", é que torna possível a vida da academia e dá o seu caráter atraente (Wacquant, 2002, p. 44).

Santos e Silveira (2017) destacam a distinção ambiental entre o “Boxe de academia” ou “espaço de Boxe fitness”, que se diferencia das práticas realizadas nos típicos “GYMs”. Nas academias fitness contemporâneas, o foco dos praticantes está principalmente na execução da modalidade com demandas físicas intensas, visando ao maior gasto calórico e, com isso, obter resultados estéticos corporais almejados, sem a intenção de desenvolver-se como um praticante de combate ou lutador. Nesse sentido, os autores afirmam que, além da modalidade de combate, a busca por lazer e pela melhora da aptidão física e da qualidade de vida também estão presentes na prática (Santos; Silveira, 2017).

Essa mudança, na identidade do Boxe e nos seus locais de prática, ainda reflete o que Antunes e Almeida (2016) resgatam sobre o processo civilizatório nas lutas, artes marciais e modalidades de combate, através das lentes de Norbert Elias (1992; 1994):

A própria modificação da sociedade, tornando-se mais organizada e regulada propiciou uma nova perspectiva. Essa nova visão pode ser compreendida a partir de Elias (1992) quando explica o processo civilizatório e seus efeitos em determinadas sociedades e em sua cultura. Nesse aspecto os níveis de tolerância à violência que a sociedade possui tenderam a diminuir por efeito desse processo. Elias (1994) explica também como a agressividade social é diminuída pelo processo de organização e controle social. Desse modo, a prática das artes marciais, que em sua origem se valiam da violência e agressividade extrema, passam a sofrer também um controle social intenso, e isso força um movimento de ressignificação e de novos usos. Então, surgem as diferentes funções para a prática das artes marciais na atualidade, são elas, o esporte, o lazer, a educação e a saúde (Antunes; Almeida, 2016, p. 31).

Nesse contexto, Antunes e Almeida (2016) não utilizam o termo “desesportivização” para o fenômeno identificado por Mariante, Myskiw e Stigger (2012), e sim apontam que o processo civilizatório esportivizou as artes marciais, abrindo o leque de possibilidades para a sua prática e o surgimento de novas modalidades. A partir dessa flexibilização, emerge uma variedade de maneiras para incorporá-las à sociedade, e o esporte competitivo representa apenas uma dentre essas possibilidades. O Boxe, assim como diversos outros esportes de combate, parece seguir esse curso, sendo ressignificado e adaptado pelos praticantes aos espaços menos violentos e mais heterodoxos contemporâneos.

Como outros exemplos, temos os estudos de Domingos *et al.* (2019) e Shultz *et al.* (2014), encontrados nesta revisão, que utilizam o Boxe como meio para melhorar

a saúde dos grupos estudados. Domingos *et al.* (2019) discutem a realidade da doença de Parkinson (DP) e como ela afeta a vida diária e a participação social dos pacientes. Os autores enfatizam a importância de fisioterapia e exercícios para aprimorar a funcionalidade física dos indivíduos com DP, destacando a necessidade de exercícios contínuos para manter os benefícios e promover um estilo de vida ativo. Eles apontam para a eficácia da implementação de programas de exercícios em grupo, baseados na comunidade, a fim de promover a adesão sustentada ao exercício. Diversos exemplos de tais programas, como dança, Boxe, Tai Chi e exercícios aquáticos, são apresentados como abordagens eficazes. No caso, o artigo ressalta a importância de informações precisas sobre a intervenção, bem como questões relacionadas à adaptação dos exercícios às capacidades dos pacientes e à responsabilidade pelo desenvolvimento e implementação dos programas. Um método proposto é um programa de Boxe comunitário para pessoas com DP, ministrado por instrutores de Boxe treinados e supervisionados por fisioterapeutas. O estudo também enfatiza a necessidade de avaliação contínua e medidas de prevenção, além de reconhecer o papel crucial de recursos educativos para instrutores de Boxe e colaborações interprofissionais (Domingos *et al.*, 2019).

Já o estudo de Shultz *et al.* (2014) discute a modalidade contextualizada a um cenário de preocupação na Nova Zelândia, onde uma porcentagem significativa de jovens entre 15 e 18 anos está enfrentando problemas de sobrepeso e obesidade. Os autores destacam que, conforme aponta um estudo da Universidade de Otago e do Ministério da Saúde da Nova Zelândia em 2011, 23% dos jovens neozelandeses nessa faixa etária estão afetados por essa condição. Além disso, a análise revela uma disparidade alarmante, em que os jovens Māori apresentam uma taxa de obesidade de 28% e os jovens Pasifika, 35%, em comparação com uma taxa de 21% em outras etnias. Essa discrepância coloca esses grupos em um risco maior de desenvolver condições de saúde cardiometabólicas relacionadas à obesidade. Eles indicam que o estilo de vida sedentário tem contribuído de maneira significativa para a epidemia de obesidade atual, como afirmam outros pesquisadores (Shultz *et al.*, 2014).

Com base em estudos anteriores, os autores identificaram o treinamento de Boxe sem contato como uma abordagem apropriada para uma intervenção de exercício (Shultz *et al.*, 2014). Eles apontam que o treinamento de Boxe envolve atividades intermitentes e de alta intensidade, o que o torna particularmente adequado, além de destacar que o Boxe pode não apenas melhorar a saúde física,

mas também aumentar a autoconfiança, autodisciplina e contribuir para o desenvolvimento do caráter (Arseneau *et al.*, 2011; Bellinger *et al.*, 1997 *apud* Shultz *et al.*, 2014). Outro ponto destacado é que os jovens Māori e Pasifika parecem ter uma preferência por esportes que lhes permitam construir laços fortes com seus colegas de equipe. Para os autores, o treinamento de Boxe pode proporcionar essa sensação de camaradagem e conexão, possivelmente percebido como uma forma de "família longe da família". A pesquisa buscou não apenas abordar os desafios da obesidade nesses grupos, mas também promover uma abordagem holística que melhore a saúde física e emocional, enquanto leva em consideração as preferências culturais e sociais dos participantes (Shultz *et al.*, 2014).

A abordagem discutida na pesquisa de Kudryavtsev *et al.* (2023) também levanta discussões sobre a possibilidade da utilização do Boxe como um instrumento adaptável aos diversos contextos de ensino. O experimento de treinamento, conduzido com jovens estudantes do sexo feminino, aborda o boxe como uma ferramenta pedagógica, destacando principalmente as melhorias no engajamento e na condição física dos alunos participantes, em comparação com métodos tradicionais de ensino. Além disso, ressalta a importância de introduzir elementos de diferentes modalidades esportivas no processo educativo da disciplina de Educação Física, observando benefícios em termos de saúde, desenvolvimento físico e motivação dos alunos. A adoção da tecnologia esportiva também é apontada como uma abordagem eficaz para melhorar as qualidades adaptativas dos sistemas cardiovascular e respiratório, ressaltando a necessidade de monitorar os indicadores morfológicos, funcionais e de aptidão física dos alunos para garantir a eficácia do processo. Sendo assim, os autores recomendam o instrumento pedagógico de Educação Física voltado para o Boxe como uma abordagem eficaz para instituições de ensino, baseando-se nos resultados observados (Kudryavtsev *et al.*, 2023).

Entretanto, ainda no que se refere às adaptações das lutas, artes marciais e esportes de combate, Antunes (2020) reforça que a participação em esportes adaptados oferece às pessoas com distintas condições uma série de benefícios abrangentes, os quais incluem melhorias na aptidão física global, aumento da autonomia e confiança pessoal, aprimoramento da autoestima e da independência. Dessa forma, os benefícios emergem como fatores primordiais, impulsionando a expansão das práticas adaptadas e a criação de novas oportunidades. Contudo, é importante reconhecer que ainda há necessidade de progressos nos estudos, visando

o desenvolvimento de ferramentas apropriadas para efetuar essas adaptações de maneira eficaz (Antunes, 2020).

Nesse sentido, os pesquisadores Romanova *et al.* (2023) evidenciam que ainda há lacunas significativas nos estudos sobre o desenvolvimento de competências específicas para treinadores de Boxe. Essa demanda na apropriação adequada de ferramentas fornecidas na formação dos treinadores no contexto contemporâneo, é percebida pelos próprios, que demonstram sentir necessidade de aprimorar seu conhecimento profissional (Romanova *et al.*, 2023).

1.4.3 Boxe, Cultura e Identidade

Neste tópico, exploraremos estudos que oferecem uma análise dos impactos sociais e comportamentais de programas esportivos, especificamente o Boxe adaptado na vida de jovens. Esses estudos não apenas destacam os aspectos positivos desses programas, mas também identificam os desafios a serem enfrentados, fornecendo insights sobre como o esporte pode ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento positivo da juventude. Tais artigos mostraram-se particularmente úteis para aprofundar nossa compreensão sobre o papel transformador do esporte, levando em consideração as nuances das experiências dos jovens em diferentes contextos socioculturais. Sendo assim, traremos autores da área em questão para melhor compreender as relações e desafios envolvidos.

Em Fuerniss e Jacobs (2020), os autores utilizaram o Boxe adaptado, sem contato, como meio para promover o empoderamento corporal em adolescentes do sexo feminino, através do programa chamado "She Hits Hard", balizado pelo Modelo de Ensino de Responsabilidade Pessoal e Social (TPSR). O programa esportivo foi realizado em uma escola de ensino médio em Illinois, EUA, e foi aberto para estudantes do sexo feminino na 6ª, 7ª e 8ª série. O TPSR, desenvolvido por Hellison (Hellison, 2011 *apud* Fuerniss; Jacobs, 2020), é um modelo de instrução esportiva amplamente utilizado internacionalmente que proporciona uma estrutura para a implementação do ensino de habilidades para a vida no contexto esportivo. Esse modelo se baseia em alguns princípios-chave, incluindo a utilização de uma abordagem baseada em pontos fortes no desenvolvimento dos jovens, onde eles são

vistos como "recursos a serem desenvolvidos" em vez de "problemas a serem resolvidos" (Lerner; Brown; Kier, 2005; Hellison, 2011, *apud* Fuerniss; Jacobs, 2020). A escolha se deu por ele proporcionar esse desenvolvimento holístico dos alunos, não apenas em termos de habilidades esportivas, mas também no desenvolvimento de sua identidade pessoal, tomada de decisão e habilidades de vida. Os autores apontam que o TPSR reconhece os jovens como agentes ativos de seu próprio desenvolvimento, incentivando sua participação ativa e responsabilidade em relação às suas ações dentro e fora do ambiente em que se pratica o esporte (Hellison, 2011, *apud* Fuerniss; Jacobs, 2020). Para eles, a criação de conexões significativas e saudáveis entre os participantes do programa, colegas, pais e adultos, desempenhou um papel de extrema importância na implementação desse projeto esportivo (Fuerniss; Jacobs, 2020).

A baixa demanda por equipamentos, sem deixar de proporcionar oportunidades para o aprimoramento técnico, também foi uma vantagem percebida pelos pesquisadores, os quais destacaram que a natureza de baixo risco, em termos de lesões associadas ao Boxe sem contato, tornou-o uma escolha adequada para atender às necessidades das jovens participantes. Antes do início do programa, os treinadores de Boxe foram capacitados para instruir segundo o TPSR, começando com a leitura do livro de Hellison (2011) e depois aplicando as práticas e avaliando as sessões com um relatório semanal. Entrevistas com os treinadores e alunas no final do programa também foram realizadas. A pesquisa buscou avaliar tanto o impacto nas percepções de imagem corporal das alunas, quanto a aplicação das habilidades aprendidas em outras áreas. Estudos prévios destacaram que adolescentes do sexo feminino frequentemente encaram desafios ao cultivar uma imagem corporal positiva, isto é, suas percepções, sentimentos e pensamentos sobre seus próprios corpos (Grogan, 2006, *apud* Fuerniss; Jacobs, 2020).

Com base no mesmo material proposto por Hellison, os autores García-Aguilar, Beltrán-Carrillo, García e Sánchez-Sánchez (2023) exploraram o uso do Boxe dentro do TPSR como uma ferramenta para inclusão e melhoria da qualidade de vida de jovens em situação de vulnerabilidade social. Com resultados positivos obtidos junto ao grupo participante, os autores também enfatizam a eficácia do Boxe como uma atividade adaptada, ressaltando, no entanto, a importância da integração com um embasamento teórico apropriado (García-Aguilar; Beltrán-Carrillo; García; Sánchez-Sánchez, 2023).

A pesquisa desenvolvida por Gordon *et al.* (2022) também levanta discussões importantes sobre os impactos sociais presentes no contexto de uma academia de Boxe. O artigo oferece uma visão abrangente de um estudo sobre o programa de desenvolvimento da juventude baseado em esportes na Naenae Boxing Academy (NBA), Nova Zelândia, destacando tanto os aspectos positivos quanto os desafios desse tipo de programa social (Gordon *et al.*, 2022). Vale salientar que a NBA é uma academia que parece se aproximar da definição de “GYM” descrita por Wacquant (2002, p. 44), tanto em sua estética como em sua ambientação, remetendo ao conceito de “sociabilidade protegida” mencionada pelo autor. Então, nesse contexto, o local de realização do projeto realizado por Gordon *et al.* (2022) se difere do estudo de Fuerniss e Jacobs (2020), o que pode nos ajudar a compreender o fenômeno da adaptação do Boxe a diferentes locais e realidades, mesmo que ainda com o foco no impacto social dos envolvidos.

Os autores enfatizam que o esporte é uma escolha frequente como ambiente para programas de desenvolvimento positivo da juventude (DPJ). Esses programas, centrados no esporte, têm a expectativa de oferecer um caminho bem-sucedido para o DPJ, uma vez que se acredita que a aprendizagem adquirida neles também pode influenciar positivamente a vida dos participantes em geral (Erdozain, 2012; Ewing *et al.*, 2002; Gould; Carson, 2008 *apud* Gordon *et al.*, 2022). O impacto do esporte vai além da atividade em si, estendendo-se às experiências vivenciadas durante sua prática, como destacado por Gordon (2017) e Hellison (2011), citados por Gordon *et al.* em 2022, os quais defendem que é crucial realizar uma análise minuciosa dos programas DPJ para identificar suas práticas e procedimentos. Os autores reconhecem a crítica de que, muitas vezes, há uma falta de atenção dedicada ao que ocorre dentro desses programas (Holt, 2016; Jacobs; Wright, 2018; Petitpas *et al.*, 2005; Talebzadeh; Jarfari, 2012 *apud* Gordon *et al.*, 2022). A escassez de informações sobre o funcionamento interno desses programas levou à caracterização deles como “caixas pretas”, situações em que os pesquisadores reconhecem que ocorre algo, mas não conseguem identificar causas e motivos (Yohalem; Wilson-Ahlstrom, 2010; Millar; Rowe, 2009 *apud* Gordon *et al.*, 2022).

A NBA está localizada em Naenae, uma comunidade trabalhadora na Ilha Norte da Nova Zelândia, com aproximadamente 8.000 habitantes. Essa região é etnicamente diversa, abrigando europeus, maoris, ilhas do Pacífico e asiáticos. No entanto, enfrenta desafios socioeconômicos, como pobreza, desemprego, crime

juvenil e desengajamento escolar. A entrada na NBA pode ser realizada por inscrição aberta, indicação da polícia local ou recomendação das escolas. O programa valoriza a diversidade, buscando participantes com diferentes habilidades, necessidades e origens socioeconômicas. Jovens encaminhados pela polícia têm preferência de entrada devido ao seu foco na recuperação e apoio a jovens em risco. A NBA possui uma reputação positiva na comunidade, resultando em uma lista de espera para ingresso devido à sua demanda (Gordon *et al.*, 2022).

Os autores organizaram os resultados apresentando-os em cinco áreas temáticas que fornecem uma compreensão completa do programa NBA: (a) o clima da academia; (b) o conteúdo do programa, abrangendo valores, habilidades de condicionamento físico e Boxe; (c) comportamentos dos alunos e treinadores; (d) percepções dos alunos sobre suas experiências na NBA; e (e) o impacto da participação na comunidade. Os resultados do estudo revelaram um ambiente cuidadosamente organizado na NBA, com um espaço físico limpo e iluminado, repleto de elementos relacionados ao Boxe, promovendo uma sensação de pertencimento e segurança entre os jovens participantes, como uma “GYM” tradicional. Além disso, os adultos e treinadores atuam como modelos positivos, demonstrando respeito e cuidado, enquanto as regras não negociáveis, como a proibição de palavrões e insígnias relacionadas a gangues, são fonte de orgulho para os meninos. O conteúdo do programa da NBA enfoca a educação de valores e o desenvolvimento de habilidades de Boxe e condicionamento físico, com ênfase na internalização de oito valores principais. No entanto, embora os treinadores demonstrem habilidades sociais e criem oportunidades de sucesso, a análise dos comportamentos dos meninos e treinadores aponta para a necessidade de maior ênfase em estratégias de empoderamento dos jovens e participação ativa na tomada de decisões. Apesar disso, os jovens participantes relatam altos níveis de respeito e bondade, bem como mudanças positivas em suas vidas, incluindo aumento da autoconfiança e melhor desempenho acadêmico, corroborados por depoimentos dos pais e da polícia que destacam o impacto positivo da NBA na vida dos jovens em risco (Gordon *et al.*, 2022). O estudo apresentou algumas limitações notáveis, que foram destacadas pelos autores. Primeiramente, não inclui a perspectiva dos jovens que deixaram o programa NBA, o que poderia fornecer *insights* valiosos sobre suas experiências e razões para sair. Além disso, as avaliações foram restritas aos depoimentos dos pais que puderam participar, deixando de fora outras vozes importantes. Cabe ressaltar que o estudo

não aborda questões relacionadas ao gênero dos participantes e à possível segregação das turmas, aspectos que também poderiam influenciar a dinâmica e os resultados do programa (Gordon et al., 2022).

O estudo de Gordon *et al.* (2022), que se concentrou em um programa de Boxe voltado para jovens do sexo masculino, muitas vezes marginalizados, realizado em uma “GYM” tradicional, destaca como até mesmo locais historicamente dedicados ao alto rendimento esportivo podem ser transformados e ressignificados por meio de abordagens pedagógicas intencionais. Da mesma forma, o estudo de Fuerniss e Jacobs (2020), que se concentra exclusivamente em jovens do sexo feminino em um contexto escolar, reforça essa perspectiva, demonstrando como programas semelhantes podem desempenhar um papel fundamental na promoção do desenvolvimento positivo da juventude, independentemente do gênero ou do ambiente em que são implementados.

Nesse sentido, as discussões que emergem desses estudos podem ser mais bem compreendidas através das lentes de autores da subárea sociocultural que se debruçam sobre as tensões presentes na modernidade, principalmente as relacionadas aos impactos na identidade dos jovens e à relação entre o ambiente e o comportamento humano.

1.4.4 As características da interação no ensino do Boxe

Para entender de que maneira a interação entre um treinador de Boxe e um praticante profissional ocorre durante uma sessão de treinamento, podemos recorrer ao estudo realizado por Misao Okada (2013). Okada, professor de japonês na Universidade Hokusei Gakuen, com sede em Sapporo, Japão, dedica sua pesquisa à exploração da complexa organização multimodal da ação. Seu foco de estudo recai especialmente na análise dos processos interacionais incorporados nas práticas sociais, na linguagem e nas dinâmicas de gênero (Okada, 2013).

Um dos aspectos principais do estudo é a ênfase na competência interacional, que desempenha um papel vital na promoção da compreensão intersubjetiva. Isso não se limita apenas à comunicação verbal. No caso, a pesquisa destaca a importância da utilização eficaz de recursos multimodais, incluindo gestos das mãos

e movimentos corporais, na coordenação eficaz entre os participantes. A combinação habilidosa de comportamentos vocais e não vocais é estrategicamente empregada para coordenar ações e alcançar uma compreensão interpessoal eficaz. Além disso, o estudo enfatiza como a habilidosa orientação do corpo do treinador desempenha um papel crucial ao ajustar o movimento do praticante, sem interromper completamente seu fluxo de ação. Em situações em que as respostas dos participantes não atendem às expectativas, o falante pode interromper sua vez para eliciar a resposta correta do ouvinte, destacando a flexibilidade e adaptabilidade da interação (Okada, 2013).

Outro aspecto relevante destacado por Okada (2013) é a importância do conhecimento profundo dos praticantes, que desempenham um papel fundamental na interpretação das combinações complexas de comportamentos verbais e não verbais. Essas competências não são meramente características da cognição individual; elas são recursos compartilhados que desempenham um papel crucial na construção de sentido durante a interação. Nesse sentido, o autor nos oferece uma visão detalhada de como os participantes envolvidos nesse tipo de interação utilizam uma variedade de recursos comunicativos e coordenativos para alcançar uma compreensão mútua eficaz e como o conhecimento contextual e compartilhado desempenha um papel fundamental nesse processo (Okada, 2013).

O destaque para a necessidade do conhecimento prévio dos praticantes, durante a realização dessa comunicação multimodal “mais eficiente”, pode evidenciar o dever do treinador de possuir recursos pedagógicos úteis para se comunicar com os alunos em diferentes estágios do aprendizado. Isso pois, na contemporaneidade, a modalidade se encontra presente em diversos espaços, competitivos ou não, praticada por pessoas de todas as idades e com variados objetivos (Santos; Silveira, 2017). Apesar disso, estudos como o de Santos e Silveira (2017) evidenciam que os treinadores seguem ensinando o Boxe de maneira homogênea, mesmo reconhecendo as diferenças entre os locais de prática e os objetivos dos variados tipos de alunos (Santos; Silveira, 2017).

1.4.5 Análise histórico-documental sobre o desenvolvimento do Boxe

O estudo de Day (2012) nos serve de escopo para discutir vários elementos sobre a história, o desenvolvimento e o ensino do Boxe. Dave Day é professor sênior de história do esporte e treinamento na Manchester Metropolitan University, onde seus interesses de pesquisa se concentram em treinadores e suas práticas de treinamento de 1700 em diante.

O século XVIII foi um período de profundas transformações sociais, econômicas e culturais na Grã-Bretanha, e essas mudanças tiveram um impacto significativo no desenvolvimento e na comercialização do Boxe como um esporte popular (Day, 2012). Autores como Elias e Dunning (1992) discorrem sobre os mecanismos desse processo civilizatório que culminaram no surgimento do esporte moderno.

O processo civilizatório, conforme descrito por Norbert Elias e Eric Dunning em sua obra "A Busca da Excitação" (1992), oferece uma perspectiva valiosa para compreender a evolução do Boxe no contexto da cultura britânica do século XVIII. Essa teoria sugere que as mudanças nas normas sociais e comportamentais ao longo do tempo estão intrinsecamente ligadas ao desenvolvimento da civilização. No caso do Boxe, a transição de um esporte violento e desordenado para um esporte mais regulamentado e sofisticado pode ser analisada à luz desse processo (Elias; Dunning, 1992).

No século XVIII, a cultura popular britânica era caracterizada por uma aceitação social da violência física, que Elias e Dunning descreveriam como uma manifestação de comportamento "menos civilizado". A sociedade da época tinha normas e valores que toleravam a brutalidade e a violência, e isso se refletia nas práticas esportivas, incluindo o Boxe. Lutas de Boxe eram realizadas sem muitas restrições ou regulamentações, refletindo a aceitação social da agressão física como uma forma de entretenimento (Elias; Dunning, 1992; Day, 2012).

No entanto, é importante notar que, mesmo nesse contexto de tolerância à violência, houve vozes críticas que começaram a condenar as lutas de Boxe, como mencionado por Day (2012). Defensores da esgrima e outras modalidades de combate consideravam as lutas de Boxe "selvagens e desumanas". Isso sugere que havia uma conscientização crescente sobre a brutalidade do Boxe, mesmo entre aqueles que, de outra forma, poderiam tolerar a violência física (Day, 2012).

Ainda sobre a origem da modalidade, tanto o estudo de Day (2012), como o de Santos e Silveira (2017), mencionam como a combinação de industrialização,

crescimento populacional e urbanização estimulou o surgimento de empreendedores esportivos e contribuiu para a ascensão do Boxe comercializado, com foco especial nas contribuições de personalidades como James Figg e John Broughton (Day 2012; Santos; Silveira, 2017). Day (2012) afirma que os esportes de combate eram apresentados em instalações especializadas, como o *Amphitheatre de Preston*, e o Boxe foi comercializado por James Figg. O professor John Broughton, após ganhar dinheiro lutando para Figg, abriu seu próprio *amphitheatre* dedicado à "*Arte Masculina do Boxe*" em 1743 (Day, 2012).

Em sua obra, Caratti (2017) traz alguns detalhes e curiosidades sobre a história desses personagens históricos que foram importantes para o desenvolvimento do Boxe Moderno.

Pode-se dizer que o barqueiro de Tâmesa, Jack Broughton, de certa forma continuou e especializou o trabalho realizado por James Figg nas primeiras três décadas do século XVIII. A historiadora Ruti Ungar o chamou de "boxeador carismático, homem de negócios astuto e liderança na comercialização do esporte e seu desenvolvimento e regulação" (UNGAR, 2010, p. 24).⁶¹ Portanto, não seria incorreto dizer que Figg e Broughton popularizam as *prize-fights*, criando um tipo de luta e defesa pessoal coerente com os desejos de civilidade do período (Caratti, 2017, p. 110).

Outros personagens importantes – como John Douglas, conhecido como o 9º Marquês de Queensberry, e John Graham Chambers – também são apresentados, por Caratti (2017), como importantes nomes que impactaram o desenvolvimento do Boxe Moderno. Tanto as Regras de Broughton, como as regras Regras do Marquês de Queensberry contribuíram para o avanço da modalidade, contextualizadas pelo processo civilizatório descrito por Elias e Dunning (1992).

Essas regras incentivaram os lutadores a se concentrarem principalmente nos punhos e introduziram uma série de regulamentações que visavam tornar as lutas de Boxe mais seguras e organizadas. Esse foi um passo crucial em direção à civilização do esporte, à medida que as regras formais começaram a substituir a violência desenfreada (Day, 2012).

As Regras de Broughton foram produzidas, entre outros motivos, para "gerar e prolongar um equilíbrio de tensão que é prazerosamente excitante e que tem uma boa chance de acabar em uma catarse prazerosa – uma libertação da tensão" (Sheard, 1997, p. 33).⁶⁶ Em outras palavras, como ocorre em outras práticas – como o futebol, o rugby, e a caça à raposa - o ponto alto de uma luta estava no equilíbrio da disputa, na expectativa de vitória ou derrota dos competidores. As *prize-fights* eram "extremamente, violentas, brutais e sangrentas", mas, de acordo com Kennety Sheard, "este aspecto do esporte tornou-se desde então cada vez mais regulamentado por um conjunto complexo de regras escritas e formais [...] que controlavam os tipos de violências permitidas" (Sheard, 1997, p. 35 *apud* Caratti, 2017).

O autor aponta que essa mudança na valorização do Boxe, ao longo do século XVIII, foi gradual e não linear. Em algumas décadas, o interesse pelo Boxe foi menor do que em outras, bem como a tolerância à violência nos combates. Porém, enquanto no início o foco estava na brutalidade e na força, no final do século, houve uma valorização crescente da finesse e da técnica. Isso refletiu uma mudança nas normas sociais, à medida que a sociedade britânica começou a buscar formas de entretenimento que fossem menos violentas e mais sofisticadas. Com isso, até 1800, o Boxe havia se tornado o principal espetáculo público, substituindo as lutas com armas, e suas técnicas, competições e linguagem se tornaram parte do cenário cultural para todas as classes sociais (Day, 2012).

Outros autores encontrados nesta revisão, como García Raveiro, Tabares Arévalo e Machuat Santana (2020), abordam brevemente o desenvolvimento do Boxe como modalidade, na introdução do artigo. Contudo, ignoram detalhes sobre o processo civilizatório e reiteram a ideia de que a modalidade vem sendo desenvolvida desde as civilizações antigas, dando a entender que o Boxe contemporâneo seria uma evolução direta do pugilato grego.

Desde as civilizações antigas há indícios da presença dessa atividade esportiva que hoje é conhecida como a arte de dar e não receber socos. Sua organização como competição surgiu desde a civilização grega (Garcia *et al.*, 2018; Alfonso, 2006 *apud* García Raveiro; Tabares Arévalo; Machuat Santana, 2020).

Em Santos e Silveira (2017), nos primeiros parágrafos da introdução, os autores pontuam essa diferenciação entre as manifestações antigas de combates envolvendo ataque e defesa com os punhos, denominadas pugilato e pancrácio na Grécia antiga, as quais se diferenciam do Boxe Moderno, com sua origem na Inglaterra do século XVII (Soltermann, 2009 *apud* Santos; Silveira, 2017). Mariante, Myskiw e Stigger (2012) também mencionam que existem duas perspectivas distintas sobre a origem do esporte: uma enfatiza a continuidade ao longo do tempo, argumentando que os seres humanos sempre praticaram esportes, desde os tempos antigos até os dias atuais (Guttmann, 1978; Mandell, 1986 *apud* Mariante; Myskiw; Stigger, 2012); a outra destaca a origem moderna do esporte na Inglaterra, com sua subsequente disseminação pelo mundo no final do século XIX e início do século XX (Elias; Dunning, 1992; Hobsbawn; Ranger, 1984; Bourdieu, 1986 *apud* Mariante; Myskiw; Stigger, 2012). Nesse sentido, podemos observar que algumas questões

referentes ao histórico da modalidade acabam sendo negligenciadas por outros estudos, tornando evidente a necessidade de uma maior difusão do conhecimento acerca do assunto.

Em relação aos manuais de Boxe, Day (2012) aponta que foram produzidos no último quarto do século XVIII e refletiam a confiança crescente na racionalidade e nos avanços científicos da época, influenciados pelo Iluminismo. Essas produções não apenas influenciaram o desenvolvimento de atletas, mas também estabeleceram um modelo para a preparação atlética nas décadas seguintes. Além disso, o incentivo financeiro levou ao desenvolvimento de práticas de treinamento, instruções mais refinadas e à produção desses materiais de instrução por entusiastas do Boxe (Day, 2012).

Como destacado pelo autor, os combates de Boxe eram espetacularizados e apoiados por entusiastas ricos que apostavam não apenas no resultado, mas também no “*primeiro sangue*” e no primeiro nocaute. Nesse sentido, os patronos das *prize-fights* procuravam melhorar suas chances de apostas bem-sucedidas através de programas de treinamento para os lutadores (Day, 2012). Sendo assim, os manuais de Boxe do século XVIII continham informações técnicas e de treinamento significativas, que contribuíram para a teoria de treinamento do século XIX. O autor ressalta que, no início do século XVIII, a importância do exercício físico já era reconhecida e as recomendações incluíam o uso de pesos e lutas contra a própria sombra, conhecidas até hoje como “*shadowboxing*” (Day, 2012). Um dos exemplos citados é o de James Figg, que em 1725 já se responsabilizava pela “Instrução e Dieta adequada” de um lutador antes de uma luta, e a ideia de treinamento científico para melhorar o desempenho humano se fortaleceu ao longo do tempo (Day, 2012).

Dave Day (2012) oferece insights sobre a postura dos treinadores de Boxe da época, conforme explicitada pelos manuais de Boxe do século XVIII. Esses manuais não apenas forneceram orientações práticas para o treinamento de lutadores, mas também revelaram a abordagem dos treinadores em relação à preparação física, ao conhecimento científico e à influência de diversas práticas de treinamento da época (Day, 2012).

Os manuais de Boxe da época indicam que os treinadores não se limitavam apenas ao conhecimento adquirido na área do Boxe. Eles podiam ser influenciados por uma variedade de práticas de treinamento de outras áreas, como os fortes circenses, treinadores equestres e professores de equitação. Além disso, os

treinadores buscavam orientação em lições de anatomia e textos disponíveis sobre ciência muscular. Isso demonstra a abertura dos treinadores para a aprendizagem e a adoção de abordagens diversas para melhorar o desempenho de seus lutadores (Day, 2012).

Embora seja sugerido que a maioria dos treinadores da época era analfabeta, o autor ressalta que muitos deles, incluindo trabalhadores manuais, tinham acesso a livros por meio de bibliotecas e empréstimos de conhecidos mais ricos, evidenciando a diversidade de antecedentes e níveis de educação entre os treinadores de Boxe do século XVIII. Muitos deles estavam dispostos a buscar conhecimento fora de sua experiência prática, o que enriqueceu suas habilidades de treinamento. Os programas de treinamento de Boxe da época eram baseados em conceitos de saúde que abrangiam uma série de fatores, incluindo ar, alimentação, exercício, paixões, evacuação e retenção, sono e vigília. Os treinadores reconheciam a importância de uma abordagem holística para a saúde e o condicionamento físico de seus lutadores. Eles se esforçavam para equilibrar esses elementos a fim de melhorar o desempenho e a resistência de seus atletas. Day (2012) também destaca que os treinadores desempenharam o papel de identificar e corrigir desequilíbrios humorais no corpo de seus lutadores. Essa abordagem reflete a crença da época na importância de manter um equilíbrio fisiológico para a saúde e o desempenho atlético. Outrossim, eles reconheciam a necessidade de uma preparação física gradual para evitar choques e permitir que o corpo dos lutadores se adaptasse às mudanças em seu estilo de vida. Isso demonstra uma abordagem cuidadosa em relação ao treinamento, com ênfase na segurança e no bem-estar dos atletas (Day, 2012).

Os estudos de Day (2012), Caratti (2017) e Macedo (2019) podem indicar que essa abordagem multifacetada dos treinadores e do processo histórico da modalidade contribuiu para a evolução do Boxe como um esporte mais sofisticado e organizado ao longo do século XVIII. Aspectos do alto rendimento e da masculinidade sempre estiveram presentes durante o processo de evolução do Boxe, e os espaços em que as pelejas eram realizadas, como circos e anfiteatros, influenciaram diretamente a percepção do público sobre ele. Esse estereótipo é reforçado pela mídia e pelo cinema. Essa questão é profundamente discutida no estudo de Caratti (2017), incluindo a forma como a modalidade se manifestou durante sua chegada ao Brasil:

Os “exercícios de boxe” realizados pelos anões e pigmeus, se aproximam da experiência da companhia de Frank-Brown, que possuía palhaços

boxeadores. O boxe já estava muito popularizado na Europa e nos Estados Unidos. Ou seja, para estes países era fácil compreender um filme, um livro ou espetáculo artístico de pugilismo. Mas no Brasil, como vimos nos casos de Rio de Janeiro e São Paulo, o boxe era praticamente desconhecido. Qual o impacto dessas apresentações? cremos que elas podem ter contribuído para formar uma ideia de prática exótica. Contudo, também ajudaram a popularizar o boxe, mas neste caso não como um esporte, mas como parte de um espetáculo pago (Caratti, 2017).

Nesse sentido, a caracterização do Boxe Moderno como prática de combate espetacularizado, com apostas, cobertura midiática e elementos presentes a fim de “gerar e prolongar um equilíbrio de tensão”, justifica-se pelo seu histórico. O impacto dessa origem pode estar influenciando o comportamento dos treinadores, praticantes, investidores, espectadores, inclusive pesquisadores, até os dias de hoje.

1.4.6 Idade de ingresso na modalidade

Alguns autores encontrados nesta revisão trouxeram à luz questões relacionadas à idade de ingresso adequada para a iniciação esportiva no Boxe, como Nazarenko e Kolesnik (2017), Demidov, Lebedinsky e Khomyakov (2014) e Cassiano e Triani (2018). Outros, como Fuerniss e Jacobs (2020) e Gordon *et al.* (2022), apontaram para os benefícios que a modalidade pode oferecer ao desenvolvimento de jovens. Porém, apenas o estudo de Cassiano e Triani (2018) se debruça sobre o tema da iniciação na modalidade de maneira integral.

Na introdução do estudo, Cardoso e Silva, 2010 (*apud* Cassiano; Triani, 2018) ressaltam que a prática do Boxe desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, ao promover não apenas o desenvolvimento físico, mas também aspectos sociais, posturais e de autoestima. Da mesma forma, apontam que esse esporte contribui significativamente para a melhoria da coordenação motora, agilidade, força, movimento corporal, reação, defesa e até mesmo o desempenho cardiovascular desses jovens atletas.

Além desses ganhos motores, o Boxe também se revela uma atividade prazerosa, enriquecendo o desenvolvimento biopsicossocial das crianças e adolescentes. Promove a socialização entre os participantes, fomentando a inclusão social e, ao mesmo tempo, impulsionando o desenvolvimento motor, o

condicionamento físico e o fortalecimento muscular, tornando-se uma forma abrangente e holística de crescimento para os jovens praticantes (Silva, 2014 *apud* Cassiano; Triani, 2018).

Os autores destacam que o Boxe se divide em duas estruturas distintas: o Boxe profissional, que implica investimentos empresariais e infraestrutura de apoio aos atletas, e o Boxe amador, ligado à International Boxing Association (IBA) (Souza, 2012 *apud* Cassiano; Triani, 2018). No entanto, é importante notar que a prática tradicional do Boxe pode, em alguns casos, tornar-se monótona, o que pode prejudicar o prazer e os benefícios à saúde que o esporte oferece. Para contornar essa questão e aumentar a adesão de crianças e adolescentes à prática do Boxe, a inserção da ludicidade é uma abordagem relevante, tornando a atividade mais envolvente e estimulante para os jovens (Cassiano; Triani, 2018). Nesse sentido, os autores defendem que a iniciação esportiva no Boxe deve respeitar a expressão espontânea da criança, permitindo que ela se envolva nessas ações lúdicas. Segundo eles, isso contribui para o desenvolvimento motor e a socialização da criança por meio da atividade física (Cardoso; Silva 2010 *apud* Cassiano; Triani, 2018).

Nesse sentido, os autores destacam que é crucial evitar a especialização precoce durante a iniciação esportiva, uma vez que essa abordagem pode levar a experiências traumáticas para as crianças, como destacado por Novikoff, Costa e Triani (2012 *apud* Cassiano; Triani, 2018). A pressão excessiva por especialização em um esporte desde cedo e a falta de individualização, que leve em consideração o estágio de desenvolvimento motor no treinamento, pode prejudicar o desenvolvimento saudável e equilibrado dos jovens atletas, resultando em consequências negativas tanto no aspecto físico quanto emocional. Portanto, uma abordagem mais abrangente, lúdica e diversificada durante a iniciação é preferível (Cassiano; Triani, 2018).

Durante o estudo, os autores apontam que, para Cardoso e Silva (2010 *apud* Cassiano; Triani, 2018), a iniciação esportiva no Boxe pode começar a partir dos 6 anos de idade, respeitando a expressão espontânea da criança por meio de atividades lúdicas. Dessa forma, seria possível proporcionar uma experiência positiva que promova o desenvolvimento físico, mental e social (Cardoso; Silva 2010 *apud* Cassiano; Triani, 2018). Porém, revelam que não há um consenso claro entre os estudos analisados sobre a idade ideal para o início da prática esportiva no Boxe, evidenciando que diferentes autores têm perspectivas divergentes sobre esse assunto (Cassiano; Triani, 2018).

No estudo, os autores apresentam duas perspectivas sobre o tema. Uma através de lentes de Greco e Benda (1998 *apud* Cassiano; Triani, 2018), que adotam o termo "*iniciação esportiva universal*" e indicam que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento na iniciação esportiva deve ocorrer dos 4 aos 10-12 anos de idade, seguido por uma fase de especialização que se inicia por volta dos 16-18 anos. Por outro lado, destacam que Gallahue e Ozmun (2002 *apud* Cassiano; Triani, 2018) consideram a fase de especialização a partir dos 14 anos, entendendo-a como uma fase de utilização permanente das atividades motoras. Embora as idades propostas para a iniciação esportiva no Boxe variem entre os estudos, Cassiano e Triani (2018) observam que a fase de especialização mencionada pelos autores tradicionais da literatura sobre desenvolvimento motor converge de certa forma com os estudos analisados. Isso sugere que existe uma tendência em direção ao início de uma modalidade esportiva específica, como o Boxe, por volta dos 16 a 18 anos, como período potencialmente mais apropriado para essa transição (Cassiano; Triani, 2018).

Apesar da ausência de um consenso claro em relação à faixa etária ideal para a iniciação esportiva no Boxe, os autores destacam que os estudos revisados compartilham a opinião de que o Boxe desempenha um papel significativo na formação do indivíduo. Contudo, destacam que é importante reconhecer as limitações que a pesquisa apresenta, como uma abordagem restrita que se baseou em uma revisão da literatura, com um período temporal limitado, entre os anos de 2010 e 2015. Além disso, constata-se que há uma lacuna na disponibilidade de estudos diretos que abordem especificamente a faixa etária ideal para a iniciação na modalidade. Portanto, é imperativo que pesquisas futuras sejam conduzidas, a fim de abordar com mais profundidade o assunto (Cassiano; Triani, 2018).

1.4.7 Formação de treinadores

Nenhum dos estudos identificados abordou de maneira abrangente a discussão sobre a formação de treinadores de Boxe como seu foco principal de pesquisa. No entanto, Santos e Silveira (2017) destacaram aspectos relevantes que podem ajudar a compreender como esse processo se desenrola no contexto do Rio Grande do Sul.

Em um contexto no qual os autores apresentam as várias formas em que o Boxe se manifesta e se organiza na sociedade contemporânea, Santos e Silveira (2017) falam sobre a regulação realizada por órgãos e instituições esportivas. No caso do Rio Grande do Sul, o Boxe é regulamentado pela Federação Rio Grandense de Pugilismo (FRGP), que está filiada à Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe) e à Associação Internacional de Boxe Amador (AIBA). Essa estrutura se baseia no Boxe amador/olímpico, englobando torneios de seleção, capacitação de instrutores e técnicos, com ênfase na aprimoração da técnica dos movimentos e no planejamento de treinamentos para otimizar o desempenho dos lutadores (Santos; Silveira, 2017).

A análise das entrevistas realizadas por Santos e Silveira (2017) revelou que a maioria dos professores de Boxe iniciou sua jornada na modalidade durante a infância e adolescência, geralmente entre os 5 e 12 anos de idade. Alguns dos entrevistados também tinham experiência em outras modalidades de luta, como full contact, kickboxing e capoeira, antes de ingressarem no Boxe. A participação em treinos competitivos e/ou competições era uma prática comum entre os entrevistados, sendo que muitos valorizavam essa experiência de lutar e/ou estar envolvidos em competições como parte integral de sua formação. Sendo assim, os autores destacam que a competição parece ter desempenhado um papel significativo na formação de um boxeador, mas havia também aqueles que não tinham experiência nos ringues competitivos. Estar imerso na prática do Boxe proporcionou aprendizados que esses professores incorporaram em suas abordagens pedagógicas. Esses achados sugerem a importância que os professores dão à experiência pessoal e à vivência competitiva no desenvolvimento de treinadores de Boxe e na transmissão eficaz de habilidades e conhecimentos para os praticantes da modalidade (Santos; Silveira, 2017).

Esse processo (formação de treinadores) não parece ser muito diferente do descrito por Wacquant, quando indaga DeeDee sobre como se torna treinador de boxe: “Ele explica-me que há um pequeno exame técnico que se faz na Federação, mas que o essencial é ‘treinar nos bons gym, como este, pouco a pouco você pega a coisa’” (Wacquant, 2002, p. 122 *apud* Santos; Silveira, 2017).

Outrossim, os autores destacam que, para alcançarem a posição de treinadores de Boxe, os entrevistados enriqueceram sua expertise por meio da prática e da competição, complementando-a com treinamentos, observação de lutas, análise de filmes e envolvimento em eventos competitivos. Os entrevistados reconhecem que

a obtenção de certificações de instituições reconhecidas desempenha um papel fundamental ao conferir autorização, legitimidade e notoriedade aos treinadores. A ênfase na atualização contínua é considerada crucial, alcançada através de cursos, participação em simpósios, engajamento em conversas e palestras, bem como a participação em competições e treinamentos em diferentes locais. Outro ponto destacado é o da paixão pelo Boxe, que desempenha um papel motivador significativo para os treinadores, estando o ato de ensinar a modalidade intrinsecamente ligado a valores compartilhados e ao reconhecimento por parte dos alunos. Os treinadores apontaram que, além dos aspectos técnicos, a vivência no mundo do Boxe oferece virtudes que se estendem para outras áreas da vida. Ser instrutor de Boxe transcende as considerações financeiras, com o objetivo primordial de transmitir conhecimento e exercer uma influência positiva sobre os alunos (Santos; Silveira, 2017).

Sobre o ensino do Boxe, a repetição incessante dos movimentos emerge como um elemento importante, com os treinadores enfatizando sua essencialidade para alcançar a perfeição técnica. A prática exaustiva é considerada um meio vital para atingir a excelência. Além disso, o ensino do Boxe é concebido como uma atividade coletiva, em que os alunos compartilham o treinamento, mesmo que possuam objetivos individuais divergentes (Santos; Silveira, 2017).

[...] os professores entrevistados enfatizam a importância da repetição exaustiva desses movimentos por parte do praticante, pois conforme palavras do D.C “no boxe, a perfeição se leva através da repetição”. Essa característica do processo de ensino está em consonância com os achados de Mariante (2010) o qual destaca que: “A expressão ‘o boxe é um mantra’ foi registrada algumas vezes nos diários de campo; foi usada pelo professor de boxe para explicar a importância da repetição dos movimentos durante as aulas” (Mariante, 2010, p. 60 *apud* Santos; Silveira, 2017).

Nas conclusões do estudo, os autores resgatam a ausência de diálogo entre o âmbito acadêmico e os locais onde o Boxe é praticado, além das federações que formam os treinadores (Santos; Silveira, 2017). Considerando as mudanças nas esferas sociais relacionadas à prática esportiva na contemporaneidade, a importância desse diálogo se faz cada vez mais notória.

1.5 Considerações Finais

Com esta revisão de escopo, buscamos examinar a ocorrência e as discussões emergentes nos estudos relacionados ao ensino do Boxe, com o intuito de oferecer uma visão abrangente da produção acadêmica sobre esse esporte de combate. No entanto, observamos que, apesar do reconhecimento da importância do esporte na sociedade contemporânea, os estudos acadêmicos dedicados ao Boxe permanecem escassos, como já destacado por outros autores. Essa escassez de pesquisa é um ponto que merece atenção e incentivo para futuras investigações.

A organização das unidades de contexto e a análise comparativa dos 19 estudos selecionados revelaram que a predominância de produções na subárea Biodinâmica prevaleceu sobre as subáreas Sociocultural e Pedagógica, indicando uma lacuna a ser preenchida no entendimento das dimensões sociais e pedagógicas do Boxe. Este desequilíbrio na distribuição das pesquisas pode impactar a formação de treinadores e a promoção de discussões sobre as práticas pedagógicas.

Nesse sentido, é importante salientar que as discussões relevantes para a compreensão do ensino do Boxe foram encontradas dispersas em diferentes partes dos estudos, como introduções e discussões dos resultados. Essa dispersão enfatiza ainda mais a necessidade de uma abordagem integrada e multidisciplinar na pesquisa sobre o Boxe, permitindo uma análise mais profunda e abrangente dos aspectos pedagógicos da modalidade.

Dessa forma, as sete categorias que emergiram durante a discussão dos estudos selecionados foram: a) Inserções pedagógicas no treinamento; b) “Desesportivização”, Saúde e Adaptação Esportiva; c) Boxe, Cultura e Identidade; d) As características da interação no ensino do Boxe; e) Análise histórico-documental sobre o desenvolvimento do Boxe; f) Idade de ingresso na modalidade; e g) Formação de treinadores. Essas categorias demonstram a diversidade de questões relacionadas ao Boxe que podem ser exploradas em futuras pesquisas sobre o ensino da modalidade.

Por fim, ressaltamos a ausência de diálogo entre o âmbito acadêmico, as instâncias onde o Boxe é praticado e as federações responsáveis pela formação de treinadores, como apontado por alguns estudos discutidos. Dada a evolução das esferas sociais relacionadas à prática esportiva na contemporaneidade, essa lacuna se torna cada vez mais evidente e necessita de atenção. Torna-se fundamental ressaltar a importância de aperfeiçoar e investir na formação dos treinadores da modalidade. Os treinadores desempenham um papel essencial no desenvolvimento

dos praticantes, portanto capacitar treinadores com conhecimentos atualizados e baseados em evidências não apenas beneficia os atletas de alto rendimento, mas também contribui para a promoção de práticas mais seguras e holísticas do esporte, adequando-o ao contexto complexo e heterodoxo contemporâneo. Isso envolve tanto o domínio das habilidades técnicas como a compreensão de princípios de preparação física, didática e adaptação de conteúdo, além das tensões socioculturais emergentes. Investir na formação contínua e na atualização dos treinadores é um passo importante para melhorar o nível do treinamento de Boxe com maior segurança.

No entanto, é importante reconhecer as limitações desta revisão, que incluem o número limitado de estudos encontrados e o recorte temporal restrito de 2012 a 2023. Portanto, insta-se a realização de mais pesquisas e estudos sobre o ensino do Boxe, abordando questões sociais, culturais e pedagógicas, a fim de ampliar o conhecimento sobre esse esporte de combate e seu real impacto na sociedade.

1.6 Referências

- ALVARADO CASTILLO, J. L. *et al.* Bateria de test pedagógicos para evaluar la preparación de los boxeadores de primera categoría. Podium. **Revista de Ciencia y Tecnología en la Cultura Física**, v. 13, n. 2, p. 97-108, 2018.
- ANTUNES, M. M. **Artes marciais para pessoas com deficiência: dilemas e possibilidades do wushu**. 2. ed. Curitiba: CRV, 2020.
- ANTUNES, M. M. A produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate: reflexões e possíveis encaminhamentos. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 10, n. 63, p. 921-924. São Paulo, 2016.
- ANTUNES, M. M.; ALMEIDA, J. J. G. **Artes Marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da Educação Física: reflexões e possibilidades**. Curitiba, Paraná: CRV, 2016.
- ANTUNES, M. M.; ALMEIDA, J. J. G.; MENDONÇA, S.; PATATAS, J. M.; ORTEGA, E. M. Pedagogia das artes marciais e esportes de combate no Brasil: um estudo sobre a produção científica nacional. **Arquivos em movimento**, v.13, n.1, p. 64-77, 2017.
- ANTUNES, M. M.; IWANAGA, C. C. **Aspectos multidisciplinares das artes marciais**. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2020.
- CARATTI, J. M. **Dentro e fora dos ringues: o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII–XX)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.
- CASSIANO, J. M.; TRIANI, F. A faixa etária para o ensino no boxe: consenso e conflito. **Kinesis**, v. 36, n. 1, 2018.

DAY, D. 'Science', 'wind' and 'bottom': eighteenth-century boxing manuals. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 10, p. 1446-1465, 2012.

DEMIDOV, A. G.; LEBEDINSKY, V. Y.; KHOMYAKOV, G. K. Technical and tactical training of students-boxers at the initial training phase. **Theory and Practice of Physical Culture**, n. 8, p. 12, 2014.

DOMINGOS, J. *et al.* Implementation of a community-based exercise program for Parkinson patients: using boxing as an example. **Journal of Parkinson's disease**, v. 9, n. 3, p. 615-623, 2019.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESMERALDINO, H. B.; GRAÇA, R. L. A contribuição da mídia na adesão e aderência à prática de lutas esportivas e artes marciais. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, ano 18, n. 188. Buenos Aires, 2014.

FINLAY, M. J. *et al.* The association between competitor level and the physical preparation practices of amateur boxers. **Plos one**, v. 16, n. 9, p. e0257907, 2021.

FUERNISS, K.; JACOBS, J. M. We are strong: Strategies for fostering body empowerment in a boxing program for middle school girls. **Journal of Sport Psychology in Action**, v. 11, n. 1, p. 45-56, 2020.

GARCÍA-AGUILAR, F.; BELTRÁN-CARRILLO, V. J.; GARCÍA, E. P.; SÁNCHEZ-SÁNCHEZ, E. El boxeo como recurso educativo con adolescentes en riesgo de exclusión social boxing as an educational resource with adolescents at risk of social exclusion. **Retos**, n. 47, p. 365-374, 2023.

GARCÍA RAVEIRO, Y.; TABARES ARÉVALO, R. M.; MACHUAT SANTANA, G. Acciones técnico-tácticas para mejorar la efectividad del trabajo de la mano de alante en boxeadores. Podium. **Revista de Ciencia y Tecnología en la Cultura Física**, v. 15, n. 3, p. 633-650, 2020.

GORDON, B. *et al.* Inside the 'black box' of a long-term sport-based youth development boxing academy in New Zealand. **Sport in Society**, v. 25, n. 10, p. 2041-2059, 2022.

KUDRYAVTSEV, M. *et al.* Improving the physical health of female students using boxing specialization in physical education. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 23, Issue 7, p. 1576-1582, 2023.

MACEDO, B. **Sangue, suor e lágrimas: o boxe em São Paulo de 1928 a 1953**. Universidade de São Paulo, Departamento de História. São Paulo, 2019.

MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, maio/ago. 2011.

MARIANTE, F. P. M.; MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. **Movimento**, p. 103-123, 2012.

MUNN, Z. *et al.* Systematic review or scoping review? Guidance for authors when choosing between a systematic or scoping review approach. **BMC medical research methodology**, n. 18, 2018, p. 1-7.

NAZARENKO, L. D.; KOLESNIK, I. S. Conditions for improving basic sports training of 13-14-year-old boxers. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 17, n. 4, p. 2484-2494, 2017.

OKADA, M. Embodied interactional competence in boxing practice: coparticipants' joint accomplishment of a teaching and learning activity. **Language & communication**, v. 33, n. 4, p. 390-403, 2013.

PASTOR CHIRINO, L. A.; DE LA PAZ ARENCIBIA, L.; RODRÍGUEZ PÉREZ, M. D. L. La interconexión de las cargas en la planificación del entrenamiento, en el deporte de boxeo. Podium. **Revista de Ciencia y Tecnología en la Cultura Física**, v. 14, n. 2, p. 181-203, 2019.

PINTO, L. F. M. De Karatê Kid à Cobra Kai: uma análise da construção de sentidos nas artes marciais pela mídia. **Revista Livre de Cinema**, v. 8, n. 2, p. 173-187. Rio de Janeiro, 2021.

ROMANOVA, E. *et al.* Analysis of the state of professional competence of boxing coaches. **Journal of Physical Education and Sport (JPES)**, v. 23 (issue 8), art. 229, p. 1990-1996, 2023.

SANTOS, F. R.; SILVEIRA, R. 'Saber-fazer' é necessário para ensinar: reflexões sobre o ensino do boxe em Rio Grande. **Educação Física em Revista**, v. 11, n. 1, 2017.

SHULTZ, S. P. *et al.* A boxing-oriented exercise intervention for obese adolescent males: Findings from a pilot study. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 13, n. 4, p. 751, 2014.

TELLES, S. C. C.; LÜDORF, S. M. A.; GIUSEPPE, E. **Pesquisa em educação física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Autografia. Rio de Janeiro, 2017.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZHANG, X.; CHENG, N. Special training for boxer's athletic ability and body control. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 29, 2023.

2 PERCEPÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE TREINADORES DE BOXE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

2.1 Introdução

Historicamente, o pugilismo possuiu um forte vínculo com demandas relacionadas ao alto rendimento, já que o esporte de combate se estruturou a partir das lutas por apostas conhecidas como “*prize-fights*”, na Inglaterra do século XVIII. Entretanto, o esporte passou por diversas adaptações ao acompanhar o processo civilizatório que estava em curso no mesmo período (Caratti, 2017).

Essas adaptações, principalmente nas modalidades que envolviam riscos aos praticantes, foram pressionadas pela diminuição da tolerância à violência existente na sociedade de modo geral, o que acarretou modificações nas regras e no surgimento do esporte moderno (Caratti, 2017).

Entretanto, ainda há um apelo midiático muito forte relacionando os esportes de combate modernos a confrontos reais, como guerras, disputas pela honra, nacionalidades e outros temas de conflito que possam gerar entretenimento. Essas narrativas são construídas e perpetuadas através do uso do “trash-talk”, no qual os lutadores promovem seus eventos por meio de histórias narradas de maneira dualista, muitas vezes assumindo personalidades distintas. Nesse contexto, é elaborado um cenário de confronto entre forças opostas, como “o bem contra o mal” e outros antagonismos que buscam atrair e engajar o público-alvo. Para isso, os eventos promovem etapas midiáticas que precedem o combate, como coletivas de imprensa, a “encarada” realizada no dia da pesagem dos lutadores e entrevistas em que eles são estimulados a provocar seus adversários (Tereso, 2019).

Contudo, pesquisadores contemporâneos identificam cada vez mais que há mudanças no perfil dos praticantes de esportes de combate. Se antes as modalidades mantinham-se monopolizadas por aspirantes a atletas masculinos, hoje é possível identificar uma grande variedade de indivíduos com perfis completamente diferentes ocupando os mesmos espaços de treinamento (Mariante; Myskiw; Stigger, 2012; Antunes; Almeida, 2016; Santos; Silveira, 2017).

Os variados objetivos e contextos em que os praticantes de esportes de combate na atualidade estão inseridos criam necessidades e possibilidades de organização dos conteúdos e estratégias de ensino. Consequentemente, o contexto da formação dos treinadores passa a ser um dos principais pilares pressionados pelas mudanças identificadas no esporte contemporâneo. Sem a devida adequação, baseada nessa nova realidade, os treinadores podem não dar conta de compreender e atuar de maneira segura e eficiente ao longo da sua vida profissional (Romanova *et al.*, 2023).

No contexto brasileiro, somente em 1923, foi criada a primeira comissão de Boxe em São Paulo, seguida pelo Rio de Janeiro em 1925. Esses acontecimentos marcaram os primeiros sinais de uma regulamentação oficial do esporte no país. No entanto, o historiador Caratti (2017) destaca que a fundação tardia da Federação Brasileira de Pugilismo, em 1935, acabou comprometendo o desenvolvimento do pugilismo esportivo amador. Como resultado desse atraso na regulamentação, uma visão violenta sobre o Boxe foi enraizada na cultura local, perpetuando-se até os dias atuais (Caratti, 2017).

Sendo assim, as instituições que oferecem cursos para a formação de treinadores de boxe, assim como os próprios treinadores, devem ajustar-se integralmente às novas demandas da modalidade, sem se prender a paradigmas tradicionalistas historicamente associados ao alto desempenho, os quais originalmente estiveram intimamente ligados ao pugilismo.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos. Para alcançar esse propósito, foi necessário investigar as percepções dos dirigentes locais sobre os cursos de formação de treinadores de boxe disponíveis, analisar o perfil dos treinadores e investigar suas percepções sobre sua formação.

2.2 Método

Este estudo configura-se como exploratório e descritivo, de caráter qualitativo, pois busca compreender e descrever os elementos presentes nos discursos dos

participantes e no contexto em que o objeto de pesquisa está inserido (Thomas; Nelson; Silverman, 2012). A amostra foi composta por 18 treinadores e três dirigentes, do sexo masculino e feminino, que trabalham com o Boxe na cidade do Rio de Janeiro.

A coleta de dados foi constituída em duas etapas, com diferentes instrumentos. Primeiro realizamos uma entrevista semiestruturada (APÊNDICE C), com dirigentes de três entidades que oferecem cursos de formação para treinadores de Boxe na cidade. A escolha das três entidades se deu pela relevância de cada uma delas no cenário local. A Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro (FEBERJ) e a Federação Estadual de Esporte Socioeducativo e Pugilismo do Rio de Janeiro (FPERJ) foram escolhidas por possuírem o reconhecimento de um órgão nacional, como a Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe) e o Conselho Nacional de Boxe (CNB), respectivamente. Já a Escola de Treinadores Unicombat foi selecionada por ofertar um curso em parceria com a Unisaude Educacional, uma escola de pós-graduação no Rio de Janeiro reconhecida pelo MEC (FUCS, 2023).

O contato inicial foi estabelecido por meio de endereços de e-mail e números de telefone disponibilizados nos sites oficiais. No entanto, a coleta dos materiais pedagógicos oferecidos pelas instituições durante o curso de formação dos treinadores não foi viável devido a questões relacionadas a direitos autorais e à descentralização na produção dos conteúdos das disciplinas oferecidas. Isso se deve em parte ao fato de que parte dos materiais é elaborada pelos instrutores convidados para ministrar as disciplinas dos cursos.

A segunda etapa da coleta foi realizada através de um questionário online (APÊNDICE D), por meio da plataforma Google Forms, respondido por treinadores adequados aos critérios de inclusão da pesquisa e que foram indicados. O estabelecimento da amostra nesta etapa foi definido por meio do princípio da bola de neve (Becker, 1997). Esse tipo de amostragem utiliza cadeias de referência, tornando possível acessar diferentes grupos de indivíduos, evitando o viés de indicação por uma única fonte (Vinuto, 2014; Carlomagno, 2018). Sendo assim, durante a entrevista com os dirigentes das federações, foi solicitada uma lista com 5 treinadores considerados informantes-chave ou sementes, para que ocorresse o início da investigação nessa segunda etapa. Adicionalmente, foi solicitado a cada treinador participante do estudo que indicasse três ou mais treinadores, com o intuito de formar uma rede de relações. Isso possibilitou o mapeamento das características, semelhanças e diferenças nos discursos encontrados, promovendo uma

compreensão mais abrangente e aprofundada do contexto do estudo. Para garantir o anonimato dos treinadores, a identidade dos participantes foi preservada por meio da substituição de seus nomes por códigos específicos. Essa medida visa garantir a confidencialidade e a integridade dos dados coletados durante o estudo.

Para o primeiro contato com os participantes, foi encaminhada uma carta-convite, através do e-mail e telefone dos dirigentes entrevistados (APÊNDICE E) e outra para o telefone dos treinadores que responderam ao questionário (APÊNDICE F), desenvolvidas de acordo com as diretrizes recomendadas no documento “Orientações para Procedimentos em Pesquisas com Qualquer Etapa em Ambiente virtual” da CONEP (OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS. Disponível em: <https://bit.ly/2ZQaMy7>). A participação de todos estava condicionada à leitura e à assinatura dos respectivos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), encontrados nos Apêndices A e B.

A entrevista foi realizada através da plataforma Google Meet, e os horários das entrevistas foram organizados de acordo com a agenda dos três participantes. O áudio foi salvo com a ferramenta OBS Studio e transcrito pela empresa Audiotext. Os dados obtidos nesta pesquisa foram armazenados em um computador pessoal protegido com o software de segurança Kaspersky Total Security.

Seguindo as orientações delineadas por Bardin (2020), as entrevistas transcritas com os dirigentes e as respostas coletadas por meio do questionário online com os treinadores foram analisadas. Os dados foram organizados descritivamente e submetidos a uma análise de conteúdo conforme proposto pela autora. Este método compreende uma variedade de técnicas de análise que adotam procedimentos objetivos e sistemáticos na descrição dos temas investigados.

O processo de análise divide-se em três etapas: 1) Pré-análise, que abrange a seleção dos materiais a serem investigados e a elaboração de indicadores para embasar a interpretação final; 2) Exploração do material e Tratamento dos resultados, em que são realizadas operações de codificação, decomposição ou enumeração de acordo com regras predefinidas; e 3) Inferência e Interpretação, em que ocorre o tratamento dos resultados brutos visando torná-los válidos e significativos. Durante a terceira etapa, é possível aplicar operações estatísticas relevantes, apresentando os dados por meio de quadros, diagramas, figuras ou modelos, que auxiliam na síntese e complementação das informações obtidas. Adicionalmente, o pesquisador pode sugerir inferências e antecipar interpretações alinhadas aos objetivos do estudo ou

em resposta a novos desdobramentos que surjam durante a análise do material investigado (Bardin, 2020, p. 121-128).

Dessa forma, as entrevistas com os três dirigentes foram organizadas dentro das respectivas categorias emergentes: a) Justificativas para a oferta do curso de formação de treinadores; b) Tensões sobre a legitimidade e qualidade das instituições; c) O perfil dos treinadores que ministram os cursos de formação; d) Critérios de escolha dos indivíduos aptos à participar do curso de formação; e) Formação continuada e cursos de reciclagem; f) Curadoria dos materiais utilizados durante os cursos de formação; g) A estruturação dos cursos de formação de treinadores de Boxe; h) A percepção sobre os perfis de praticantes de Boxe na contemporaneidade; i) Autocríticas e autossugestões para a melhora dos cursos oferecidos; e j) Justificativas e Indicações dos treinadores para a participação no questionário.

As respostas oriundas do questionário com os treinadores de Boxe foram organizadas nas seguintes categorias: a) Dados gerais sobre o perfil dos treinadores de Boxe participantes; b) Tempo de atuação como treinador e trajetória dos participantes; c) Atuação com outras modalidades além do Boxe; d) Regiões da Cidade do Rio de Janeiro em que os treinadores participantes atuam; e) A realização de cursos de formação por parte dos treinadores; f) Autoavaliação sobre o processo de formação que experienciaram; g) Idealizações sobre o perfil de um treinador de Boxe; h) Idealizações sobre cursos de formação de treinadores de Boxe; i) Respostas sobre a estrutura e organização das aulas de Boxe dos participantes; j) Percepções dos treinadores sobre os perfis dos seus alunos de Boxe; k) Critérios de aptidão para a prática das atividades de sparring e escola de combate; e l) Os desafios percebidos pelos treinadores sobre o ensino da modalidade.

O estudo respeitou as diretrizes estabelecidas nas Resoluções nº 510/16 e nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), no que se refere a zelar pela privacidade, segurança e sigilo das informações. Além disso, foi submetido ao processo de regularização da pesquisa conforme o parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Possui o número de identificação CAAE: 62688322.5.0000.5243 e foi aprovado sob o parecer de número 5.781.038.

2.3 Resultados e Discussão

Neste tópico, serão abordadas questões relacionadas à seleção da amostra, bem como os principais desafios e soluções enfrentados durante o processo, tanto relativos aos dirigentes entrevistados, quanto aos treinadores participantes. Posteriormente, detalharemos o perfil dos participantes e as discussões emergentes dentro de cada categoria estabelecida.

2.3.1 Entidades que ofertam cursos de formação para treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro

Além do restrito número de instituições qualificadas para integrar a pesquisa e a importante representatividade dos cursos de formação de treinadores na cidade do Rio de Janeiro, destacamos a necessidade de aplicar um olhar crítico às narrativas, considerando os seus possíveis interesses particulares como elementos fundamentais para assegurar uma investigação científica adequada.

Solicitar a participação das três entidades envolvidas não representou um desafio, uma vez que os dirigentes manifestaram prontidão para colaborar com o estudo desde o primeiro contato. No entanto, foi observado que as falas dos dirigentes seguem uma lógica mercadológica, na qual as propostas e iniciativas de mudança estão principalmente vinculadas a dois aspectos.

O primeiro aspecto diz respeito à preservação do capital simbólico da entidade na cidade, enquanto o segundo está relacionado à busca por legitimidade e crescimento. Essa dinâmica não é surpreendente, considerando que muitas das propostas demandam recursos materiais, intelectuais e financeiros. Esses recursos são frequentemente disputados entre as instituições, pois os treinadores tendem a se aproximar de uma ou outra entidade ao longo de sua formação e carreira. Alguns treinadores buscam se envolver com mais de uma entidade simultaneamente em busca de novos cursos e atualizações profissionais, porém isso pode dispersar o poder de acumulação de capital das instituições. Embora a concorrência na oferta de cursos possa incentivar uma maior pressão por uma relação equilibrada entre qualidade e custo, há também aspectos negativos, como a possível segregação do

esporte na cidade, a falta de padronização no processo de ensino e a dificuldade das instituições em capitalizar recursos.

Não foi possível obter dados institucionais sobre o passado das três entidades participantes. A única entidade que dispõe de um site dedicado é a FPERJ, no entanto não foram disponibilizados acessos a informações sobre seu histórico. Tanto a Unicombat quanto a FEBERJ estão presentes na internet apenas por meio de páginas no Facebook e Instagram, as quais também carecem de informações históricas precisas. Sendo assim, é importante destacar a necessidade de outros estudos investigativos que possam mapear as teias de relações históricas das entidades que fomentam o Boxe na cidade do Rio de Janeiro.

2.3.1.1 Justificativas para a oferta do curso de formação de treinadores

A primeira questão da entrevista objetivou revelar as justificativas dadas para a oferta dos cursos de formação, de modo a compreender como as entidades enxergam o cenário da modalidade na região, o seu impacto institucional e possíveis desafios.

Observou-se que a oferta de cursos de formação para treinadores de Boxe busca padronizar, fiscalizar, profissionalizar e suprir deficiências pedagógicas, na tentativa de contribuir para a melhoria da qualidade e da organização do Boxe no estado.

Tanto a FEBERJ como a Unicombat mencionam diretamente que existem lacunas na formação dos treinadores do Rio de Janeiro, com pouco ou nenhum método estruturado de ensino da modalidade e avaliação dos treinadores durante o seu processo de formação.

Então, o curso é uma forma de capacitar os treinadores que trabalham naquele estado. [...] Logo, a federação tem a missão de capacitar, com as pessoas que estão apropriadas, para poder avaliar se aquele treinador está realmente capacitado [...]. Então, é uma forma de fiscalização, [...] é um curso que a gente avalia, um curso que a gente ensina metodologia e, de alguma forma, orienta como profissão, entendeu? (FEBERJ)

[...] a gente começou a criar uma metodologia de avaliação no projeto que eu fiz em 2018, para que, justamente, esse curso de formação, ele tivesse uma visão muito mais profissional. Tanto que tem matérias, legislação, gestão, pensando muito mais na carreira de treinador de forma muito mais abrangente, porque, antigamente, simplesmente chamava qualquer um, não

tinha uma avaliação prévia, as pessoas se formavam com um conhecimento muito pequeno, média baixa, entendeu? Então, a capacitação é importante justamente para poder mapear o Rio de Janeiro, é importante isso, mapear e organizar o boxe no estado. (FEBERJ)

Porque há uma deficiência muito grande, na nossa visão, [...] nos treinadores, por questão de, talvez, não utilizarem uma didática totalmente planejada, que tenha sido desenvolvida, propriamente, para o ensino. Acho que se reproduz muito conhecimento ainda e se analisa muito pouco e se usa muito pouco a parte pedagógica do esporte. (Unicombat)

Todas as três entidades parecem desejar suprir essa demanda de formação dos treinadores, apesar de a FPERJ não mencionar diretamente que há uma lacuna. No caso, a organização volta sua resposta diretamente para a atuação efetiva e lucrativa no mercado de trabalho.

Bom, a gente tem como princípio dar uma formação profissional para o pessoal da área. Então, o objetivo principal é estar capacitando os treinadores para que eles consigam atuar no mercado de trabalho e ter um retorno financeiro, saibam trabalhar adequadamente. (FPERJ)

O termo "trabalhar adequadamente", no contexto em questão, possivelmente denota a habilidade de aplicar de maneira eficiente um método estruturado de treinamento, o qual seria instruído pela entidade ao longo de seu programa formativo.

2.3.1.2 Tensões sobre a legitimidade e qualidade das instituições

A partir da segunda questão, pôde-se perceber uma atmosfera de tensão que permeia as relações entre as entidades envolvidas, sobretudo no que concerne à autopercepção e à validação de seus programas de formação de treinadores. Repetidamente, a FEBERJ e a FPERJ ancoram sua legitimidade na nova Lei Geral do Esporte, conferindo-lhes uma chancela nacional para seus cursos formativos. O termo utilizado refere-se à Lei nº 14.597/2023, que unifica a legislação do setor e cria um sistema nacional do esporte (Brasil, 2023). Essa concessão legal, no entanto, parece relegar outras instituições, como a Unicombat, a uma posição de menor prestígio e reconhecimento.

[...] muita gente dá o curso, [...] a capacitação todo mundo pode dar. Agora, a formação só pode a entidade máxima. Isso, dentro da Lei Geral do Esporte, até agora, a nova, fala o que a confederação dá. Quando a confederação chancela aquela federação, aquela federação está apropriada a dar o curso. Ou seja, nenhuma associação abaixo da federação pode dar juridicamente

esse curso de formação, porque quem mapeia são as entidades máximas. Então, o objetivo é mapeamento, realmente. (FEBERJ)

[...] Aqui no Rio de Janeiro só tem duas entidades que estão regularizadas para poder estar formando treinadores, que é a nossa e a federação de boxe. São as duas que estão regularizadas e conforme a nova Lei Geral do Esporte, somente federações ligadas às confederações ou a conselhos nacionais podem estar habilitando treinadores, formando treinadores. E que eu saiba só tem essas duas entidades, a FPERJ e a FEBERJ. As outras entidades não têm como formar treinadores. (FPERJ)

A análise das respostas revela uma disparidade no que concerne ao reconhecimento mútuo entre as entidades que possuem alguma chancela nacional. A FPERJ, ao reconhecer a FEBERJ como uma entidade equivalente, parece adotar uma postura de concordância no âmbito estadual. A FEBERJ, por sua vez, transmite a percepção de que detém a posição de autoridade máxima no Estado.

Essa dicotomia nas visões sobre a autoridade e legitimidade das entidades sugere um desalinhamento de perspectivas, potencialmente influenciado pelas diferentes interpretações da legislação esportiva e pela busca individual de reconhecimento e influência no cenário esportivo carioca. Essas nuances merecem uma investigação mais aprofundada para compreender plenamente os fundamentos subjacentes a essas percepções distintas.

No que diz respeito à qualidade da formação, tanto a Unicombat quanto a FEBERJ expressam críticas em relação às demais entidades. Essa postura sugere a existência de divergências percebidas nos padrões e métodos adotados por outras organizações na formação de treinadores.

A Unicombat, em sua análise, destaca uma preocupação específica com a falta de ênfase no ensino direto da modalidade, sugerindo que a atenção das entidades se desvia do foco primordial no ensino. A crítica aponta para a necessidade de um maior investimento na preparação dos profissionais para o ato de ensinar, visando garantir uma formação mais abrangente e eficaz. Eles destacam que a atual falta de ênfase no ensino pode comprometer a capacitação dos treinadores, refletindo diretamente na qualidade do Boxe praticado na região.

[...] eu não quero fazer críticas, mas eu acho que ainda há uma preocupação muito pequena com a parte de ensino da modalidade, em si, e a preocupação maior acaba se desviando do ensino propriamente. A preocupação das entidades hoje não é ensinar a ensinar, preparar quem vai ensinar. Na realidade, existem outros interesses e isso impede que a gente tenha profissionais mais capacitados. (Unicombat)

Por sua vez, a FEBERJ compartilha críticas relacionadas à metodologia de avaliação adotada por outras entidades. Sua observação sugere uma avaliação considerada simples e superficial nos cursos oferecidos por essas instituições, em contraste com a abordagem mais abrangente e aprofundada promovida pela FEBERJ. A entidade destaca a importância de um curso de formação ser mais do que um simples seminário, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais abrangente e metodologicamente robusta.

[...] Então, de uma forma geral, o que eu via dos cursos, o que eu vejo aí fora é que a pessoa ensina aquela metodologia, faz uma avaliação simples e muito mais superficial do que a gente faz. [...] o que eu acho dos cursos aí fora é justamente isso, que curso de formação não pode ser modelo seminário, ele tem que ser muito mais abrangente. O que diferencia é justamente a metodologia da avaliação, que nem a confederação tem isso, tanto que a confederação está se apoiando muito na gente para fazer os cursos de técnico agora, dentro do método que a gente tem de avaliar. (FEBERJ)

[...] a gente não só avalia fundamentos, a gente avalia a Escola de Boxe Moderna inteira, a gente avalia postura, se a pessoa tem a postura de treinadora, a gente faz TCC, se a pessoa sabe orientar, se ela tem dicção, se ela não tem, como que ela vai ter o controle da turma, isso os outros não fazem, isso só a federação sabe. (FEBERJ)

[...] é uma avaliação que vem com a foto do aluno e vem se ela está sabendo do objetivo do fundamento que ela está passando [...]. Isso só tem na federação, isso não tem lugar nenhum, que eu saiba nem do mundo. (FEBERJ)

A FEBERJ afirma não apenas avaliar os fundamentos técnicos, mas também aspectos mais amplos para a formação de profissionais que atuam com o público. O termo “postura”, presente na fala, sugere estar atrelado ao comportamento geral do treinador, como uma das estratégias para a manutenção da autoridade e capacidade de controlar a turma. Sendo assim, reforçam sua posição de priorizar não apenas o tecnicismo, mas também a formação integral dos treinadores.

A alusão ao desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), como parte do processo de avaliação, também demonstra uma preocupação com a formação de habilidades pedagógicas e comunicação eficaz. Porém, a natureza qualitativa desses trabalhos não foi detalhada.

A afirmação de que apenas “a federação sabe” e de que essas estratégias não existem em outros cursos de formação de Boxe no mundo ressalta a percepção da FEBERJ como detentora de um padrão elevado e abrangente no desenvolvimento de profissionais qualificados no cenário do Boxe.

Durante a comunicação da entidade, foi feita menção aos profissionais pertencentes ao grupo de pessoas com deficiência (PCDs) que desempenham o papel de instrutores no curso oferecido pela instituição, destacando a necessidade de especialização exigida. Essa parte da resposta sugere uma percepção de que existem diferentes formas de atuação na modalidade e que a FEBERJ busca orientar os treinadores a esse respeito. Outras entidades não abordaram qualquer forma de adaptação de conteúdo para PCDs ou a inclusão deles como instrutores no curso.

[...] Eu estava vendo pessoas ganhando dinheiro, juntando, fazendo de repente até mais barato. Porque é uma pessoa só. Hoje eu tenho um grupo de oito profissionais. Eu tenho profissionais PCDs, eu tenho profissionais que trabalham com centros de treinamento, profissionais de alto rendimento. Então, eu tenho fisiologia básica. Então, assim, é uma formação muito mais abrangente e específica. Lógico que você não vai sair de lá especialista em PCD. Mas você tem isso na orientação do curso que você não pode colocar a mão onde você não é chamado, onde você não tem conhecimento, te dar uma formiguinha, uma luz dizendo que você vai ter que procurar uma especialidade, uma pessoa para te orientar. (FEBERJ)

A crítica levantada pelas entidades denota uma preocupação subjacente com a eficácia e a excelência dos programas formativos oferecidos pelas demais instituições no cenário esportivo carioca. Esse incômodo das instituições pode promover um debate construtivo sobre a demanda por uma constante melhoria dos padrões de formação e a elevação do nível geral de competência dos treinadores na região.

2.3.1.3 O perfil dos treinadores que ministram os cursos de formação

No decorrer da resposta, a FEBERJ destaca que não oferece remuneração financeira aos treinadores, portanto os candidatos geralmente são escolhidos entre colaboradores que ocupam posições superiores na hierarquia da federação. O critério inicial para a seleção inclui a experiência técnica dos candidatos, com preferência por aqueles que já atuam como técnicos de equipes ou que possuem um conhecimento substancial na área. No entanto, o aspecto crucial na escolha vai além da competência técnica, destacando-se a capacidade do treinador em transmitir efetivamente seus conhecimentos.

[...] a federação não tem salário. Então, a gente tem os colaboradores que estavam acima, no cargo, geralmente, esses colaboradores já são técnicos,

já trabalham com equipes ou tem, já tem um conhecimento acima. Mas o mais importante quando eu fui escolher isso, além dessa capacidade técnica, é se ele sabe ensinar a ensinar. (FEBERJ)

[...] ele (o curso) é muito teórico prático. Então, é necessário que a pessoa fale bem, tenha uma metodologia que, na hora do slide, ela consiga, com uma frase que está ali no slide, ela consiga passar aquela mensagem da melhor maneira. (FEBERJ)

A ênfase é atribuída à competência de "ensinar a ensinar", destacando a importância de possuir uma metodologia eficaz para a transmissão dos conhecimentos teóricos e práticos. Enfatiza-se, ainda, a relevância da capacidade comunicativa dos treinadores e a sua habilidade de síntese, uma vez que estes devem ser aptos a explicar conceitos de maneira clara e persuasiva, já que o curso possui aspectos teóricos, além dos práticos.

A experiência anterior da FEBERJ revelou a necessidade de remover treinadores que, apesar de possuírem conhecimento técnico, enfrentavam dificuldades em transmitir informações de maneira eficaz durante o curso. O depoimento destaca que a qualidade do ensino é crucial para um curso de formação, indicando que a habilidade de ensinar pode superar, em importância, a competência técnica em determinados casos. Porém, o processo de mudança gerou algum tipo de atrito com os antigos membros da organização.

[...] Na época, deu muito problema isso. Eu comecei, na época, com outro presidente, eu comecei a tirar os professores que tinham até atletas, conhecimento, só que travavam, não conseguiam passar mensagem do jeito que eu via como um curso de excelência. [...] (FEBERJ)

[...] o ensinar a ensinar é muito mais, às vezes, muito mais importante do que a capacidade técnica. Por quê? Porque, às vezes, a capacidade técnica tem um nível que aquela mensagem simples passada de uma maneira má, ela acaba não passando e aquele treinador novo, ele não entende e repassa de uma maneira diferente. Então, essa metodologia do "ensinar a ensinar" ela é principal. (FEBERJ)

Já a FPERJ afirmou que a seleção dos instrutores segue uma abordagem orientada pela especialização necessária para cada curso, ponto comum com as outras duas instituições. Profissionais graduados em áreas como Educação Física, Fisioterapia ou Medicina são convidados a ministrar aulas de acordo com a expertise exigida. No entanto, os docentes não precisam ser treinadores de Boxe especificamente. A instituição também adota uma política de ausência de funcionários permanentes, optando por convidar especialistas de diversas disciplinas para proporcionar uma formação mais abrangente.

Bom, os treinadores que estão ministrando, alguns são formados, tem curso de... às vezes, em educação física, dependendo da área que ele for atuar,

por exemplo, quando é a área de anatomia, fisiologia, tem alguns que são formados em fisioterapia [...] (FPERJ)

[...] a federação não tem funcionário, então, quando a gente vai fazer o curso, como é que a gente faz? A gente convida os professores para estar dando aula. E a gente escolhe, vai dar anatomia. Aí chama alguém, ou um professor de educação física ou um fisioterapeuta. Já teve médico, um cara formado em medicina que deu aula para a gente. Então, dependendo da área de atuação, quando é a área de luta, aí é um treinador mesmo formado pela federação que vai dar a aula. [...] (FPERJ)

O foco primordial da FPERJ reside em capacitar os treinadores para ministrar aulas, disponibilizando conhecimentos específicos, tais como anatomia, fisiologia e primeiros socorros adaptados ao contexto do Boxe. Essa estratégia de seleção de instrutores busca assegurar uma abordagem multidisciplinar e especializada, contribuindo para uma formação qualificada dos treinadores, alinhada às exigências específicas da modalidade.

[...] Dependendo, por exemplo, quando é o primeiro socorro, a gente chama, na última etapa, na última edição do curso, veio um médico com especialização em primeiros socorros, o cara já trabalhou em emergência de hospital. Então, a gente tem essa preocupação de estar colocando pessoas com formação para poder estar dando essa visão mais ampla para o treinador. O objetivo do curso não é ensinar ninguém a lutar, é ensinar a dar aula. (FPERJ)

[...] O cara tem uma formação para quando ele precisar estar atuando dentro da... aconteceu um problema dentro da academia, algum aluno se machucar, se acidentar, o cara saber dar os primeiros socorros, dar algum atendimento, saber quais são as necessidades do aluno, as fisiológicas, para o cara poder ter um entendimento do que está acontecendo. (FPERJ)

A seleção do corpo docente na Unicombat também é voltada para especialistas em áreas específicas relacionadas aos esportes de combate. Médicos que atuam no UFC, fisiologistas, biomecânicos e outros profissionais especializados são escolhidos para ministrar aulas específicas. A ênfase recai sobre a expertise nas respectivas áreas, independentemente de serem treinadores de Boxe. Como observado nas respostas das outras instituições, a abordagem também visa proporcionar aos treinadores uma compreensão abrangente das diferentes facetas da modalidade.

Nós temos um corpo docente hoje que é bem selecionado, porém não é selecionado com algo relacionado ao conhecimento do boxe, na prática. [...] (Unicombat)

[...] será que você, para obter conhecimento da ciência, da medicina, por exemplo, para entender que [...] você precisa proteger bem a sua cabeça, que a cabeça não foi feita para tomar pancada e para isso ela precisa de cuidados e esse cara não precisa ser treinador de boxe. Você concorda comigo? (Unicombat)

Tanto a FPERJ como a Unicombat trazem a multidisciplinaridade como foco das suas respostas sobre essa questão. Já a FEBERJ parece se atentar mais ao

desenvolvimento das capacidades pessoais de ensino e condução de aula do treinador, o que demonstra que as três organizações compreendem algumas das limitações do conhecimento empírico, que, muitas vezes, necessita de complementos presentes em outras ciências. Ainda assim, observa-se que o foco das respostas das três instituições está atrelado ao cenário competitivo da modalidade e aos riscos inerentes da prática do Boxe de alto rendimento.

2.3.1.4 Critérios de escolha dos indivíduos aptos a participar do curso de formação

Os critérios para participação no processo de formação de treinadores abrangem desde a avaliação da capacidade técnica e didática, análise do gesto motor, experiência prévia com o Boxe, até mesmo o simples interesse genuíno. Esses requisitos são fundamentados de maneira única por cada entidade, como evidenciado pelas diversas manifestações apresentadas a seguir.

Na FEBERJ, o processo de seleção evoluiu de indicações informais para um método mais criterioso. A indicação por alguém regularizado ainda é considerada, mas o histórico de reprovações levou a uma abordagem mais seletiva. Apenas os treinadores que já trabalham com a Escola de Boxe Moderna e estão atualizados recebem indicações válidas.

Antigamente era só indicação. [...] e essa pessoa tinha que ser indicada por alguém que estivesse regularizado. [...] Então, a gente começou a ver que o índice de reprovação para pessoas indicadas estava sendo muito grande. (FEBERJ)

Então, o que a gente começou a fazer? Quando eu sei que é um treinador que já trabalha com a Escola de Boxe Moderna, que é um treinador que está atualizado, essa indicação ela vale [...] (FEBERJ)

Para outros casos, a FEBERJ exige vídeos de fundamentos e escola de combate dirigida e condicionada. A comissão técnica avalia o gesto motor do aspirante e decide se o indivíduo possui condições de se tornar um treinador de Boxe após o curso. Segundo a resposta, esses filtros visam evitar reprovações, garantindo um padrão mais elevado e uma formação mais eficaz.

[...] Quando eu já sei que não é um treinador ou que não tem treinador federado, [...]. A pessoa tem que mandar um vídeo de fundamentos e um outro vídeo de escola de combate dirigida e condicionada. E o que acontece? Nisso, no vídeo, a comissão técnica já é capaz de entender se a pessoa

entende daquilo, se o gesto motor já é mais alinhado e a gente no curso conserta. (FEBERJ)

Em relação à Escola de Boxe Moderna, a FEBERJ ressalta a caracterização desse paradigma como uma novidade, indicando que apenas um número limitado de treinadores adotou integralmente essa abordagem, até o momento do curso em questão. A federação não pressupõe que os candidatos já incorporem os princípios da Escola de Boxe Moderna. Em vez disso, existe uma orientação para avaliar se os participantes têm potencial para ingressar no curso e evitar situações de reprovação, reconhecida como uma circunstância desfavorável.

[...] Eu não vou querer que ela já venha com a Escola de Boxe Moderna porque isso é uma novidade. Não é todo treinador, acho que no Rio de Janeiro deve ter hoje, agora com esse curso, deve ter 20 treinadores que trabalham realmente fielmente a escola moderna. Mas a gente já tem uma orientação se aquela pessoa tem uma possibilidade de entrar no curso e não reprovar, porque a reprovação é uma coisa realmente muito chata. [...] (FEBERJ)

Essa perspectiva sugere uma postura pragmática, na qual a FEBERJ busca proporcionar uma oportunidade de aprendizado a indivíduos que, embora possam não estar totalmente imersos nessa abordagem, apresentam potencial para absorver os ensinamentos oferecidos no curso.

A FPERJ reitera os critérios específicos alinhados à nova Lei Geral do Esporte (Brasil, 2023). Segundo a instituição, o postulante deve ter histórico como atleta na referida federação e apresentar, no mínimo, três anos de experiência na modalidade em questão, evidenciando sua imersão na prática da luta.

Então, conforme a nova Lei Geral do Esporte ele tem que ter é passado pela federação como atleta, ser um praticante da modalidade já algum tempo, no mínimo três anos e ter uma vivência dentro da luta. [...] (FPERJ)

O curso é aberto tanto para atletas quanto para professores de Educação Física que desejam se especializar. A FPERJ destaca que não é necessário ser um campeão, mas que a vivência na modalidade é fundamental. A indicação do treinador é obrigatória para a matrícula, destacando a importância do aval de um profissional experiente.

[...] Pode ser um professor de educação física, [...] aí ele vai fazer aquela especialização para poder estar se capacitando para dar as noções básicas do boxe, como é que funciona o boxe, o que é o boxe. Então é aberto para atletas, para professores de educação física que queiram estar se especializando. [...] (FPERJ)

[...] Precisa ser um campeão? Não, não precisa. O cara tem que ter a vivência. Já sou atleta, já tenho a experiência, sei todos os fundamentos do

boxe. Aí o cara está apto para fazer e com a indicação do treinador dele. A gente sempre pede para que o treinador indique, "O meu aluno está apto a fazer o curso". Aí o treinador indicou, a gente matricula ele. Se não houver indicação de um treinador a gente não aceita, entendeu? [...] (FPERJ)

Na Unicombat, o único requisito para se tornar um treinador de Boxe é o interesse do indivíduo. A organização enfatiza que não é necessária experiência prévia em modalidades de luta "em pé", que englobam socos, chutes, entre outros. Esse enfoque é considerado vantajoso pela instituição, pois permite a construção da base de acordo com seus princípios.

Só o interesse dele em se tornar um treinador de boxe. Inclusive, tem um conversando comigo aqui agora que quer ingressar que é do Jiu-Jitsu. Que não tem base nenhuma em pé. [...] (Unicombat)

[...] O fato de o indivíduo não [...] ter experiências com luta em pé, qualquer que seja, que utilize o boxe, de certa forma ajuda, porque nós fazemos toda a base dele de acordo com o que a gente acredita que vai ser melhor para ele. Então, ele não vem com costumes. Então isso facilita muito mais o aprendizado dele. Aí é claro, cada profissional de acordo com seu interesse vai se tornar um bom profissional ou um profissional mediano ou ruim. (Unicombat)

Outro argumento apresentado pela Unicombat reside na valorização da amplitude e abrangência do curso, que engloba aulas teóricas, práticas e estágio. O estágio oferece a oportunidade de vivência em diversas atividades correlatas à modalidade. A instituição defende que a extensa carga horária e a obrigatoriedade do estágio são elementos fundamentais para assegurar a qualidade do programa e o comprometimento dos participantes.

[...] Na Unicombat não há pré-requisito para iniciar o curso, porque a gente tem um curso muito extenso, então a carga horária, tanto de aulas teóricas quanto aulas práticas, é muito extensa e ainda é exigido o estágio, [...] por ser uma instituição [...] com registro no MEC e pela carga horária do nosso curso é exigido estágio, daí esse estágio pode ser feito em aulas, eventos, cursos e seminários, qualquer atividade que envolva a modalidade. (Unicombat)

Em síntese, os critérios de seleção para o curso de formação de treinadores de Boxe variam entre as três entidades. A FEBERJ adota uma postura voltada à habilidade motora e ao conhecimento prévio do indivíduo, considerando não apenas indicações, mas também vídeos de fundamentos e escola de combate. A ênfase na Escola de Boxe Moderna destaca a busca por treinadores alinhados a essa abordagem, ao passo que a FPERJ alinha seus critérios à nova Lei Geral do Esporte, enfatizando a experiência como atleta e a necessidade de indicação de um treinador mais experiente. Por sua vez, a Unicombat adota uma abordagem mais inclusiva,

baseando-se principalmente no interesse do indivíduo, sem exigir experiência prévia em lutas em pé. Assim, as diferentes perspectivas evidenciam a diversidade de critérios adotados pelas entidades, refletindo abordagens que visam garantir um padrão elevado de formação de treinadores de Boxe, segundo a concepção de cada instituição.

2.3.1.5 Formação continuada e cursos de reciclagem

No contexto da formação e reciclagem de treinadores no cenário do Boxe, as abordagens adotadas pelas instituições entrevistadas apresentam diferentes perspectivas, estratégias e desafios.

A FEBERJ enfatiza que o curso atualmente disponibilizado representa um progresso em relação às edições anteriores, constituindo assim uma oportunidade de atualização para os profissionais que foram treinados antes de 2019. A federação reconhece a importância dessa atualização, uma vez que os cursos anteriores eram considerados básicos, tanto em termos de conteúdo quanto de carga horária disponibilizada.

Esse curso, por ser o mais avançado que a gente tem hoje, ele já vale como atualização para aqueles antigos antes de 2019. Ele já é uma atualização. E é uma necessária atualização porque os outros cursos eram realmente muito básicos. Básico de tudo, até em termos de carga horária. [...] (FEBERJ)

Entretanto, ciente da necessidade de expansão, a FEBERJ está atualmente explorando a possibilidade de criar módulos de especialização. Apesar da limitação de tempo e recursos, a proposta visa oferecer oportunidades de aprimoramento em áreas específicas, exemplificadas pelo módulo voltado para pessoas com deficiência. No entanto, a instituição enfrenta desafios significativos, uma vez que a mesma equipe responsável pelo desenvolvimento dos cursos é também encarregada dos campeonatos e do planejamento, resultando em restrições temporais consideráveis.

[...] a gente vem pensando e fazendo módulos de especialização. Então assim, dentro do PCDs que a gente acabou de dar lá. Então, esse pessoal que já fez a introdução pode fazer o módulo de PCDs. Só que a gente não tem equipes grandes e tempo hábil na federação para isso. A mesma equipe de Curso é a mesma equipe que trabalha nos campeonatos. É a mesma equipe que trabalha na área de planejamento. Então assim, por isso que eu tenho pouco tempo. [...] (FEBERJ)

Nesse sentido, a direção da FEBERJ enfrenta desafios logísticos para expandir sua oferta educacional devido à demanda de trabalho em outras áreas e aos custos associados a essas iniciativas. A possibilidade de incluir mais cursos é ponderada, porém, o aumento na variedade de programas educacionais demandaria uma estrutura mais complexa e onerosa. Além disso, há a preocupação com a acessibilidade financeira desses cursos para os interessados, uma vez que um acréscimo significativo no valor das mensalidades poderia impactar adversamente a adesão dos alunos.

[...] Assim, para colocar mais coisas, ele ia virar, praticamente, uma universidade pequena, que eu falo... universidade, não, porque são quatro anos, mas assim, daria para colocar mais coisas, mas ele ficaria também muito mais caro, por causa de dias, de pessoas. Dá para completar? Dá, mas quem que vai querer pagar? Tem essa questão também. [...] (FEBERJ)

[...] Então, eu preciso estar em cada lugarzinho assim para as pessoas pegarem um pouquinho disso para poder andar sozinho. A ideia é que o curso ande sozinho, independente de competição. Mas como é que eu vou fazer? Se o presidente tem que estar na competição e o presidente é um dos professores? Vamos falar assim. Enquanto a gente não tiver salário também, é onde a gente, de alguma forma, tem uma rentabilização. Porque a gente precisa ser rentabilizado pelo trabalho que a gente faz. A gente se dedica diariamente. É uma federação que trabalha [...]. Mas eu gosto e tenho essa missão com o boxe. Mas a verdade é essa, que em termos de curso a gente trabalha dessa maneira. (FEBERJ)

De acordo com a resposta, a necessidade de participação direta de membros-chave da FEBERJ na condução dos cursos pode gerar conflitos de agenda, visto que esses profissionais também desempenham funções essenciais em outras áreas, como na organização de competições e na administração da federação. Dessa forma, a autonomia e a sustentabilidade do curso são fatores a serem considerados, especialmente diante da ausência de remuneração direta para os envolvidos.

Em relação a esse tópico, a direção da FPERJ adota uma abordagem prática para a reciclagem e o aprimoramento dos treinadores, destacando a importância do estágio como parte integral do processo de formação. Após a conclusão do curso, a federação oferece estágios aos treinadores, proporcionando-lhes a oportunidade de adquirir experiência prática em eventos realizados pela própria federação ou em academias parceiras.

Então acabando o curso a gente oferece estágio para o treinador ter a vivência dentro da federação. Esse estágio pode ser nos nossos eventos, ele vem para pegar mais a parte de competição ou a gente pode estar indicando ele para alguma academia parceira para ele lá assistir às aulas, participar das aulas. [...] (FPERJ)

[...] nenhum curso que existe no mercado o cara não está pronto, o cara pegou ali a base para começar a trabalhar e a partir dali ele começa a buscar

o estágio, interagir com outros profissionais para o cara ter sucesso. Se o cara não fizer esse estágio, passar por todo esse processo de capacitação mais prática, no dia a dia, ver o que dá certo, o que não pode ser feito. Ele não consegue avançar na profissão e muitas vezes abandona. O que a gente tem visto é que os treinadores que se formam e que dão continuidade nesse estágio buscam interagir com outros treinadores, os caras conseguem avançar. Agora, a grande maioria que não faz isso, acaba só botando o diploma na parede e não venha se tornar treinador, porque o cara não consegue formar uma base para se desenvolver na profissão. (FPERJ)

Sendo assim, a FPERJ afirma que, no cenário atual, nenhum curso disponível no mercado capacita integralmente os treinadores, sendo necessário que estes busquem estágios e interação com outros profissionais para alcançar o sucesso. A instituição observa que os treinadores que efetivamente buscam essa interação conseguem progredir com mais sucesso em suas carreiras. Aqueles que optam por não realizar estágios e não interagir com outros profissionais podem enfrentar dificuldades em estabelecer uma base sólida para seu desenvolvimento profissional, levando muitas vezes à não concretização da profissão de treinador, com o diploma adquirido sendo apenas uma formalidade sem aplicação prática.

Já a Unicombat possui uma estratégia de reciclagem que diverge das outras duas instituições. O suporte pós- formação é mantido através de um grupo no WhatsApp com diversos treinadores. Nesse ambiente, ocorrem discussões e intercâmbios sobre temas relacionados ao Boxe.

Após a formação do treinador de boxe, nós temos um grupo no WhatsApp, onde a gente possui mais de 100 treinadores. Antes da Unicombat eu já formava treinadores de boxe. E a gente tem mais de 100 treinadores nesse grupo. E nesse grupo acontecem muitas discussões a respeito do boxe. Então, tudo relacionado ao boxe. [...] (Unicombat)

A instituição afirma promover uma abordagem de formação continuada, proporcionando aos treinadores informações atualizadas, participação em discussões e reuniões, além de oferecer descontos em cursos adicionais. Segundo a organização, a ênfase está em manter os treinadores não apenas formados, mas continuamente atualizados e envolvidos no universo dinâmico da modalidade. A Unicombat destaca que sua abordagem de formação continuada, em colaboração com uma empresa associada, foi objeto de apresentação em um congresso acadêmico. No entanto, a instituição não fornece detalhes adicionais sobre os aspectos específicos ou resultados dessa apresentação.

[...] A gente tem uma equipe da Unicombat que acaba fazendo, é uma parceria da [...] minha empresa, acaba fazendo um trabalho de, podemos dizer que, reciclagem, sim. A gente chama de formação continuada. Inclusive,

isso foi apresentado já em congresso acadêmico e a gente faz uma formação continuada. [...] (Unicombat)

[...] O indivíduo, após a formação dele, vai recebendo informações ainda, participa de discussões, de reuniões para poder estar se capacitando ainda mais. E, é claro, recebe também descontos em cursos, coisas desse tipo. Então, a nossa ideia é fazer com que o indivíduo não seja só formado treinador de boxe, mas que ele se mantenha sempre atualizado e que ele receba o máximo de informações possível do mundo daquela modalidade. (Unicombat)

A formação e a reciclagem de treinadores de Boxe no Rio de Janeiro apresentam um cenário dinâmico, onde as instituições demonstram se esforçar para equilibrar a atualização de conhecimentos, a viabilidade logística e a acessibilidade financeira, ao mesmo tempo em que buscam inovações para garantir a eficácia contínua da formação oferecida. Entretanto, algumas limitações são notáveis nas falas dos dirigentes. Estas incluem a falta de compreensão abrangente das necessidades e expectativas dos treinadores e do mercado em geral, muitas vezes devido ao foco prioritário em requisitos regulatórios ou na resolução de desafios imediatos, como a organização de competições. Além disso, as percepções dos dirigentes podem ser influenciadas por suas próprias experiências e visões sobre o que constitui uma formação adequada para os treinadores, resultando em resistência à mudança ou à adoção de novas abordagens. A falta de exposição a perspectivas externas e melhores práticas, bem como preocupações sobre a sustentabilidade financeira das iniciativas, também surgem como fatores limitantes, levando os dirigentes a adotar uma abordagem mais cautelosa ou a priorizar outras áreas de investimento.

2.3.1.6 Curadoria dos materiais utilizados durante os cursos de formação

A FEBERJ destaca a elaboração de uma apostila que incorpora informações de diversas fontes, incluindo literatura fornecida pela própria CBBoxe e outras referências. O material abrange temas como história, teoria prática, Escola de Boxe Moderna e planejamento.

[...] A nossa apostila é baseada em várias literaturas que a gente pega. Então, principalmente, de uma literatura que era dada pela própria CBBoxe. A gente juntou com outras literaturas, vai fazendo o material nosso, história também. [...] por exemplo, no próximo curso, nosso trabalho no material de história, ele já vai ser feito com o “boxeando com a história”, porque ele já esteve com a gente no curso, fez uma apresentação e eu falei, eu não tenho essa ideia de

eu ficar dando história, sem uma pessoa que é historiadora e que pode contemplar o curso de uma maneira melhor. [...] (FEBERJ)

[...] Em termos de teoria prática, escola moderna é uma coisa nova que vem e a gente vem retirando do próprio material da própria confederação. Atualidades é uma coisa nossa. Planejamento, no caso, vem um pouco da parte da educação física, que eu trago conhecimento da educação física por ser profissional em educação física também. Então, a gente faz um misto, eu pego aquilo que é da educação física, como eu tenho conhecimento do boxe, eu transformo no boxe e a gente monta o material dessa maneira. (FEBERJ)

Além disso, são mencionados slides que, embora mais completos que as apostilas, não são divulgados devido à necessidade de patenteamento para evitar cópias.

[...] o que falta pra gente é patente, entendeu? É ter o material, uma redação, uma revisão para patentear. Então, enquanto a gente não patenteia, a gente não tem como repassar isso, [...] os slides são mais completos que as apostilas, são bem mais completas, mas enquanto a gente não patenteia, que é um custo também e a cada vez a gente vai aumentando, vai melhorando. [...] É muito complicado. Então, a gente não divulga os slides por conta de cópia. (FEBERJ)

No que diz respeito à curadoria dos materiais, a resposta branda da direção da FEBERJ admite que a escolha é feita por um único dirigente.

Eu, sou eu, tudo. (FEBERJ)

Com outra ênfase, a FPERJ afirma adotar uma abordagem diversificada, incorporando documentários, debates, apostilas e livros. Os treinadores são incentivados a assistir a documentários que abordam a evolução do Boxe ao longo do tempo, enquanto debates e indicações de livros almejam enriquecer a experiência de aprendizado.

Nós trabalhamos com documentários que a gente passa para os treinadores para eles assistirem. Aí fazemos debates sobre esses documentários. Na parte de história do boxe para o cara conhecer a evolução, saber como que o boxe começou, como é que ele é hoje em dia. [...] (FPERJ)

[...] Existem apostilas que a gente passa para os treinadores, para os alunos, indica livros também para ler. Então é isso, são documentários, são livros, a apostila que a gente passa e fora isso são debates também que a gente traz de alguns profissionais já da área para poder estar falando sobre a profissão, sobre o que que dá certo, o que que não dá certo. (FPERJ)

A curadoria dos materiais utilizados pela FPERJ é conduzida por uma comissão de treinadores designada pela instituição. Além disso, a FPERJ novamente alude à Lei Geral do Esporte como um instrumento norteador para a regulamentação da profissão de treinador. Dessa forma, a organização enfatiza a importância do

alinhamento do curso às normativas legais vigentes, incluindo a incorporação das recentes alterações na legislação esportiva.

Bom, a princípio é a comissão lá do curso que a gente forma. [...] (FPERJ)
 [...] Então, a gente faz essa montagem de tudo que já existe, a base que a gente tem utilizado desde 2018, mas a gente está sempre inovando. Agora na próxima edição do curso de formação já vamos colocar a nova lei do esporte, a nova Lei Geral do Esporte, que é uma lei muito abrangente... agora criou a profissão de treinador, então, o treinador tem que saber o que precisa para ele estar se tornando um treinador profissional, quais são as exigências da lei, para o árbitro também. Então, esse conteúdo novo a gente vai passar no próximo curso. [...] (FPERJ)
 [...] O curso anterior ainda não tinha sido promulgado a lei, mas no próximo a gente já tá formatando o curso aí com esse conteúdo novo para estar soltando. E as matérias de anatomia, fisiologia, primeiros socorros, fundamentos do boxe. Isso tudo a gente já tem toda uma planilha ali com aqueles conteúdos que sempre são passados. (FPERJ)

As respostas da Unicombat contemplam a utilização de materiais desenvolvidos internamente durante o curso, incluindo uma apostila. Além disso, são recomendados materiais externos, como o trabalho de especialistas que produzem conteúdos sobre o Boxe.

Durante o curso, nós temos material, claro, desenvolvido pelo curso. Cada disciplina tem o seu material. A gente está com uma apostila bem legal agora. [...] (Unicombat)
 [...] Mas a gente tem alguns trabalhos que a gente já admira, que tem, mais ou menos, uma base dentro do que a gente prega. Um deles, por exemplo, é o trabalho [...] do canal Ciência do Boxe. O cara está hoje na Malásia, inclusive, ele vai ministrar um curso com a gente via online, agora em janeiro [...] (Unicombat)

Na sequência de sua exposição, a Unicombat revela sua consideração pelo modelo de formação de treinadores de Boxe adotado em Cuba. No entanto, a instituição não apresenta de maneira explícita e qualitativa os elementos positivos subjacentes a esse método de formação.

[...] é um cara que tem um conteúdo extremamente interessante, tem uma formação muito admirável, se formou em Cuba, tem conhecimento muito bom, e é um material, por exemplo, que a gente indica. [...] (Unicombat)

A falta de detalhes específicos acerca dos atributos positivos do modelo cubano de formação de treinadores de Boxe impede uma compreensão aprofundada das razões que levam a Unicombat a endossar essa abordagem.

Assim como a resposta fornecida pela FEBERJ, a Unicombat também enfatiza a participação do mesmo especialista em história do Boxe em seu curso de formação. Tal aspecto evidencia a flexibilidade de alguns profissionais no cenário pugilístico do

Rio de Janeiro, os quais têm a capacidade de transitar entre diferentes organizações encarregadas dos cursos de formação da modalidade.

[...] Referente à história do boxe, conhecimento geral na parte histórica do boxe, a gente tem o “boxeando com a história” [...]. Inclusive, [...] é um professor do curso. (Unicombat)
 Não é treinador de boxe e é professor do curso. Acho que ninguém melhor do que esse cara pra falar de história do boxe. [...] Entre outros. [...] (Unicombat)

Adicionalmente, a Unicombat reitera que o historiador mencionado não desempenha o papel de treinador de Boxe, o que corrobora com exemplos dados em sua resposta anterior sobre outros docentes do curso oferecido pela instituição.

Ao final de sua resposta, a Unicombat também afirma realizar uma análise contínua dos materiais disponíveis, priorizando aqueles que estejam alinhados com suas crenças pedagógicas. A instituição ressalta a importância das discussões em grupo para uma seleção criteriosa desses materiais.

Tem alguns outros materiais que a gente vai analisando tudo que tem uma base bem dentro do que a gente acredita que seja mais interessante para o ensino. Isso, inclusive, são discussões que a gente utiliza no nosso grupo. [...] (Unicombat)

A Unicombat também aponta para a centralização da curadoria dos materiais oferecidos em seu curso, e essa responsabilidade é atribuída a um dos treinadores que ministra as aulas. O profissional em questão, que, além de treinador, possui formação em educação e está atualmente cursando mestrado, parece desempenhar um papel significativo na estruturação e formatação dos materiais didáticos utilizados. Segundo a organização, sua expertise é particularmente direcionada à parte didática do curso.

A gente tem um treinador que, inclusive, é formado em educação, está fazendo mestrado agora. [...] ele é um dos professores também do curso, fala sobre equipamentos. E esse cara é o cara que geralmente mexe muito nessa parte didática nossa. Nesse material didático, algumas coisas que a gente tem de sugestão ali, que a gente procura mexer. [...] (Unicombat)
 [...] Ele dá uma analisada e ele é o cara que formata esse tipo de material. Geralmente tudo que vai ser feito ali é passado por ele. Ele é o cara próprio pra fazer essa parte. (Unicombat)

Segundo as respostas das instituições, os cursos de formação de Boxe no Rio de Janeiro englobam uma ampla gama de materiais, incluindo apostilas, documentários, debates e livros, provenientes tanto de fontes internas quanto externas. O objetivo é oferecer aos treinadores uma base sólida e diversificada para sua formação, adaptada às estratégias específicas de cada entidade.

Nas três instituições, profissionais estão diretamente envolvidos na elaboração e seleção dos materiais de ensino, embora com estruturas de curadoria diferentes. Na FEBERJ, a responsabilidade recai sobre um dos dirigentes, enquanto, na Unicombat, um dos treinadores desempenha um papel-chave nesse processo, especialmente na área didática, resultando em uma curadoria centralizada para ambas as entidades. Por outro lado, na FPERJ, essa responsabilidade é atribuída a uma comissão de treinadores encarregados pelo curso.

Com base apenas nas respostas desta pesquisa e sem análise dos materiais, não é possível determinar as vantagens ou desvantagens da centralização ou distribuição da curadoria. No entanto, as falas dos dirigentes indicam que as entidades estão satisfeitas com suas estratégias.

2.3.1.7 A estruturação dos cursos de formação de treinadores de Boxe

O curso de formação da FEBERJ possui uma carga horária total de 68 horas, sendo aproximadamente 48 horas em sala de aula e 20 horas de estágio. A estrutura é dividida entre partes teóricas e práticas. Os tópicos abordados incluem história do Boxe, gestão do mercado de Boxe, metodologia, fisiologia, desenvolvimento de atletas, clínica com atletas, escola moderna de Boxe, trabalho de conclusão de curso (TCC), primeiros socorros, avaliações, estágio e atividades extras.

Hoje o curso tem 68 horas. Praticamente, dessas horas todas, eu acho que 48 horas dentro de sala de aula, 20 horas de estágio. [...] (FEBERJ)

[...] Então, a gente tem história de boxe, gestão do mercado de boxe, metodologia, fisiologia, caminho do desenvolvimento de atletas a longo prazo, clínica com atletas, escola moderna de boxe teórico prático, TCC, primeiros socorros, avaliações, estágio e atividades extras. [...] (FEBERJ)

[...] Ela é dividida em teórico prático, [...] quando a gente tem, a gente prefere que em salas corporativas sejam os assuntos todos teóricos, que está em uma sala com ar-condicionado com mesa confortável, para que a mensagem possa chegar de uma maneira muito mais confortável. E quando é prática, a gente faz nas escolas de boxe mesmo, que a gente sabe que já é calor, que já tem saco, que é outra visão, que é a visão que está todo mundo acostumado mesmo dentro de uma escola de boxe, na parte prática. Mas na parte teórica a gente tenta sempre dar esse conforto para que essa mensagem não fique cansativa. Porque são seis dias, praticamente, mais que a metade, é de imersão real. Você ficar oito horas dentro de uma sala de aula [...] (FEBERJ)

O conforto dos alunos durante o curso parece ser uma prioridade, segundo o discurso, como uma das estratégias para melhor retenção dos conteúdos que são ministrados, contudo há dias com 8 horas seguidas de aula. Nesse sentido, a FEBERJ opta por separar o “espaço teórico” do “espaço de prática”. Além disso, a fala destaca a maior familiaridade dos aspirantes a treinador com o ambiente voltado à prática.

Segundo a fala da FPERJ, o curso oferecido pela instituição possui metade da carga horária online e metade presencial. Com duração de três meses, o curso conta com aulas práticas de 8 horas no centro de treinamento (CT) da federação e aulas teóricas aos sábados. A quantidade exata de horas não foi fornecida, mas há uma ênfase na abordagem prática, onde os alunos aplicam o conhecimento adquirido durante o curso.

[...] a última edição tivemos aí a 50% do curso era de fora da cidade, tinha aluno de Campos, Macaé, Parati. Então, fica muito difícil para esse pessoal vir fazer o curso aqui. Fica muito caro, não tem como o cara fazer. Então, para atender essa demanda a gente faz um curso 50% online e 50% presencial. É tipo um curso de formação de pós-graduação e o cara vem uma vez por mês aqui, aí passa o dia todo com a gente lá no CT. São 8 horas de aula prática no CT e o restante são aulas que a gente dá aos sábados. Tudo sábado, à tarde, aí tem a aula online e uma vez por mês tem um encontro presencial. O curso tem três meses de duração e são três aulas práticas que são de 8 às 17 horas. (FPERJ)

A avaliação dos alunos da FPERJ é conduzida por meio de atividades simuladas, que consistem na organização de um evento interno no qual os participantes são incumbidos de desempenhar diversas funções, abrangendo desde a coordenação, a arbitragem, até a participação direta nos combates. Durante essas simulações, os alunos são desafiados a aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos em situações reais, participando ativamente de todas as etapas envolvidas. A ênfase recai na apresentação de conteúdos previamente ensinados, seguida pela prática imediata, em que os alunos assumem papéis de instrutores.

[...] E, no final do curso, os alunos apresentam um trabalho e participam de um sparing. Fazendo a parte prática eles organizam tipo um evento, eles formam lá, fazem um evento e eles mesmo lutam, eles mesmos arbitram, vão botar em prática tudo que eles aprenderam durante o curso. Então, o curso é nesse modelo online e presencial. [...] (FPERJ)

Ainda no que se refere à resposta da FEBERJ, eles priorizam a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, envolvendo os alunos diretamente nas atividades de instrução, proporcionando-lhes a oportunidade de atuar como treinadores.

Também é pontuado, novamente, o objetivo da instituição em formar os treinadores para o mercado de trabalho.

[...] Então, tudo tem a parte teórica e quando ele vem ele já começa a trabalhar ali, a gente seleciona os alunos, você vai apresentar isso e bota o cara já para exercitar ali como treinador, ele mesmo vai dar aula, já traz conteúdo que a gente passou para ele, ele começa a apresentar para a gente ver como é que ele se sai, [...] e vai avaliando, orientando o pessoal para que ele consiga alavancar, depois do curso, aí na carreira, que o objetivo é dar uma formação profissional para o cara sair pronto para o mercado de trabalho. [...] (FPERJ)

[...] Nosso objetivo não é ensinar o cara a lutar, o jab é assim, cruzado é assado. Você tem que trabalhar assim, se você trabalhar nessa forma aqui, você tem chance de ter sucesso. Então, a gente passa toda essa parte prática para que ele tenha sucesso na carreira dele e continue alavancando. [...] (FPERJ)

Outro ponto em destaque no discurso da FPERJ está na percepção de que a formação de treinadores é também um investimento para a própria instituição. Nesse sentido, a direção afirma que o sucesso do treinador após o curso impacta diretamente a organização, através da quantidade de atletas que ele será capaz de formar. Com as equipes formadas e participantes nos eventos competitivos da FPERJ, há uma crescente demanda por novas competições, o que naturalmente resulta em um aumento na receita da federação por meio das taxas de inscrição e anuidades dos envolvidos. Nesse sentido, o foco no alto rendimento presente nas narrativas expostas pela FPERJ se justifica pela própria estrutura de arrecadação da entidade.

Se ele tiver sucesso, vai ser bom para a gente, ele vai ter aluno, vai botar aluno para competir e a federação vai crescendo, como a gente já teve vários casos aí de treinadores que começaram com a gente, fizeram curso, hoje em dia já estão com equipes, tem uns que estão com equipes grandes, estão dando resultados maravilhosos para a federação. Então, nosso objetivo é isso, está formando pessoas capacitadas para estar agregando valor à federação. Não adianta a gente pegar, dar o diploma para o cara, o cara não consegue trabalhar e não dá retorno nenhum para gente. Aí é perda de tempo, entendeu? [...] (FPERJ)

Já a Unicombat, opta por uma abordagem mais sucinta ao comunicar os detalhes do curso nesta etapa da entrevista. A direção da instituição afirma que o programa abrange um total de 120 horas, das quais 48 horas são dedicadas ao estágio. A duração estipulada é de seis meses, com aulas realizadas quinzenalmente aos sábados, das 9h às 16h30. Assim como nas respostas da FEBERJ e da FPERJ, a Unicombat também destaca a divisão do curso em momentos teóricos e práticos.

A carga horária é de 120 horas, incluindo 48 horas de estágio. A gente tem 6 meses de curso, aos sábados de 15 em 15 dias. Cada aula, das 9 da manhã

às 16h30. A gente tem um dia inteiro de aula, dois dias de aula. E se dividindo entre teoria e prática. (Unicombat)

Em comparação, os cursos de formação de treinadores de Boxe oferecidos pela FEBERJ, FPERJ e Unicombat apresentam variações significativas em termos de carga horária, estruturação e modalidades de ensino. A FEBERJ, com seu curso de 68 horas, prioriza uma distribuição equilibrada entre teoria e prática, proporcionando aos alunos uma imersão, tanto no conhecimento histórico e técnico do Boxe, quanto na aplicação desses conceitos em ambiente real de treinamento. Por outro lado, a FPERJ adota uma abordagem híbrida, combinando aulas presenciais e online para maximizar a acessibilidade e flexibilidade, com 50% do curso realizado remotamente. Esta instituição também destaca a importância da prática, com a realização de aulas práticas de 8 horas no centro de treinamento. Já a Unicombat oferece um curso mais longo em termos de carga horária, totalizando 120 horas, das quais 48 horas de destinam ao estágio. Embora siga uma estrutura semelhante de alternância entre teoria e prática, sua ênfase parece residir na continuidade do aprendizado ao longo de seis meses, com aulas quinzenais aos sábados.

No que diz respeito às semelhanças, todas as instituições reconhecem a importância de combinar teoria e prática na formação de treinadores de Boxe. Além disso, destacam a relevância do estágio para a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Essas nuances refletem as diferentes necessidades percebidas e contextos das instituições.

2.3.1.8 A percepção sobre os perfis de praticantes de Boxe na contemporaneidade

Inicialmente, a pergunta sobre o perfil dos novos praticantes de Boxe na atualidade parece ter causado certa confusão nos dirigentes da FEBERJ e da Unicombat. Durante o questionamento, a FEBERJ começou respondendo sobre o “perfil ideal” dos praticantes que chegam no curso de formação e não sobre as pessoas que praticam a modalidade de modo geral.

[...] A ideia é que eles (praticantes de Boxe que buscam o curso) sejam muito mais alinhados, porque o professor cobra o alinhamento dos fundamentos. Ele pode ser até não ser um professor tão técnico, pensando em muitas ações, trabalhando como escola de combate, mas se ele for ensinar o boxe com qualidade, os fundamentos de qualidade, já, pelo menos, já adiantam já

bastante, preservando também, apesar de não ser ainda um profissional de saúde, você saber preservar a saúde também do aluno é importante. [...] (FEBERJ)

Logo em seguida, a direção da FEBERJ compreendeu a questão e expôs que o perfil dos praticantes atualmente é heterodoxo, dando continuidade a sua resposta.

Esse perfil (praticantes de Boxe na atualidade) é muito heterogêneo, eu vejo no curso, em relação a isso. Como a gente trabalha com muitos públicos e essa capacitação vem cada vez mais se abrindo. Então, você tem, por exemplo, eu tenho professor que dá pessoal e que o aluno quer aula técnica. [...] (FEBERJ)

[...] o meu perfil, por exemplo, na época, eu me direcionei e foi para o público feminino. Depois eu comecei com o masculino e depois eu gostei de competição. Indo em competições eu fui buscando outros públicos. [...] (FEBERJ)

[...] Público de boxe tem onde você quiser. A questão é como você coloca, como que você vai vender essa estratégia de você ter aluno. Porque você não tem limitação. [...] (FEBERJ)

A instituição reconhece a diversidade de pessoas interessadas na modalidade, o que coaduna com as percepções de autores sobre a crescente diversificação do perfil de indivíduos em busca dos esportes de combate. Nesse sentido, com foco no aspecto comercial, a FEBERJ ressalta que é responsabilidade do treinador desenvolver uma estratégia de venda que atenda às diversas demandas existentes.

Com outro foco, a FPERJ também destaca que o público é heterodoxo, mas os exemplos de variação dividem-se apenas entre os atletas competidores no topo do esporte e os que querem competir pela simples experiência. Não destacam outros objetivos fora do espectro competitivo, apenas diferenciam a intensidade na qual o praticante vive o cenário competitivo do Boxe.

[...] A grande maioria dos praticantes não tem como objetivo final se tornar grandes campeões. Eu quero ser um campeão mundial, eu quero ir para um campeonato olímpico, a maioria não quer, a maioria quer fazer o seu treino na academia e ter oportunidade de participar de uma competição, levar a família para assistir, como tem ocorrido nos nossos eventos. [...] (FPERJ)

[...] O público que busca um alto rendimento, os atletas que buscam um alto rendimento, crescendo dentro da profissão, é uma minoria [...] (FPERJ)

Eu vou dizer que uns 15 a 20% focam no alto rendimento, a grande maioria vai lá só para participar, ter aquela vivência. A gente dá oportunidade do infantil até o master. Tem atletas que já estão com mais de 30, estão com 40 anos, às vezes, aparece atleta com 50 e o cara nunca competiu, nunca participou de nenhum campeonato, só quer ter aquela vivência. Aí ele vem, participa lá do campeonato, faz aquela festa toda, traz a família. O cara sempre quis participar, nunca teve oportunidade. [...] (FPERJ)

[...] Porque o cara que pratica boxe, o ponto alto da prática é subir no ringue. [...] (FPERJ)

A entidade ainda destaca que a capacidade de formar atletas e oferecer experiências enriquecedoras aos praticantes, independentemente dos resultados competitivos, é reconhecida como um indicador de sucesso na carreira dos treinadores.

[...] O cara, de repente, não quer se tornar um competidor profissional ou olímpico, mas o cara quer e é a prova que o treinador está trabalhando corretamente. Porque o cara vai lá, independente do resultado, se o cara souber lutar, fazer um ataque, uma defesa, ter um bom desempenho ali durante os três rounds, vai mostrar que o treinador é um profissional qualificado. [...] (FPERJ)

Nesse contexto, a organização destaca o potencial das competições como uma ferramenta para impulsionar o trabalho dos treinadores e motivar os praticantes. Ao oferecer experiências competitivas acessíveis, dentro dos limites destacados pela entidade, a federação acredita contribuir para o crescimento da modalidade e a descoberta de novos talentos.

[...] e aquilo ali vai servir de vitrine para outros futuros alunos do treinador. Aí o cara fala, "Levei o atleta lá, levei o meu aluno, o aluno lutou bem, perdeu, mas fez uma boa luta", e aquilo ali vai servir de alavanca no trabalho dele. [...] A gente vê isso como resultado em várias equipes que cresceram muito participando dos campeonatos nossos. [...] (FPERJ)

[...] Então, é uma forma de alavancar o trabalho do treinador, da equipe e assim motivar. É uma forma de estar motivando o cara que, às vezes, era sedentário, entrou na academia para fazer uma prática, que os cara ficam ali só batendo no saco, sem competir chega em um determinado tempo ali do treinamento que o cara acaba desanimando, "Não vou mais treinar, não", aí parte para outras modalidades, ao passo que se ele tiver oportunidade de a cada um mês ou dois meses ou três meses está podendo participar das etapas, ele vai estar sempre ligado ali, criando vínculo com um treinador, com a academia e é uma coisa contagiante. [...] (FPERJ)

[...] A grande maioria é de participação e a gente tem essa visão de estar dando oportunidade para todos, porque com isso aquelas equipes que, às vezes, não têm atleta de alto rendimento atraí novas pessoas que acabam chegando ali, como já houve o caso, e daqui a pouco aparece uma estrela, um garoto bom que passa para o profissional ou vai para a disputa de campeonato brasileiro buscando títulos maiores. [...] (FPERJ)

Ao concluir sua fala, a organização enfatiza que não se concentra exclusivamente no alto rendimento, buscando proporcionar oportunidades para todos que praticam a modalidade. No entanto, suas declarações anteriores concentram-se na importância do cenário competitivo, ainda que em diversos níveis. Isso sugere que, no discurso da organização, "participar" pode ser entendido como sinônimo de "competir", deixando de lado outras possibilidades de inclusão esportiva.

[...] Mas é isso, a gente não foca só no alto rendimento, a gente dá oportunidade a todos que praticam boxe para poder estar participando. (FPERJ)

Da mesma forma que a FEBERJ, em sua resposta inicial, o discurso da Unicombat não se debruçou sobre o perfil geral dos praticantes de Boxe na atualidade, e sim sobre o perfil dos indivíduos que almejam se tornar treinadores. Nesse sentido, a entidade destaca a dificuldade em fazer o futuro treinador compreender a necessidade do aprofundamento teórico sobre o ensino da modalidade. Algum tipo de afastamento do cenário competitivo também é relatado como uma demanda do curso, já que muitos dos futuros treinadores chegam ao curso apenas com a experiência como competidor, o que cria certa dificuldade para a instituição.

[...] Uma das coisas que a gente tem observado muito é... a gente tem muito ex-atleta, tem muito praticante de boxe, que tem um interesse em se tornar treinador. [...] (Unicombat)

[...] E uma das coisas que a gente acaba fazendo durante o curso, é convencendo... não sei se convencer seria a melhor palavra a se utilizar, mas a gente acaba mostrando para ele a importância de ele entender que ele precisa estudar e conhecer mais sobre a pedagogia de ensino, coisas que vão levar para uma melhora do desenvolvimento do ensino para ele. E ele precisa desligar um pouco dessa questão da competição. [...] (Unicombat)

[...] A gente tem muita gente do Kickboxing, do Muay Thai, que são competidores e muitas vezes tem dificuldade de desligar do lutador e ligar o treinador. E isso, muitas vezes, atrapalha um pouco. [...] (Unicombat)

Nesse caso, a Unicombat aponta que o treinador precisa ser capaz de demonstrar o saber prático, porém destaca que o saber teórico também é relevante, chamado de “bases” pela organização.

[...] Isso eu digo, mas não interferindo na questão prática. Ele precisa ter a parte prática. Só que a prática para um treinador é algo que ele precisa mostrar para que ele ensine. Não quer dizer que ele precisa estar praticando. Quanto mais prática, melhor. Mas, muitas vezes, se confunde isso. Então, a prática de um treinador precisa ser correta o suficiente para se mostrar, porém ele precisa entender as bases. [...] (Unicombat)

A observação da Unicombat sobre a falta de padronização no ensino dos fundamentos da modalidade também revela uma lacuna que parece ser discutida no curso de formação de treinadores oferecido por ela.

[...] A gente ainda vê o boxe muito diferente um do outro. Uma coisa você ter técnicas diferentes, entra em tática, já não entra em técnica. [...] os fundamentos do boxe deveriam ser ensinados da mesma forma. A tática é o que modifica. [...] (Unicombat)

[...] E quando você entra na parte tática, você percebe que tem muita gente que faz coisa muito diferente do que deveria se fazer. [...] (Unicombat)

[...] a gente ainda recebe muita gente com costumes, com desajustes na sua prática do boxe. Então, ainda tem muito isso. Tanto que a grande maioria fica bem impressionado quando começa a trabalhar nas aulas práticas durante o curso. [...] (Unicombat)

As três organizações demonstraram algum tipo de limitação na compreensão da questão sobre o perfil dos praticantes de Boxe na contemporaneidade, o que pode estar atrelado à sua própria estrutura do funcionamento e ao público direto com que os dirigentes lidam cotidianamente, uma vez que os três dirigentes entrevistados estão em maior contato direto com treinadores e futuros treinadores, e não com o público geral que frequenta os centros de treinamento. Além disso, os cursos estão inseridos em um mercado esportivo que ainda possui forte impacto do cenário competitivo, possivelmente influenciando como as entidades enxergam e se comportam frente às demandas. Ainda assim, as respostas esclarecem parte das percepções presentes nas organizações que influenciam o Boxe na cidade do Rio de Janeiro.

2.3.1.9 Autocríticas e autossugestões para a melhora dos cursos oferecidos

A resposta da FEBERJ evidencia uma percepção de que o público que procura capacitar-se como treinador de Boxe está mudando. A fala demonstra alguma relação entre a capacidade de compreensão, o nível educacional e o local de origem do treinador. Nesse sentido, a entidade queixa-se de que muitos treinadores chegam ao curso sem “estudo suficiente”, e isso passa a ser uma demanda atendida pela FEBERJ.

O grupo que chega até a gente é muito heterogêneo. São pessoas que, muitas vezes, eles têm na prática, porém na teoria eles têm muita dificuldade devido à formação mesmo na parte da sociedade que eu estou falando. São pessoas que não tiveram estudo suficiente para poder pegar um plano de aula e descrever um plano de aula, entender um planejamento. [...] (FEBERJ) [...] às vezes, eu falo, eu estou achando que está todo mundo entendendo. E as pessoas não aprenderam isso. Então, eu tenho que voltar, falar em verbo infinitivo, terminando com R, assim, assim, assim, assado. Então, de alguma forma, a nossa capacitação é muito ligada ao sistema de educação também. Eu, [...] acredito que está melhor do que antes. [...] Eu não posso cobrar do boxe hoje uma coisa que tem uma história fundamentada, praticamente, dentro de comunidade, porque os treinadores eram de comunidade. Hoje é diferente, hoje já vem mudando o cenário. [...] (FEBERJ)

Nesse sentido, a direção aponta um caso de sucesso, na percepção da entidade, como um dos exemplos de que treinadores que chegam ao curso possuindo maior grau de estudo acabam se destacando no mercado com mais facilidade. No exemplo citado, o treinador possui formação em Direito, e isso seria um dos fatores,

junto da metodologia de ensino da própria FEBERJ, que possibilitaram o crescimento da equipe formada por ele.

[...] Hoje, por exemplo, o 01 desse curso, ele é advogado, [...] lá de Resende, formado por um treinador que se formou em 2019, começou na praça, abriu uma megaempresa, tem uma metodologia de ensino próprio dentro da academia dele, ele faz isso, que ele sempre falou sobre faixa, como era, ele tinha essa dúvida de como fazia isso. Então, ele falou, "Eu vou fazer isso dentro da minha academia. Quando essa pessoa se formar ela está pronta para a federação". Então, ele criou um módulo de ensino e as pessoas se estimulam a fazer, muito legal o que está fazendo. E ele manda para mim, ele mandou três alunos, quatro alunos. Esses quatro alunos que ele mandou, um foi o 01 e outro foi 02 e os outros acima de 8. Ou seja, esse é o caminho certo. Então, quando eu formei ele lá em 2014, ele já vinha com cursos de capacitação com várias pessoas, mas ele se formou e ele entendeu que a vida dele como treinador, só treinador dentro de uma casinha, ia ser muito limitada, que ele podia ir além. Então, ele pegou a aula de gestão, ele pegou um pouquinho aqui, um pouquinho ali, juntou, quer dizer, vai vender essa metodologia, está crescendo e é um público diferente. [...] (FEBERJ)

A fala subsequente, ainda em relação ao exemplo citado, reforça essa percepção sobre uma diferença entre o público que “vem da comunidade” e o público que vem de outras regiões e locais mais abastados, com maior grau de escolaridade.

[...] É um público que não é de comunidade, é um público que é letrado e que é capaz de ensinar boxe com qualidade também e no interior do Rio. Então, para você ver que isso não se limita a capital. Isso a gente vem mapeando bastante, muita coisa. [...] (FEBERJ)

Para concluir sua resposta, a FEBERJ aponta que recebem pessoas de diferentes municípios e que consideram justo o valor que cobram pelo curso.

[...] Eu tive gente de Quatis, eu tive gente de Macaé, de Piraí, quer dizer, o curso mesmo com o valor que é 1.460, que a gente pensa, "É bastante coisa", mas para oito profissionais, para seis dias, nos locais que a gente faz, nem é caro, é que, realmente, hoje em dia você... não é retirar, mas se você parcelar ele, o investimento é muito bom. [...] (FEBERJ)

[...] Então, o ensino, nesse sentido, ele vem melhorando muito e cada vez mais a gente vai também aprendendo com o professor a trazer mais coisas, não coisas, estratégias para realmente melhorar sem passar do módulo, que o módulo é a formação nesse fundamento que você está procurando, que é o ensino. [...] (FEBERJ)

Uma das queixas da FPERJ gira em torno da dificuldade de oferecer um curso 100% presencial, já que isso elevaria muito o custo repassado aos treinadores. Além disso, apontam que o aumento da carga horária também melhoraria a qualidade do ensino fornecido.

Então, o ideal era que o curso fosse presencial, com maior carga horária, mas diante das possibilidades que existem hoje em dia, é muito difícil fazer isso. A gente está atendendo a galera que é do interior, que o custo do curso ficaria muito alto. Se a gente cobrar um curso muito caro, poucas pessoas vão fazer.

A gente não vai atingir o nosso objetivo, que é estar formando novos treinadores. [...] (FPERJ)

[...] Mas assim, o curso ideal seria um curso com formação, aulas, pelo menos, com três, quatro vezes, por semana, com período maior de seis meses ou um ano, dependendo do que a gente queira estar formando, mas um curso básico de formação a gente conseguiria fazer uma carga horária maior para dar mais qualificação aos nossos treinadores [...] (FPERJ)

O segundo ponto destacado pela FPERJ diz respeito ao volume de treinadores que, após o curso, focam sua carreira em aulas personalizadas. De acordo com a fala, esse não seria o comportamento esperado pela entidade. Como evidenciado em respostas anteriores, a FPERJ espera que os treinadores formem equipes grandes, com muitos atletas competidores e um vínculo mais próximo com a organização. Dessa forma, a entidade consegue se desenvolver economicamente e melhorar seu alcance.

[...] do percentual que é formado, [...] a gente pode dizer aí que 30, 40% dos formandos, eles conseguem estar dando prosseguimento na carreira, que é um percentual, para mim, que é baixo, que, às vezes, 40% de 100%, 40% dá prosseguimento, é muito baixo, que a grande maioria, às vezes, fica só dando uma aula particular, não consegue grandes resultados. [...] (FPERJ)

[...] Às vezes o cara se forma, tem alguns que se formam só para pegar o certificado mesmo e não tem interesse em dar formar equipe, estar trabalhando dentro da modalidade e depende do cara que se forma buscar mais capacitação. A federação também oferece, esse ano nós oferecemos três cursos extracurricular que a gente coloca aí para os treinadores. Mas assim, o interesse do treinador, não sei se é devido ao custo de deslocamento ou, às vezes o cara tem a noção que se ele investir algumas horas em formação, que isso vai somar na carreira dele como profissional, às vezes, falta isso também, quer dizer, o cara me formei treinador, vou ficar trabalhando aqui na minha academia, já estou pronto para o mercado de trabalho. E o cara acha que vai ter sucesso apenas com o curso. E a gente sabe que não, a gente vai dar a base para o cara começar a trabalhar. O cara não vai ter uma formação definitiva. [...] (FPERJ)

[...] Em qualquer profissão, se você faz o curso e não se atualiza, se capacita ao longo do tempo, você vai ficando estagnado. Chega uma hora que você tem que se atualizar. Tem que estar interagindo, tem que estar participando dos eventos, estar junto com as equipes e tem treinador que não entende isso. Então, aqueles que conseguem entender ter essa visão de participação, tem um seminário o cara vai lá assistir, tem um treinamento o cara vem participar. Esses conseguem avançar, a gente tem visto isso. Aqueles caras começaram pequenininho hoje em dia, estão com equipes grandes, estão dando aula, estão tendo reconhecimento do público, isso que faz toda a diferença, entendeu? [...] (FPERJ)

Por outro lado, a Unicombat menciona novamente o modelo cubano de formação, destacando especificamente a integração entre a universidade e a formação de treinadores na modalidade. No entanto, a organização observa que a regulamentação da Educação Física no Brasil representa um obstáculo para essa

integração. Embora o discurso não forneça detalhes específicos sobre essa dificuldade, é ressaltado que tal impedimento não existe em Cuba.

A nossa ideia era que o curso fosse apresentado como é em Cuba. A gente ter o curso de formação de treinador de boxe dentro de uma universidade. O cara faz uma parte da faculdade de educação física, antes ele precisa ter toda a base e a partir daquela etapa ali, ele escolheu uma modalidade, e viria o boxe, ele escolheu o ensino do boxe para ele se preparar pra se tornar um treinador de boxe. [...] (Unicombat)
 [...] E isso, na realidade, conflita com a situação da gente ser regulamentado. A educação física é regulamentada no Brasil e isso dificulta, não tem como a gente fazer. Na realidade, em Cuba não é. Então, Cuba permite que isso se faça. [...] (Unicombat)

Outra dificuldade relatada pela Unicombat diz respeito à possível resistência de treinadores antigos, que podem ser rígidos com a ideia de que ainda precisam aprender mais. Para amenizar a questão, a entidade afirma que busca estratégias para despertar o interesse dos treinadores.

[...] Por outro lado, [...] se você for falar dos treinadores que já são treinadores antigos, professores que já estão militando há muito tempo, até treinadores que não têm cursos, mas que já dão aula de boxe. Mas como você convenceria esses caras que eles precisariam aprender, que teriam mais coisas para aprender? Então, isso dificultaria muito o trabalho. [...] (Unicombat)
 [...] A nossa iniciativa foi justamente mostrar algo diferente e criar um conteúdo totalmente interessante para essa formação. E a gente lutando como a gente está lutando hoje, mostrando para as pessoas que é interessante fazer. Isso aqui vai te dar uma base muito melhor do que o que se tem em outros lugares. A gente tem aulas hoje que não se vê em outros cursos. [...] (Unicombat)

A Unicombat ilustra a diferenciação destacada ao mencionar o comentário favorável de um treinador cubano, anteriormente técnico da seleção brasileira de Boxe. Nesse contexto, o treinador em questão teria expressado elogios em relação ao curso, notando positivamente a presença de profissionais médicos no corpo docente. Tal aspecto é ressaltado como um avanço, uma vez que, de acordo com a entidade, mesmo o curso cubano não apresenta essa abordagem interdisciplinar.

[...] Inclusive, eu acho que está salva na minha rede social, no meu Instagram. Uma conversa com [...] um dos caras que foi um dos técnicos da seleção brasileira durante anos. Veio de Cuba para atuar no Brasil. E quando ele se deparou com o conteúdo que a gente tem, com o programa que a gente tem na formação, ele falou, "Cara, nem em Cuba a gente tem isso. Nem em Cuba você tem médicos atuando no ensino do boxe", e achou interessantíssimo. E você vê, é um cara que vem de lá e fazer uma observação dessa para gente, isso foi extremamente importante. Então, isso só deu mais vontade de a gente continuar desenvolvendo. [...] (Unicombat)

A fala do dirigente da Unicombat termina ressaltando que a Unisaude Educacional possibilita essa aproximação mencionada, do espaço acadêmico/científico com a modalidade esportiva.

[...] A Unisaude, por exemplo, que é a instituição geral, a Unisaude já tem montado um programa para pós-graduação em lutas e, provavelmente, a parte do boxe, do ensino do boxe, a gente deve entrar com isso também como parte do conteúdo [...] (Unicombat)

Portanto, enquanto a FEBERJ e a FPERJ concentram-se em desafios práticos e estruturais enfrentados pelas entidades, a Unicombat introduz uma perspectiva internacional ao buscar inspiração no modelo cubano, embora com menos profundidade, e destacando as especificidades regulatórias brasileiras. Essas diferenças podem refletir a complexidade do cenário de formação de treinadores de Boxe no país, ressaltando a necessidade de uma abordagem diversificada e flexível, capaz de se adaptar às diferentes realidades delineadas pelas entidades.

2.3.1.10 Justificativas e Indicações dos treinadores para a participação no questionário

Ao término da entrevista, cada dirigente foi convidado a indicar cinco treinadores de Boxe da cidade do Rio de Janeiro que pudessem fornecer insights sobre sua formação e ensino na modalidade. Durante as justificativas para suas escolhas, os dirigentes forneceram breves razões para as indicações, e esses pontos foram agrupados abaixo, junto aos respectivos códigos que substituíram os nomes dos treinadores para preservar seu anonimato.

A FEBERJ indicou os seguintes treinadores:

A1: Reconhecido pela sua contribuição feminina ao Boxe, representando a diversidade na formação.

A2: Participante recente do curso, envolvido na "base" da modalidade.

A3: Treinador com experiência na região, contribuindo com seu conhecimento local.

A4: Atuante no Rio de Janeiro, passou por uma atualização recente em sua formação.

A5: Envolvido no curso, trazendo uma perspectiva atualizada para as discussões.

Os treinadores indicados pela FPERJ foram:

B1: Fundador da federação, reconhecido pelo destaque de seu projeto na Rocinha.

B2: Atua na Zona Sul, representando uma área específica da cidade.

B3: Representante da Zona Oeste, trazendo a perspectiva dessa região.

B4: Exemplo de treinador que começou do zero e desenvolveu uma equipe ao longo do tempo.

B5: Treinador com experiência na Zona Oeste, especialmente no bairro da Gardênia.

Por fim, os treinadores indicados pela Unicombat foram:

C1: Reconhecido pelo seu projeto e destaque em colocar atletas na seleção brasileira.

C2: Representante de um projeto específico, com uma perspectiva focada em resultados.

C3: Profissional acadêmico com enfoque no Boxe comercial, contribuindo com uma visão diferenciada.

C4: Atua comercialmente e com a terceira idade, representando a diversidade de público na modalidade.

C5: Exemplo de rápida evolução no Boxe, passando de iniciante a treinador com sucesso comercial.

Essas indicações ressaltam a diversidade de perfis e experiências dos treinadores selecionados, englobando diversas áreas geográficas, especialidades, autoridades e contribuições para a modalidade do Boxe. Ademais, as justificativas oferecidas pelos dirigentes podem funcionar como indicadores de algumas qualidades percebidas e valorizadas por cada um deles.

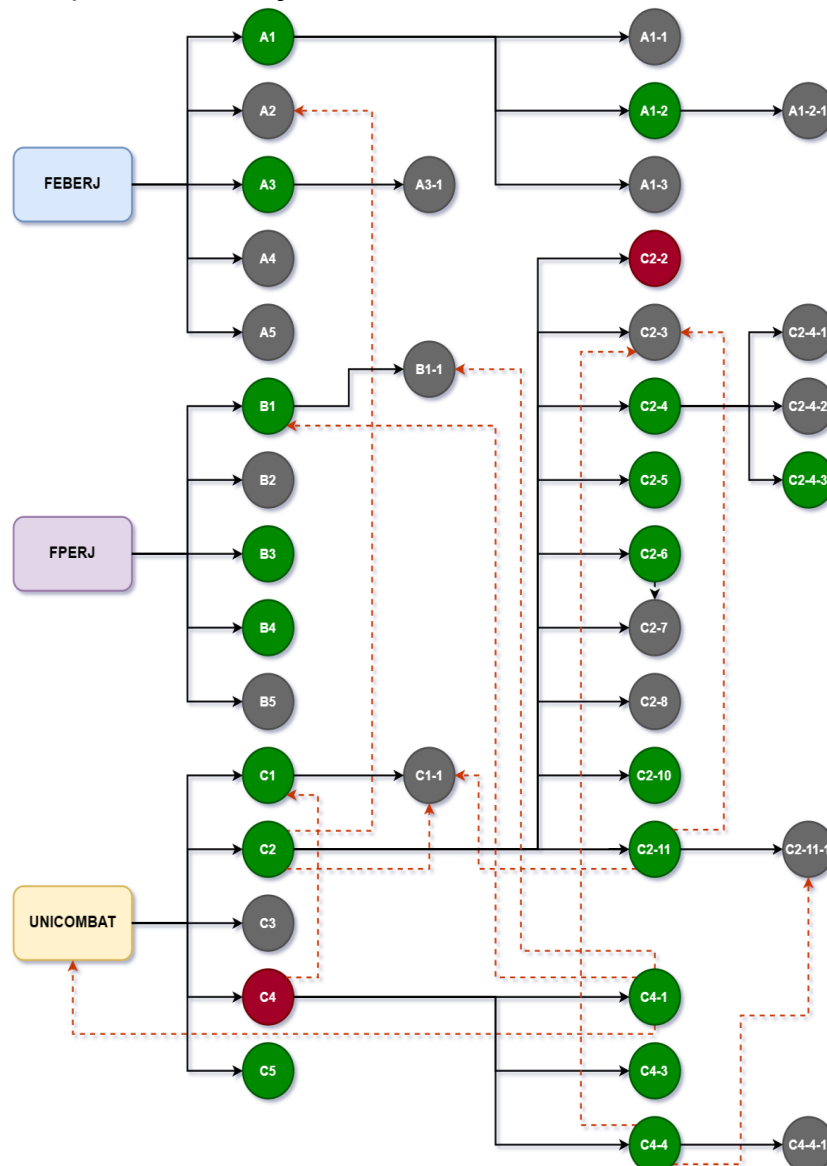
2.3.2 Treinadores de Boxe que atuam na cidade do Rio de Janeiro

Neste segmento, estão presentes os dados qualitativos e quantitativos obtidos por meio do questionário online direcionado aos treinadores de Boxe indicados

durante a condução da pesquisa. As informações pertinentes serão apresentadas sequencialmente, segundo sua obtenção.

Conforme demonstrado no diagrama abaixo, entre os 40 treinadores de Boxe inicialmente indicados, apenas 20 desses profissionais participaram do questionário. É importante ressaltar que um dos treinadores indicados também exerce o cargo de dirigente na Unicombat e esteve ativamente envolvido na entrevista realizada neste estudo, o que o impossibilitou de participar do questionário. No grupo de respondentes, dois indivíduos foram excluídos da análise de dados devido à sua não atuação específica na cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, restaram 18 respostas válidas que foram submetidas à análise.

Figura 1 - Hierarquia das indicações dos treinadores de Boxe



2.3.2.1 Dados gerais sobre o perfil dos treinadores de Boxe participantes

A seguir, são apresentados dados obtidos sobre os treinadores que responderam ao questionário, visando destacar as características gerais do grupo participante. Desse modo, é possível compreender parte dos contextos nos quais esses treinadores estão inseridos, bem como as limitações do estudo em relação à amostra.

Tabela 1 - Informações gerais sobre os treinadores participantes

Nome	Ano de Nascimento	Gênero	Idade Atual	Anos como Treinador	Região de Atuação na Cidade	Escolaridade
A1	1993	Feminino	31	3	Centro e Zona Sul	Cursando Ensino Superior
A1-2	1989	Masculino	35	1	Zona Sul	Ensino Básico Incompleto
A3	1997	Masculino	27	9	Zona Sul e Zona Oeste	Ensino Básico Completo
B1	1985	Masculino	39	10	Zona Sul	Pós-graduação Completa
B3	1983	Masculino	41	8	Zona Oeste	Cursando Ensino Superior
B4	2001	Masculino	23	1	Zona Sul e Zona Norte	Cursando Ensino Superior
C1	1965	Masculino	59	36	Zona Sul	Cursando Ensino Superior
C2	1980	Masculino	44	24	Zona Oeste	Cursando Pós-graduação
C2-4	1959	Masculino	65	8	Zona Oeste e Zona Norte	Ensino Superior Completo
C2-4-3	1971	Masculino	53	5	Zona Oeste	Cursando Ensino Superior
C2-5	1980	Masculino	44	9	Zona Sul	Ensino Básico Completo
C2-6	1987	Masculino	37	18	Zona Norte	Ensino Superior Completo
C2-10	1982	Masculino	42	21	Zona Sul e Zona Oeste	Cursando Pós-graduação

C2-11	1972	Masculino	52	13	Zona Norte	Cursando Pós-graduação
C4-1	1967	Masculino	57	7	Zona Norte	Ensino Básico Completo
C4-3	1970	Masculino	54	21	Zona Norte	Ensino Básico Completo
C4-4	1955	Masculino	69	44	Zona Sul e Zona Oeste	Ensino Básico Completo
C5	1989	Masculino	35	3	Zona Oeste	Ensino Superior Completo

Fonte: O autor, 2024.

Apenas a treinadora A1 se identificou como pertencente ao gênero feminino entre os participantes, o que está em conformidade com estudos que evidenciam a predominância masculina em modalidades de combate. Além disso, destaca-se que a participante tem apenas três anos de experiência como treinadora de Boxe, o que sugere uma inserção recente nesse meio. De acordo com Domingues (2023), essa disparidade numérica reflete a predominância masculina e a liderança dos homens na prática das lutas e dos esportes de combate. A autora também destaca a possibilidade de estabelecer uma conexão entre a construção da identidade masculina e a adesão dos participantes aos esportes de combate (Domingues, 2023).

Tabela 2 - Nº de participantes indicados por instituição

Organização	Nº de Participantes	%
A - FEBERJ	3	16,7%
B - FPERJ	3	16,7%
C - Unicombat	12	66,7%

Fonte: O autor, 2024.

Tabela 3 - Distribuição dos participantes por faixa etária

Faixa Etária	Nº de Participantes	%
23-29 anos	2	11,1%
30-39 anos	5	27,8%
40-49 anos	4	22,2%
50-59 anos	5	27,8%
60-69 anos	2	11,1%

Fonte: O autor, 2024.

Tabela 4 - Resumo estatístico sobre as idades dos participantes

Estatística	Valor
Média	44,83
Mediana	43
Desvio Padrão	12,93
Idade Mínima	23
Idade Máxima	69

Fonte: O autor, 2024.

Tabela 5 - Grau de escolaridade dos participantes

Grau de Escolaridade	Nº de Participantes	%
Ensino Básico Incompleto	1	5,6%
Ensino Básico Completo	5	27,8%
Cursando Ensino Superior	5	27,8%
Ensino Superior Completo	3	16,7%
Cursando Pós-graduação	3	16,7%
Pós-graduação Completa	1	5,6%

Fonte: O autor, 2024.

Tabela 6 - Grau de escolaridade dos participantes por instituição

Escolaridade/Instituição	A - FEBERJ	B - FPERJ	C - Unicombat
Ensino Básico Incompleto	1	0	0
Ensino Básico Completo	1	0	4
Cursando Ensino Superior	1	2	2
Ensino Superior Completo	0	0	3
Cursando Pós-graduação	0	0	3
Pós-graduação Completa	0	1	0

Fonte: O autor, 2024.

Observou-se que a maioria dos treinadores não concluiu o ensino superior, sendo que 27,8% afirmaram estar cursando. No entanto, houve uma discrepância no nível de formação entre os treinadores indicados pelos informantes-chave da Unicombat: enquanto três deles possuem o ensino superior completo, outros três

afirmaram estar cursando pós-graduação. Não é possível inferir com precisão se essa diferença se deve ao fato de o curso da entidade estar relacionado a uma instituição de ensino, como a Unisaude Educacional, que oferece cursos de pós-graduação, ou se foi devido ao maior número de indicações feitas pelo participante C2, o que resultou em outras seis participações.

2.3.2.2 Tempo de atuação como treinador e trajetória dos participantes

Com o propósito de obter uma compreensão geral do tempo de experiência dos participantes como treinadores de Boxe e explorar suas trajetórias dentro desse contexto, eles também foram indagados sobre sua experiência na área.

Tabela 7 - Tempo de atuação dos participantes como treinador de Boxe por instituição

Anos/Instituição	A - FEBERJ	B - FPERJ	C - Unicombat
<5	2	1	1
5-10	1	1	4
11-15	0	1	1
16-20	0	0	1
21-25	0	0	3
26-30	0	0	0
>30	0	0	2

Fonte: O autor, 2024.

Nas respostas fornecidas sobre o tempo de prática e a trajetória dentro do Boxe, diversos pontos foram destacados. Alguns dados evidenciaram a relação entre a experiência como atleta e o trabalho como treinador.

4 anos e meio (de prática de boxe), participando de competições amadoras há 2 anos e meio, sou atleta e professor de boxe! professor há cerca de um ano. (B4)

Ex-atleta e agora eu sou treinador. (C2-11)

[...] Comecei como Boxeador Amador e tive participação ATIVA como Treinador de Boxe na Seleção Brasileira Militar de Boxe das Forças Armadas (2008 a 2010). [...] Também [...] Sou Sócio Fundador da FPERJ (de 2017 a 2021) fui o primeiro Árbitro de Boxe Profissional pelo Conselho Nacional de Boxe [...] (C4-3)

No caso do C2-4, o treinador parece considerar a vivência competitiva como uma forma de ampliar sua percepção e atuação dentro do Boxe. Porém, a vontade de competir surgiu depois de ter passado por cursos de formação de treinadores da modalidade.

[...] Ao começar a praticar Boxe, resolvi ser treinador e fiz alguns cursos. Me entusiasmei e acabei por fazer algumas lutas, [...] para sentir e vivenciar o que um atleta enfrenta ao subir no ringue com plateia. Hoje sou árbitro da FPERJ e do CNB e sinto-me preparado para atuar dentro da modalidade. (C2-4)

Com bastante tempo de atuação na modalidade, o treinador C4-4 direcionou sua resposta tanto ao cenário competitivo como ao possível papel social do esporte. Em sua fala, percebe-se que o mesmo considera o Boxe competitivo uma ferramenta para formar atletas e regular o comportamento dos praticantes.

Bom, eu tô no boxe há 45 anos, tenho 68 e ao longo desse tempo, já participei de várias competições, da qual meus atletas foram campeão brasileiro, várias vezes campeão estadual, sendo que o forte do meu projeto é a obra social, é o projeto social, é lidar com pessoas menos favorecidas, mas ao longo desses anos eu fui beneficiado em poder contribuir muito com isso e transformar pessoas que realmente tinham um comportamento considerado péssimo e transformei eles em campeão de boxe. (C4-4)

De outro modo, o C2-5 parece destacar que não foi atleta, apesar de já praticar a modalidade por mais de duas décadas. Este apontamento pode significar que o mesmo identifica que há uma relação comum entre a vivência competitiva e a formação de treinadores, porém o próprio não se encaixa neste suposto padrão.

23 anos (de prática na modalidade), não cheguei a competir como atleta sou treinador desde 2015. (C2-5)

Já a treinadora A1 fala sobre o uso do Boxe como ferramenta para melhora da saúde psicológica. Nesse caso, a vivência como praticante foi positiva e isso levou a treinadora a se especializar dentro da modalidade.

3 anos (de prática na modalidade), comecei para combater depressão e crise de ansiedade, acabei de apaixonando e fiz o curso para virar treinadora, ano passado virei árbitra de boxe. (A1)

Como pôde ser observado nas respostas dos participantes A1, C2-4 e C4-3, a experiência com a arbitragem no Boxe também faz parte da atuação de alguns

treinadores, o que também evidencia a aproximação deles com o cenário competitivo da modalidade.

2.3.2.3 Atuação com outras modalidades além do Boxe

Com o aumento da versatilidade dos treinadores de esportes de combate na contemporaneidade, é comum que muitos deles sejam praticantes e instrutores de diversas modalidades simultaneamente. Com o intuito de identificar esse aspecto do perfil dos participantes, buscamos identificar em quais modalidades eles atuam.

Entre os 18 treinadores participantes, apenas cinco atuam em outras modalidades além do Boxe, o que representa aproximadamente 27,78% do total de participantes.

Tabela 8 - Trabalho exclusivo com Boxe ou com múltiplas modalidades

Instituição/modalidade(s)	Somente Boxe	Boxe + Outras	%
A - FEBERJ	3	0	0%
B - FPERJ	2	1	50%
C - Unicombat	8	4	50%

Fonte: O autor, 2024,.

Tabela 9 - Lista das modalidades em que os treinadores também atuam

Modalidades	Treinadores
Muaythai	B1, C2-11, C4-1
Kickboxing	C2-4-3 e C4-1
MMA	B1 e C4-1
Kali	C4-1
Kombato	C4-1
Wushu Tao Lu	C4-1
Wushu Sanda	C4-1
Não especificou	C2-10

Fonte: O autor, 2024.

A falta de especificação por parte do participante C2-10 sobre em qual outra modalidade atua como treinador, junto com sua declaração prévia de não ser praticante de outras modalidades, levanta dúvidas sobre se ele entendeu completamente o propósito da questão. Isso nos leva a questionar se ele deixou de praticar após assumir o papel de treinador ou se começou a ensinar sem ter experiência prévia como praticante dessa outra modalidade. A resposta simplificada dos participantes a essa pergunta e a falta de menções a outras práticas durante suas exposições sobre suas trajetórias representam uma limitação significativa na capacidade de generalizar os dados obtidos.

2.3.2.4 Regiões da Cidade do Rio de Janeiro em que os treinadores participantes atuam

A identificação das regiões da cidade do Rio de Janeiro em que os treinadores predominantemente atuam pode revelar informações importantes sobre o cenário do Boxe local. Com esse objetivo em mente, os participantes foram questionados sobre os bairros em que exercem suas atividades. As respostas foram agrupadas nas quatro principais zonas geográficas da cidade: Centro, Zona Norte, Zona Oeste e Zona Sul. Essa segmentação permite uma observação mais detalhada das áreas de influência e distribuição dos treinadores de Boxe na cidade. Além disso, esses dados podem evidenciar lacunas que merecem ser investigadas em estudos futuros, especialmente no que diz respeito às diferenças estruturais entre as regiões da cidade do Rio de Janeiro. Essas disparidades podem influenciar diretamente a presença e a prática do Boxe, bem como de outros esportes. Portanto, uma análise mais aprofundada dessas discrepâncias pode fornecer insights valiosos para entender os fatores que impactam a dinâmica esportiva em diferentes áreas da cidade.

Tabela 10 - Região de atuação dos treinadores participantes na cidade do Rio de Janeiro por instituição

Região/Instituição	A - FEBERJ	B - FPERJ	C - Unicombat
--------------------	------------	-----------	---------------

Centro	1	0	0
Zona Norte	0	1	5
Zona Oeste	1	1	6
Zona Sul	3	2	4

*Alguns treinadores atuam em mais de uma região

Fonte: O autor, 2024.

A maioria dos participantes afirmou atuar em mais de uma região simultaneamente, sendo que a Zona Sul e a Zona Oeste da cidade foram os locais mais mencionados pelos treinadores. Essa predominância pode ser atribuída, em parte, à concentração de renda nessas áreas, o que pode influenciar a demanda e a oferta de serviços relacionados ao Boxe e outros esportes (Rio de Janeiro, 2010). A preferência de alguns treinadores por atender clientes de maior poder aquisitivo, devido à oportunidade de cobrar taxas horárias mais elevadas, pode ser interpretada sob uma perspectiva econômica. No entanto, a ausência de menção explícita a esse aspecto nas respostas dos participantes sugere a necessidade de realizar estudos adicionais relacionados a essa parcela da população.

Em contrapartida, somente a treinadora A1 afirmou atuar na região Central da cidade. É possível que tal correlação esteja vinculada ao estado precário da região, especialmente após a crise gerada pelo COVID-19 (MANZZI, 2023). O sucateamento econômico de determinadas regiões, especialmente após a pandemia, é um ponto que pode ser analisado sob diferentes perspectivas.

É importante destacar que a pandemia de COVID-19 teve impactos significativos na economia global, levando a uma recessão em muitas regiões e a uma diminuição do poder de compra de grande parte da população. Como resultado, áreas que já estavam enfrentando desafios econômicos podem ter sido ainda mais afetadas, resultando em um esvaziamento econômico mais pronunciado.

Nesse contexto, é plausível que treinadores e outros profissionais autônomos tenham buscado ajustar suas estratégias de negócios para se adaptarem às novas realidades econômicas. Isso pode incluir a concentração de esforços em segmentos da população com maior capacidade de pagamento, como uma forma de garantir a sustentabilidade financeira de seus negócios.

Outros fatores, como a estrutura de mercado local, a disponibilidade de recursos, políticas públicas, segurança, transporte e a cultura empresarial, também

podem influenciar a escolha dos locais de atuação dos treinadores. Portanto, uma análise direcionada e contextualizada seria necessária para compreensão desta dinâmica.

2.3.2.5 A realização de cursos de formação por parte dos treinadores

Dez participantes atestaram ter concluído o curso promovido pela FEBERJ, sendo eles: A1, A1-2, A3, B1, B3, C2-4, C2-5, C2-11, C4-3 e C4-4. Já outros quatro treinadores, B3, B4, C2-4 e C2-4-3, afirmaram ter participado do curso oferecido pela FPERJ. Ainda se destacam dez participantes que realizaram mais de um curso, ofertados por múltiplas instituições. Entre esses, encontram-se A3, B1, B3, C1, C2, C2-4, C2-4-3, C2-6, C2-11 e C4-3.

Apenas o participante C2-10 afirmou não ter realizado qualquer programa de capacitação voltado para treinadores de Boxe. Entretanto, dentre os demais profissionais que declararam ter frequentado cursos de formação, não se verificou menção específica ao programa oferecido pela Unicombat, mesmo por parte dos participantes indicados pela instituição.

Os treinadores C1, C2, C2-6 e C4-1 não mencionaram o nome do local e organização onde realizaram o curso de formação. Nesse sentido, a fala dos dois primeiros parece indicar que os cursos internacionais mencionados possuem um peso maior para a formação deles, em relação aos cursos nacionais:

Um de formação e três de alto nível no exterior. (C1)

Sim, curso internacional de treinadores de Boxe, curso de aperfeiçoamento para treinadores de alto rendimento, entre outros. (C2)

A resposta do treinador C2-6 destaca-se por ser a única a mencionar programas de formação que aparentam abordar a aplicação da modalidade em cenários não competitivos. Entre os temas destacados, observam-se a inclusão e socialização por meio do esporte, bem como a promoção do bem-estar:

Sim! Ensino e fundamentos básicos, intermediário e avançado do boxe. Treinamento técnico e tático para um atleta de boxe. Boxe ferramenta de inclusão e socialização de jovens em situação de vulnerabilidade. A prática de boxe para o bem-estar. (C2-6)

O treinador C4-1 mencionou ter concluído um curso de alguma federação, mas não especificou qual. Embora tenha sido indicado dentro da chave originária da Unicombat, suas sugestões para a participação de treinadores como B1, B1-1 e o dirigente da Unicombat, que também é treinador de Boxe, sugerem uma possível conexão mais estreita com indivíduos ligados à FPERJ. Esta interpretação decorre do fato de que apenas a FPERJ e a FEBERJ são reconhecidas como federações no Rio de Janeiro.

Somente junto com a federação, quando solicitado. (C4-1)

O treinador C4-4 enfatiza seu envolvimento com a Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro (FEBERJ) ao declarar que participou de diversos cursos, sendo contratado pela referida federação. No entanto, a resposta não esclarece se sua participação nesses cursos ocorreu exclusivamente na qualidade de instrutor ou se também desempenhou o papel de aluno:

Já realizei vários cursos de treinador contratado pela Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro (FEBERJ). (C4-4)

A Confederação Brasileira de Boxe (CBBoxe) e o Conselho Nacional de Boxe (CNB) também foram mencionadas como organizações que oferecem cursos para treinadores e/ou árbitros de Boxe, como se pôde observar nas falas dos treinadores B1, C2-4-3 e C4-3:

Sim, CBBOXE e FEBERJ. (B1)
Curso de treinador e árbitro amador pela FPERJ e curso de arbitragem profissional pelo CNB. (C2-4-3)
Fiz vários cursos: FEBERJ, CBBOXE e Conselho Nacional de Boxe (CNB). (C4-3)

Esses dados revelam uma diversidade de trajetórias formativas entre os participantes, destacando tanto aqueles que optaram por realizar múltiplos cursos, quanto os que elegeram não se engajar em programas de capacitação específicos. A ausência de menção ao programa da Unicombat por parte de seus indicados sugere a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre a visibilidade e participação desses profissionais nos cursos oferecidos por essa instituição.

2.3.2.6 Autoavaliação sobre o processo de formação que experienciaram

Em sua resposta, a treinadora A1 baseia-se no argumento de autoridade, ao atribuir credibilidade aos profissionais que ministraram o curso pela FEBERJ. Contudo, é relevante observar que o autor não fornece uma definição precisa ou critérios objetivos para o que ele denomina como "nível nacional" em relação aos profissionais mencionados.

Eu fiz curso com os profissionais mais capacitados e atualizados a nível nacional, certamente um curso bem atualizado. (A1)

A referência à atualização do curso pela FEBERJ é apresentada pela treinadora de maneira genérica, sem especificações quanto ao conteúdo específico ou metodologias utilizadas. A falta de detalhes pode comprometer a robustez do argumento, uma vez que a atualização pode ser interpretada de maneiras diversas, carecendo de clareza sobre os critérios que definem a contemporaneidade do curso.

Nesse sentido, observa-se que tanto B4 quanto C5 expressam a percepção de que suas formações foram "completas". A resposta de B4 refere-se ao curso da FPERJ, entretanto não é possível saber sobre qual curso o C5 se referiu, já que não há uma menção específica.

Acredito que tenha feito um curso muito completo onde todas as informações necessárias foram ensinadas! (B4)

Um dos cursos mais completos que já fiz. Achei ótimo, indico pra todos. (C5)

A importância da experiência prática no esporte é ressaltada por A3, C2-4 e C4-1. A afirmação de C2-4, em particular, destaca a autodidaxia e a participação em atividades com treinadores renomados como fontes significativas de conhecimento. Esse aspecto reforça a ideia de que a aprendizagem não se limita apenas aos cursos formais, mas é também derivada da experiência prática e do engajamento ativo na modalidade esportiva.

[...] Todas as ferramentas e todos os conhecimentos adquiridos como treinador e também como atleta eu coloco em prática com meus alunos! (A3)

Avaliar pelo desempenho no curso, ter mínimo de aulas práticas atuando como instrutor antes de se formar. (C4-1)

Na verdade, aprendi mais por minha própria iniciativa do que em cursos. Participei de inúmeras atividades com renomados treinadores [...], entre outros, o que me trouxe muito conhecimento. [...] (C2-4)

Além disso, a valorização da formação continuada é outra tendência que emerge das falas de A3, C2 e C2-4. A ênfase na atualização constante e no

aprimoramento profissional demonstra uma consciência da necessidade de se manter informado e atualizado nas práticas de treinamento.

Muito bem! Tenho muito a aprender e a evoluir. [...] (A3)
Aprendendo a cada dia e me aperfeiçoando para chegar a um patamar sempre melhor e poder levar o treino de Boxe a todas pessoas possível. (C2)
[...] Além disso pesquiso e leio muito sobre a modalidade. (C2-4)

De outra forma, o participante C2-10 destaca sua experiência como atleta olímpico como um elemento central para o sucesso como treinador, mesmo sem ter realizado nenhum curso formal de formação. Ele enfatiza a importância da vivência prática no esporte de alto rendimento como uma base fundamental para sua abordagem como treinador. Esse enfoque, muitas vezes denominado de ensino artesão, valoriza a experiência prática e a transmissão de conhecimento por meio de uma aprendizagem mais informal e baseada no empirismo. Nesse contexto, a ênfase recai na maestria técnica e na compreensão sobre o esporte, adquiridas ao longo de anos de envolvimento direto com a modalidade.

Muito bom, ex-atleta olímpico. (C2-10)

Dentro da perspectiva competitiva, o treinador C4-3 fundamenta sua avaliação da formação com base em sua experiência de trabalhar com atletas de alto rendimento. Ao expressar que essa vivência lhe proporcionou uma compreensão plena da Nobre Arte, C4-3 sugere uma correlação direta entre seu sucesso na formação de atletas e sua capacidade de entender completamente a prática do Boxe. No entanto, o participante parece negligenciar a necessidade de adaptar essa abordagem às diferentes realidades, especialmente fora do cenário competitivo.

Foi satisfatório, me fez conhecer a Nobre Arte na sua plenitude. Trabalhei com o Campeão Medalha de Ouro (Rio 2016) e vários Campeões Brasileiros e Estaduais de Boxe. (C4-3)

Essa associação entre o sucesso esportivo de seus atletas e a percepção de compreensão plena da modalidade pode indicar uma visão ofuscada do treinador sobre as possibilidades que o esporte oferece na contemporaneidade. Contudo, é importante observar que o termo "plenitude" pode ser interpretado de maneira subjetiva, requerendo uma análise mais aprofundada sobre os critérios específicos considerados pelo treinador C4-3.

Por outro lado, o treinador C2-6 destaca a amplitude de sua formação, evidenciando uma perspectiva na qual o Boxe é percebido como um meio rico e

educativo para o desenvolvimento humano em diversas fases da vida. A utilização dos termos "amplo" e "inclusivo" sugere uma abordagem abrangente do treinador, reconhecendo as potencialidades educativas do esporte ao longo do percurso de crescimento e desenvolvimento humano. A menção a uma visão mais holística do Boxe reforça a compreensão do esporte não apenas como uma prática competitiva, mas também como um meio de enriquecimento e educação.

Muito amplo e inclusivo. Hoje vejo como esse esporte é rico e educativo para as várias fases de desenvolvimento humano. (C2-6)

A abordagem do treinador C4-4 destaca-se pela ênfase na importância da metodologia de ensino no contexto do treinamento de Boxe. Ao mencionar uma abordagem sistemática desde os estágios iniciais até as competições, C4-4 demonstra um comprometimento com a construção de um processo de ensino estruturado e progressivo. Essa ênfase em uma metodologia organizada sugere uma abordagem mais planejada e direcionada no desenvolvimento dos praticantes. Entretanto, a resposta do treinador carece de informações detalhadas sobre a estrutura específica desenvolvida. A ausência de pistas sobre os elementos específicos dessa metodologia, como os princípios pedagógicos, as fases de ensino, os métodos de avaliação ou outros componentes essenciais, limita a compreensão abrangente do enfoque adotado pelo treinador.

Bom, é a minha disciplina naquilo que eu faço, é seguir metodologia de ensino desde iniciante da primeira competição, isso eu também sou autor de dois livros, sendo que um deles é o meu método de ensino para boxe, então esse é um trabalho que eu procuro fazer com todo cuidado para não trazer uma sequela para nenhum praticante de boxe. (C4-4)

Também há uma preocupação expressa com a integridade física dos praticantes, indicando uma consciência dos riscos associados à prática do Boxe e um esforço consciente para minimizar eventuais consequências prejudiciais. Essa atenção à segurança e ao bem-estar dos atletas pode ser crucial para a promoção de um ambiente de treinamento saudável e sustentável.

Na contramão dos outros participantes, a crítica do B1 em relação aos cursos de treinador, notadamente os oferecidos pela CBBBoxe e pela FEBERJ, destaca suas percepções sobre limitações de carga horária e uma suposta priorização do lucro em detrimento da qualidade formativa.

Uma porcaria. Os cursos de treinador sempre foram capitalistas. Não visam a formação e sim arrecadar dinheiro. Não se aprende nada. O tempo é muito curto para ensinar muita coisa. (B1)

A expressão "uma porcaria" reflete uma avaliação bastante negativa por parte de B1 em relação aos cursos, evidenciando insatisfação e descontentamento. A crítica subsequente, ao afirmar que os cursos de treinador são "capitalistas" e não voltados para a formação, mas sim para a geração de receitas financeiras, sugere uma visão negativa sobre os objetivos subjacentes desses programas educacionais.

É relevante notar que as críticas de B1 podem ser influenciadas por suas próprias expectativas em relação aos cursos, por experiências específicas que teve ao participar desses programas, assim como por questões ideológicas que afetam a compreensão da relação entre a prestação de serviços, produtividade e lucratividade. Entretanto, para uma avaliação mais abrangente, seria necessário explorar mais detalhadamente as razões subjacentes a essas críticas, a fim de entender se as limitações percebidas são inerentes aos cursos em questão ou se refletem expectativas individuais. Dessa forma, a resposta de B1 reforça a importância de uma análise mais aprofundada sobre a qualidade e eficácia dos cursos oferecidos pelas instituições.

A presença de frases e palavras genéricas de validação da própria formação foi observada nas respostas de seis treinadores: A1-2, B3, C1, C2-4-3, C2-5 e C2-11. Essas expressões podem indicar uma tendência comum entre esses profissionais em enfatizar a qualidade e relevância de suas respectivas formações. No entanto, também é possível que reflitam um baixo engajamento em relação à participação na pesquisa, resultando em respostas mais breves.

Bem engajado. (A1-2)
Muito bom. (B3)
Ótimo. (C1)
Ótimo. (C2-4-3)
Bom. (C2-5)
Excelente. (C2-11)

A utilização de frases ou palavras de validação pode ser uma forma comum de afirmar a excelência de sua formação. Contudo, a substancialidade dessas afirmações só pode ser determinada mediante uma análise mais aprofundada e criteriosa das experiências e competências reais adquiridas ao longo da formação de cada treinador.

As respostas dos treinadores evidenciam uma diversidade de perspectivas em relação à formação e ao desenvolvimento profissional na área do Boxe, além de revelar lacunas nas percepções sobre a modalidade. As autoavaliações dos

participantes sobre sua formação refletem uma gama variada de experiências e visões, além de destacar a complexidade do cenário de treinamento na modalidade.

2.3.2.7 Idealizações sobre o perfil de um treinador de Boxe

Assim como na questão anterior, observa-se que alguns participantes, ao discorrerem sobre o perfil ideal de um treinador de Boxe, recorrem a frases e palavras genéricas para descreverem características desejáveis. Essas expressões podem sugerir uma busca por qualidades humanas subjetivas, ressaltando a importância de características éticas, sociais e profissionais no papel do treinador. No entanto, não é possível compreender precisamente quais os reais significados percebidos por trás de cada um dos termos apresentados ou se esses ideais se fazem presentes no cotidiano de atuação dos treinadores em questão.

Sério, respeitoso, profissional e prestativo. (A1-2)
 Temos que ser líderes, amigos, companheiros, extrovertidos e muito comprometidos. (B3)
 Deve ser de pessoas com bom caráter. (C1)
 Perfil mais responsável. (C5)

A percepção sobre a importância da formação continuada foi evidenciada nas respostas de A1, B1, B4, C2 e C4-3. A participante A1 destacou que o perfil do treinador deve ser responsável e cauteloso, buscando constantemente aprendizado e melhorias técnicas e táticas. Por sua vez, B4 ressaltou a necessidade de dedicação e disposição para aprender e evoluir continuamente. Já C2 enfatizou a importância de ser estudioso, buscando sempre o conhecimento e deixando de lado a vaidade.

Perfil de um treinador acredito que seja responsável e cauteloso, um profissional que busca aprendizado e melhorias tanto técnicas quanto táticas (A1)
 Devem ser dedicados e dispostos a sempre estar aprendendo e evoluindo! (B4)
 Estudioso, está em busca sempre do conhecimento e deixar de lado. A vaidade. (C2)

Nessa direção, a perspectiva apresentada por B1 destaca uma preocupação em relação à falta de interesse observada entre alguns treinadores no que diz respeito à busca contínua pelo aprendizado e especialização após a conclusão do curso. B1 sugere uma divisão entre dois grupos distintos de treinadores: aqueles que se

dedicam a aprimorar constantemente seus conhecimentos, classificados como os "melhores treinadores", e aqueles que, de acordo com B1, limitam-se a utilizar sua experiência para “aulas comerciais”, sem aprofundar-se na especialização. Entretanto, a resposta não delimita objetivamente outras variáveis que envolvem a atuação dos diferentes tipos de treinadores, concentrando-se apenas na diferenciação por grau de especialização.

De treinadores que buscam aprender mais e mais cada vez, porém vejo falta de interesse. Muitos entram para fazer o curso por fazer e não se especializam e assim formam um grupo de treinadores que não ficam entre os melhores e somente usam sua experiência para aulas comerciais. (B1)

Já o treinador C4-3 também enfatiza a necessidade de uma busca incessante por conhecimentos, porém destaca a habilidade de trabalhar em conjunto com uma equipe multidisciplinar, com foco no desenvolvimento do atleta ou aluno. De acordo com a resposta, parece haver uma divisão, percebida pelo participante, entre o atleta competidor e o aluno que não busca o alto rendimento na modalidade. Essa abordagem sugere certa percepção sobre a complexidade do treinamento esportivo, reconhecendo a importância de profissionais de diversas áreas para otimizar o desempenho e o cuidado com os praticantes de Boxe. O acompanhamento do desenvolvimento do atleta e o conhecimento dos adversários são apontados como elementos essenciais para a eficácia do trabalho realizado.

Busca incessante de conhecimentos e saber trabalhar com uma Equipe Multidisciplinar voltada ao atleta ou aluno, no objetivo de realizar um belo trabalho. Saber e acompanhar o desenvolvimento do Atleta e conhecer seus Adversários. (C4-3)

A perspectiva apresentada por C2-4 ressalta a importância da responsabilidade e do cuidado por parte dos treinadores de Boxe, dada a natureza arriscada do Boxe no contexto competitivo. C2-4 destaca os potenciais riscos associados à modalidade, incluindo sequelas e até mesmo fatalidades, e enfatiza a necessidade de os treinadores agirem com extrema cautela ao lidar com os alunos. Essa abordagem enfatiza a prioridade da segurança e do bem-estar dos praticantes de Boxe, colocando a responsabilidade sobre os treinadores para mitigar os possíveis riscos associados à prática. No entanto, ao afirmar que o Boxe é uma modalidade arriscada, observa-se que o participante limita a identidade da prática ao alto rendimento histórico associado ao esporte. Essa percepção pode estar afastada das possibilidades de configuração da prática na contemporaneidade.

Precisam ser extremamente responsáveis e cuidadosos pois o Boxe é uma modalidade que gera riscos de sequelas e até de óbitos. (C2-4)

Também preocupado com questões relacionadas à integridade física dos alunos, o C4-4 enfatiza a necessidade de uma metodologia aplicada de forma diferenciada para os diversos públicos e fases do desenvolvimento dos praticantes de Boxe. Ele também destaca a responsabilidade direta do treinador na preservação da integridade física dos alunos, independentemente de sua faixa etária ou nível de habilidade. Essa visão sugere que o perfil ideal de um treinador no contexto do Boxe é caracterizado por responsabilidade, metodologia adaptada às diferentes fases da vida dos praticantes e um compromisso com a segurança e integridade física dos alunos.

Eu acho que o perfil de treinador, isso é a minha concepção, é ser o perfil do treinador responsável, com metodologia a ser aplicada desde pessoas que iniciam como criança, adolescente, adulto e pessoa da terceira idade e sempre preservando a integridade física de quem está sob a sua responsabilidade, esse eu acho que é o perfil que um treinador tem que ter. (C4-4)

A visão apresentada por C2-5 destaca o papel mais amplo do treinador não apenas como instrutor de habilidades esportivas, mas também como formador de caráter e valores humanos. C2-5 ressalta a importância de os treinadores assumirem o papel de educadores, influenciando não apenas o desempenho atlético de seus alunos, mas também seu desenvolvimento pessoal e moral. Essa perspectiva amplia o escopo da atuação do profissional, reconhecendo sua influência no crescimento e na formação integral dos indivíduos sob sua orientação.

Um formador, não só de atletas, mas de pessoas também. (C2-5)

A resposta de C2-6 destaca uma lacuna percebida na competência dos treinadores, observando que muitos não são considerados "completos" ou capazes de transferir efetivamente suas habilidades e competências para os atletas. O participante parece sugerir que, embora os treinadores possuam conhecimento técnico, nem todos conseguem transmiti-lo de maneira eficaz ou adaptá-lo às necessidades individuais de seus alunos. Essa perspectiva ressalta a importância não apenas do domínio dos fundamentos, mas também da capacidade de comunicação e adaptação por parte dos treinadores para garantir um impacto positivo no

desenvolvimento de seus alunos. Em relação ao adjetivo “completo” utilizado, não há detalhes que apontem exatamente o significado do termo para o treinador.

De modo geral? Completo, porém, poucos possuem essas habilidades e competências ou sabem transferi-las. (C2-6)

As idealizações expostas pelos treinadores C2-10, C2-4-3 e C4-1 destacam a relevância da experiência como atleta, porém por diferentes perspectivas e apontamentos. O participante C2-10 aponta a necessidade de transparência por parte do treinador, evidenciando sua própria trajetória como atleta e compartilhando as experiências vivenciadas no esporte. Essa abordagem sugere que essa vivência esportiva não apenas confere conhecimento prático, mas também contribui para a credibilidade e competência do treinador, na opinião do participante. Levando em consideração que o C2-10 afirmou não ter realizado nenhum curso de treinadores e utilizado sua experiência como ex-atleta olímpico como chancela para sua formação, esta percepção pode refletir uma validação da sua própria trajetória profissional.

Muita transparência de quem ele foi como atleta, como foi a experiência que ele teve no esporte, para tá passando o que ele sabe. (C2-10)

Por sua vez, o treinador C2-4-3 ressalta a importância do envolvimento contínuo com o alto rendimento no contexto do Boxe. O participante sugere que o treinador ideal seria comprometido com a modalidade, seja como atleta, treinador ou árbitro. Essa abordagem destaca a relevância de profissionais que estejam ativamente engajados no universo do Boxe, porém não há aprofundamento sobre os ideais desejados em cada uma das funções mencionadas.

Pessoas realmente envolvidas com o boxe. Em atividade, como treinador ou árbitro. (C2-4-3)

Já o participante C4-1 aborda a importância da regulamentação e filiação do treinador a uma instituição reconhecida, como a FPERJ, particularmente vinculada ao Conselho Nacional de Boxe (CNB). Ele também destaca a necessidade de respeito, habilidades de comunicação e a importância de transmitir conhecimentos com integridade, seja para aqueles que buscam desenvolvimento no âmbito do bem-estar ou para alcançar o alto rendimento. Essa perspectiva destaca a relevância não apenas do conhecimento técnico, mas também da adesão a padrões éticos e regulatórios para garantir a qualidade e a responsabilidade na formação de novos praticantes de Boxe. A resposta do treinador sugere um reconhecimento sobre o contexto múltiplo da

prática do Boxe nos dias atuais, com pessoas que possuem diferentes objetivos, que muitas vezes se afastam do alto rendimento.

Ter respeito, saber se comunicar, estar filiado em uma federação (FPERJ) que essa tenha a filiação com CNB (Conselho Nacional de Boxe) e saber passar o que aprendeu com integridade e voltado para quem queira desenvolver para o bem-estar ou para alto rendimento. (C4-1)

As diversas perspectivas apresentadas pelos treinadores de Boxe refletem a complexidade e a amplitude das responsabilidades inerentes a essa função. Segundo os participantes, a busca por um perfil ideal de treinador envolve não apenas habilidades técnicas e conhecimento do esporte, mas também atributos éticos, sociais e profissionais. A importância da formação continuada, a necessidade de cuidado com a integridade física dos alunos e a valorização da experiência como atleta também emergem como temas recorrentes nas análises de parte dos participantes. Entretanto, a análise das respostas dos treinadores revela lacunas significativas em relação à percepção da amplitude de possibilidades da prática do Boxe na contemporaneidade.

É evidente que muitos participantes limitam sua visão ao contexto do alto rendimento, deixando de considerar as diversas facetas e objetivos que podem coexistir dentro dessa modalidade esportiva. A tendência de alguns treinadores em focalizar exclusivamente o âmbito competitivo pode resultar em uma visão restrita da prática do Boxe, desconsiderando as variadas motivações e metas dos praticantes, como o desenvolvimento pessoal, o bem-estar e a participação recreativa. Portanto, a necessidade de uma compreensão mais abrangente e contemporânea da prática do Boxe, que englobe seus diferentes contextos e objetivos, faz-se evidente para promover uma abordagem mais inclusiva e holística na formação e atuação desses profissionais.

2.3.2.8 Idealizações sobre cursos de formação de treinadores de Boxe

Quanto à formação oferecida pela FEBERJ, os treinadores A1, A3 e C2-11 expressaram satisfação e reconhecimento em relação ao curso de capacitação e formação de treinadores ministrado pela instituição. A ênfase na qualidade dos profissionais envolvidos e a autoridade atribuída à FEBERJ por C2-11 refletem uma confiança na qualidade do programa oferecido.

A formação já temos, através de curso de capacitação e formação de treinadores pela federação (FEBERJ), como dito antes, o curso com os melhores profissionais e os mais atualizados. (A1)
 Todos passando pela FEBERJ. (C2-11)

Nesse sentido, o treinador A3 destaca uma mudança significativa em sua percepção sobre a necessidade de um curso de formação após concluir o programa oferecido pela instituição. Esse relato demonstra que mesmo profissionais experientes podem encontrar benefícios significativos ao investir em uma formação especializada.

Eu fiz o curso da FEBERJ, antes de fazer o curso eu não achava que fosse necessário, eu tenho mais de 15 anos de boxe e represento o estado do RJ e a FEBERJ como atleta tem mais de 7 anos, sou treinador formado [...] desde 2015, eu realmente achava que não precisava fazer o curso. Eu me surpreendi, o curso acrescentou muito e me capacitou ainda mais como treinador. [...] (A3)

Por outro lado, a sugestão de alterações na carga horária dos cursos, conforme mencionado por A3 e B1, destaca uma preocupação com a profundidade e abrangência da formação oferecida. A demanda por um tempo de curso mais extenso e a ênfase na necessidade de abordar metodologias mais estruturadas indicam a busca por uma capacitação mais rigorosa. Além disso, a sugestão de reprovações, levantada por B1, aponta para a importância de uma avaliação criteriosa para garantir a qualidade do treinamento, na opinião do participante.

[...] Deveria ser no mínimo 100 horas de curso, e o treinador deve ter conhecido dos fundamentos e da ordem metodológica dos fundamentos. Isso no mínimo, tem muitos treinadores que não sabem isso e já se consideram até mestres. (A3)

Deveria ser com muito mais tempo! 4 aulas não servem pra nada. Eu ministro curso de formação. Porém as aulas têm duração de quase um ano e as aulas são 3 vezes por semana por quase 5 horas cada. Mesmo assim, acho pouco. Deveria também ter reprovações. Meu curso começou uma vez com 22 e só se formaram 3. Não acho que só porque pagou, deveria ser aprovado. Deveria ter uma grande cobrança. (B1)

Assim como o treinador C2-11, alguns outros participantes direcionaram suas respostas para a importância da regulamentação e supervisão da modalidade de Boxe, como evidenciado pelos participantes C2-4 e C2-4-3. O C2-4 enfatizou a necessidade de uma formação ativa, destacando que o engajamento e esforço por parte do treinador são fundamentais para o sucesso na profissão. Além disso, apontou que aqueles que buscam apenas um diploma, sem o comprometimento genuíno com o aprendizado e a prática, provavelmente enfrentará dificuldades no mercado de trabalho. Por sua vez, o C2-4-3 enfatizou a importância de a formação estar sob a

tutela de uma instituição reconhecida, sugerindo que apenas as entidades federativas deveriam ser responsáveis por ministrar tais cursos.

Acredito muito que a formação depende de cada um. Aquele que procurar um curso apenas com o objetivo de conseguir um diploma, o próprio mercado de trabalho irá excluí-lo. Penso, também, que apenas os entes federativos deveriam ter a função de ministrar tais cursos. (C2-4)
Deve estar sob a tutela de uma instituição séria e reconhecidamente atuante. (C2-4-3)

A temática do alto rendimento ressurgue nas respostas de alguns treinadores, como B4, C2-10, C4-3 e C4-4. No entanto, as abordagens expostas variam. O participante B4 direciona sua resposta para a capacidade prática de formar um atleta, evidenciando a importância da didática, informações e ensinamentos práticos no treinamento esportivo. Em contraste, os participantes C2-10 e C4-3 destacam a necessidade da vivência como atleta como critério para a formação de treinadores. É relevante notar que o C2-10, sendo um ex-atleta olímpico, e o C4-3, que atua com atletas olímpicos, representam uma perspectiva enraizada no universo do alto rendimento, o que contextualiza suas declarações.

Com muita didática, informações e ensinamentos na prática de como se treinar um atleta. (B4)
Por experiência como atleta. (C2-10)
Primeiro deveria ser boxeador e após saber o que um atleta passa, se formar Treinador de Boxe. Estudar a Metodologia do Boxe, Primeiros Socorros Desportivos, Código de Ética, Regras do Boxe, História do Boxe (Mundial e Nacional), conhecer todos os Equipamentos Existentes dentro da Modalidade Boxe, Conhecer e saber como acontecem as Competições Estaduais/Nacionais e Internacionais, também conhecer e saber as Regras de Arbitragem existentes. (C4-3)

Treinadores como B4, C2 e C4-4, embora reconheçam a importância da vivência prática no esporte, também destacam a necessidade do conhecimento teórico e didático sobre a modalidade. O participante C2 enfatiza a relevância desses treinadores que possuem uma abordagem equilibrada entre a prática e o conhecimento teórico. Por sua vez, o C4-4 ressalta a importância de uma formação abrangente, envolvendo tanto o conhecimento técnico quanto o didático. Ele argumenta que a formação de treinadores requer a capacidade de explicar de forma eficaz e destaca a necessidade de leitura e aprofundamento no assunto como elementos cruciais para garantir que o treinador esteja preparado para enfrentar desafios e responder a questionamentos do público.

As pessoas que vivenciam e estudam sobre a modalidade. (C2)
Eu acho que a formação de treinadores, não só nessa atualidade, como lá também em outras épocas, é você trabalhar o conhecimento, conhecimento

técnico e o conhecimento didático, é você saber, não só conhecer na prática, como você pode também, é ter o conhecimento de explicar bem a qualquer pergunta, quando você participa de um seminário, onde vem muitas perguntas, então eu sempre achei isso, que você, o treinador precisa conhecer a prática, que é a primeira coisa que ele aprende, mas a parte didática, ele tem que ler bastante sobre o assunto, para nunca ficar sem nenhuma resposta quando qualquer pergunta for feita. (C4-4)

Já o treinador C4-1 destaca a importância de um tempo mínimo de prática de três anos no Boxe como critério para a realização do curso de formação, alinhado com os requisitos mencionados pela FPERJ. Além disso, ele sugere uma variedade de conteúdos que deveriam ser abordados nos cursos de formação, como sendo fundamentais para garantir que os treinadores possam ministrar devidamente suas aulas.

Mínimo prática de 3 anos de boxe, além do material, técnico e prático em ter o conhecimento básico em treinamento funcional, primeiros socorros, colocação de bandagem profissional, curso de arbitragem e curso de direito desportivo indispensáveis para que o treinador possa ministrar com segurança e confiança para seus alunos. (C4-1)

O participante C2-6 parece enfatizar que a formação de treinadores de Boxe deve ir além do aspecto competitivo, visando também o desenvolvimento de valores e habilidades essenciais para a formação de cidadãos. Ele replica a narrativa de que o Boxe como esporte impõe disciplina, respeito e a capacidade de superar limites aos praticantes, promovendo a resiliência. No entanto, a analogia utilizada pelo treinador ao apontar a necessidade de saber lidar com a derrota e a menção às "próximas batalhas" pode suscitar interpretações diversas, podendo se referir tanto a desafios competitivos quanto a desafios pessoais.

Para além das práticas para o combate, e sim, para a formação de cidadãos. O boxe é um esporte que obriga o praticante a ter disciplina, respeito e a superar os seus limites. Resiliência. Aprender a ganhar e saber "aceitar" a derrota naquele momento e voltar mais forte para as próximas batalhas. Lutas. (C2-6)

Assim como em outros tópicos, algumas respostas apresentam um caráter genérico, dificultando uma análise aprofundada. O treinador C1 destaca a necessidade de quem ministra o curso estar "capacitado", sem fornecer uma explicação detalhada sobre o que essa capacitação implica, o que deixa a interpretação desse critério sujeita a diversas possibilidades. Por sua vez, o treinador C5, que não especificou o curso realizado, expressa a opinião de que os cursos de

formação devem ser "completos" e com uma carga horária mais extensa, criticando as formações que se limitam a um final de semana.

Deve ser por curso ministrado por pessoa que realmente está capacitada. (C1)
Completo igual o que eu fiz. Não um rápido igual tem vários, de um fim de semana. (C5)

Além disso, os treinadores A1-2 e B3 optam por não expressar opiniões claras ou definidas sobre como seria um curso ideal de formação de treinadores de Boxe. A ausência de posicionamento por parte deles pode refletir diferentes possibilidades. Por um lado, essa falta de expressão pode indicar a ausência de critérios específicos considerados fundamentais para a eficácia do processo de formação de treinadores, sugerindo uma possível falta de clareza sobre as características ideais de um curso do tipo. Por outro lado, essa atitude também pode ser interpretada como uma baixa disposição ou interesse por parte desses treinadores em participar do estudo, o que pode impactar a representatividade das respostas coletadas.

Não tenho opinião. (A1-2)
Não tenho uma resposta definida. (B3)

As perspectivas dos participantes sobre o curso ideal de formação de treinadores de Boxe revelam uma variedade de opiniões e sugestões, refletindo a complexidade e as nuances envolvidas na construção de um programa de capacitação eficaz. Enquanto alguns profissionais expressam satisfação e reconhecimento em relação aos cursos que realizaram, outros levantam críticas e sugestões de melhorias, como a necessidade de uma carga horária mais extensa, uma abordagem mais abrangente e a importância de uma regulamentação mais rigorosa. Além disso, a presença da discussão em torno da relação entre a necessidade de vivência prática no esporte, o foco no alto rendimento e a importância do conhecimento teórico e didático pode demonstrar como as diferentes perspectivas possuem uma relação com os respectivos históricos dos treinadores. Contudo, a falta de posicionamento de alguns participantes sugere lacunas na compreensão ou no interesse em participar do debate sobre o aprimoramento da formação na modalidade.

2.3.2.9 Respostas sobre a estrutura e organização das aulas de Boxe dos participantes

As exposições dos treinadores sobre a organização dos conteúdos ministrados em suas aulas de Boxe evidenciam uma variedade de abordagens adotadas pelos treinadores, refletindo diversas considerações e prioridades na formulação de seus planos de ensino. Alguns participantes afirmaram realizar algum tipo de planejamento e/ou divisão dos conteúdos das aulas de Boxe, embora as respostas tenham apresentado diferentes enfoques e profundidades.

Os treinadores A1, B3, C2 e C1 demonstram utilizar algum planejamento dos conteúdos, embora não tenham fornecido detalhes sobre os procedimentos adotados nesse processo. A treinadora A1 enfatizou a necessidade de uma abordagem progressiva e de planos de aula, enquanto o treinador B3 mencionou a elaboração de uma programação mensal e semanal para o ensino dos conteúdos. O treinador C2 indicou o uso de planilhas de treinamento, enquanto o treinador C1 destacou a adesão a uma ordem metodológica.

Sempre de forma progressiva e com planos de aula. (A1)

Costumo fazer uma programação mensal com o que planejo ensinar e a semanal com o detalhamento do conteúdo que será ministrado e ensinado aos alunos e atletas. (B3)

Com planilha de treinamento. (C2)

Seguindo a ordem metodológica. (C1)

Nessa direção, alguns treinadores, como C2-4 e A1-2, mencionaram a consideração do perfil dos alunos nos planejamentos, embora sem especificar características desses perfis em questão.

Elaboro uma planificação semanal levando em consideração o perfil dos alunos. (C2-4)

Analiso os atletas e faço um planejamento para trabalhar os erros deles onde podemos alcançar um objetivo. (A1-2)

De forma mais específica, os treinadores A3, C2-6, C4-1, C4-3 e C4-4 destacaram as variáveis nos perfis dos alunos que são consideradas na determinação do conteúdo a ser ministrado durante as aulas de Boxe. Essas variáveis incluem a idade, o objetivo do aluno, o nível de habilidade do praticante, entre outros fatores relevantes, na percepção dos participantes.

Eu tenho como base o público, a idade, o objetivo do aluno, o nível do aluno. (A3)

Vai depender do nível do/a participante, criança, adolescente, jovens e adultos. Cada fase precisa ser respeitada e ter uma progressão dos aprendizados. (C2-6)

Dividindo primeiro por faixa etária, depois em aulas de cada grupo por tempo de prática e de objetivos se pretendem lutar ou somente fazer a parte técnica sem contato. A cada semana desenvolver três vezes por semana esquemas, defesas, saídas com movimentação de pernas e sequências de socos de contra-ataques. E duas vezes por semana soltinho, lutas leves para correção e evolução de combate. (C4-1)

Seguindo primeiramente uma Avaliação do Aluno, Anamnese, Idade, Objetivo [...], Rendimento nos Treinos, Metodologia voltada ao Boxe (sempre), Regras do Boxe, Código de Ética, Equipamentos, Parte Anaeróbica e Aeróbica, Sparring, Escola de Combate. (C4-3)

Bom, isso eu tenho em minha escola de boxe, onde a gente administra a aula para criança, adulto, criança, adolescente, adulto e pessoas da terceira idade, então existe uma programação, onde para cada tipo de pessoa, é um tipo de treinamento, então isso é uma preocupação que eu sempre tive, nunca misturar criança com adolescente, nunca misturar adolescente com adulto, eu só misturo adolescente com adulto, quando ele tem aquela idade de 16 e 17 anos e ele já está bem estruturado no boxe, aí já é uma idade onde a gente faz uma avaliação e pode misturar ele. (C4-4)

Por sua vez, os treinadores B4 e C2-4-3 optaram por focar suas respostas na divisão dos conteúdos específicos presentes na modalidade de Boxe, sem mencionar se esses conteúdos seriam adaptados para diferentes públicos.

Geralmente tento dividir a aula em algumas etapas principais para o boxe, dividindo essas etapas em quatro, a primeira sobre deslocamento, a segunda sobre postura de combate, a terceira sobre a aplicação de golpes, e a quarta sobre defesa e esquivas! (B4)

Tenho um degrau a ser seguido, a apresentação do esporte, as categorias. Logo em seguida, apresento a parte técnica, física e metodológica. (C2-4-3)

Entretanto, os treinadores B1 e C2-5 indicaram que não organizam as aulas previamente. O treinador B1 adota uma abordagem sem horários fixos para as aulas, adaptando o treinamento de acordo com as necessidades individuais dos alunos, incluindo considerações sobre suas deficiências e objetivos competitivos. Similarmente, o treinador C2-5 ajusta o ensino de acordo com os alunos presentes na aula, trabalhando com diversos níveis de habilidade em uma mesma sessão. Essa forma de trabalhar com o Boxe pode ser observada em academias norte-americanas antigas, como a “Woodlawn Boys Club” mencionada por Wacquant (2002) na obra “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”. Esses espaços de treinamento são conhecidos como “GYMs” e o foco principal da estrutura é voltado à formação de atletas de alto rendimento (Wacquant, 2002).

Deixo as aulas de 10 às 22. Chegou treinou, padrão americano. Não tem horário de aula. Trabalho na deficiência de cada um e na especificidade de cada. Se vai lutar ou não. (B1)

Vou de acordo com os alunos que estão presentes, trabalho com diversos níveis em uma mesma aula. (C2-5)

Já os treinadores C2-10 e C2-11 baseiam-se exclusivamente em suas experiências práticas no esporte para guiar o conteúdo das aulas.

Por minha vivência no esporte. (C2-10)

Através do conhecimento sobre prática. (C2-11)

É possível observar que o conteúdo das respostas dos treinadores está intrinsecamente ligado às suas trajetórias pessoais e profissionais, bem como ao nível de envolvimento durante sua participação neste estudo. Algumas respostas refletem uma reprodução direta das diretrizes adquiridas nos cursos de formação; por outro lado, há treinadores que demonstram um foco mais específico nas suas experiências e conhecimentos pregressos, predominantemente voltados para o alto rendimento no esporte. Essas distinções evidenciam a diversidade de perspectivas e abordagens entre os treinadores de Boxe, destacando a influência significativa das experiências individuais na formulação de suas visões e práticas no ensino da modalidade.

2.3.2.10 Percepções dos treinadores sobre os perfis dos seus alunos de Boxe

As percepções dos treinadores sobre os perfis de seus alunos de Boxe revelam uma diversidade de públicos atendidos e abordagens adotadas em suas práticas de ensino. As respostas dos participantes podem ser agrupadas em diferentes perspectivas.

Alguns treinadores, como A1, B3, C2-5, C2-6 e C4-4, direcionam seu foco para públicos variados, com destaque aos jovens mencionados nas falas desses participantes. Além da segmentação, essas e outras falas indicam que há treinadores que percebem a heterogeneidade presente nos objetivos das pessoas que buscam a modalidade, especialmente os que destacam os competidores dos outros perfis de praticantes. O participante C2-5 estipula uma idade mínima para o início da modalidade, mas não especifica se é apenas uma preferência pessoal ou se possui algum critério objetivo para essa escolha.

Meu foco é o público social infantil e jovens entre 07 a 17 anos, público feminino e pessoal. (A1)

Tenho perfis introvertidos, extrovertidos, alunos que chegam muito acelerados e mal-educados, alunos idosos (61 anos), crianças, alunos que são muito sérios, outros muito brincalhões etc. (B3)

10 anos acima. (C2-5)

Todos! Crianças, adolescentes, jovens, adultos e competidores. (C2-6)

O perfil dos meus alunos hoje, ele é muito eclético, da mesma maneira que eu tenho alunos praticantes, criança, adolescente, adulto e pessoas da terceira idade, eu tenho alunos, tudo competidor, não só competidor de boxe, como também competidor de MMA, que hoje eu atuo mais como treinador de boxe no MMA, do que treinador de boxe para competidor de boxe, isso eu deixo a cargo de outros professores que compõem a minha equipe de boxe na academia [...]. (C4-4)

É relevante mencionar que treinadores como A1-2, C2 e C2-11 enfatizam seu engajamento em projetos sociais ou no atendimento a públicos com menor poder aquisitivo. Essa ênfase evidencia a modalidade de Boxe como uma ferramenta de inclusão social e oportunidade de acesso ao esporte para comunidades menos favorecidas. Especificamente, o treinador C2, juntamente com os treinadores C2-6 e C4-4, demonstra uma percepção das distinções entre o público voltado ao alto rendimento e o público em geral.

Projeto social. (A1-2)

Trabalho com três vertentes, projeto social, comercial e alto rendimento. (C2)

Jovens/pobres. (C2-11)

Essa divisão, entre o atleta competitivo e os outros, também é observada na declaração do treinador C1, que atualmente não ministra aulas para atletas de alto rendimento.

Atualmente só ministro aula particular para não competidores. (C1)

Com outro enfoque, os participantes A3, C2-4, C4-1 e C5 enfatizam a busca pela prática do Boxe como uma atividade de fitness, tal como identificado nos estudos de (Mariante; Myskiw; Stigger, 2012; Santos; Silveira, 2017). Eles indicam uma demanda predominante pela melhoria da saúde e do bem-estar por parte dos alunos. Tanto o treinador C2-4 quanto o C4-1 apontam que a maioria dos praticantes não está necessariamente em busca do alto rendimento competitivo, apesar de esse público ser desejado pelo C2-4.

Fit. (A3)

A maioria treina apenas para se movimentar. Eu tenho preferência por treinar alunos que queiram competir. (C2-4)

A maioria em busca de preparação física e bem-estar e uma minoria para luta. (C4-1)

Lazer e descanso mental. Nenhum atleta. (C5)

Sem diferenciar os possíveis objetivos dos alunos, os treinadores B1 e B4 dividem o perfil dos seus alunos com base apenas no nível de experiência dentro da

modalidade. Nesse sentido, afirmam possuir alunos iniciantes e alunos avançados/profissionais. Contudo, não é possível saber se os alunos iniciantes dos respectivos treinadores possuem a intenção de se desenvolverem como atletas de alto rendimento. De forma semelhante às respostas dos treinadores C2-4 e C4-1, o participante B4 percebe que os atletas avançados ou de alto rendimento são minoria entre os praticantes de Boxe.

Desde iniciantes até profissionais. (B1)

A maioria iniciante, a grande maioria teve o primeiro contato no boxe comigo. (B4)

Assim como em outras questões, alguns treinadores responderam de maneira genérica, sem fornecer detalhes específicos sobre suas percepções em relação ao perfil de seus alunos. No entanto, os adjetivos "disciplinados e focados", empregados por C4-3, podem indicar uma valorização dessas características em seus alunos.

Variado. (C2-4-3)

Normal. (C2-10)

São Disciplinados e focados. (C4-3)

A maioria dos treinadores atende a um público heterogêneo, que se divide entre alunos de projetos sociais, clientes comerciais ou voltados para fitness e praticantes de alto rendimento. Há treinadores, como A1 e C2-4, que destacam o público feminino como uma categoria distinta, o que sugere uma tentativa de contemplar essa demanda crescente na modalidade. Além disso, as aulas personalizadas parecem não ser direcionadas à competição. Essas respostas evidenciam que a maioria dos praticantes da modalidade atualmente não busca necessariamente o alto rendimento, o que está alinhado com a literatura da área que descreve uma diversificação do público dos esportes de combate, incluindo praticantes de diversos perfis e objetivos.

Entretanto, é importante destacar o desencaixe entre o enfoque competitivo evidente nos discursos proferidos por muitos treinadores e o seu público majoritariamente distante do alto rendimento. Parece que, mesmo ao lidar com outras demandas no dia a dia da profissão, os treinadores mantêm o desejo ou a esperança de atuar de forma grandiosa no cenário competitivo do esporte. Esse é o maior critério de referência de sucesso na profissão. Essa falta de alinhamento com a realidade percebida pode comprometer as expectativas e o potencial de atuação dos treinadores, tornando o ambiente do Boxe na cidade mais resistente às mudanças estruturais.

2.3.2.11 Critérios de aptidão para a prática das atividades de sparring e escola de combate

No contexto do Boxe contemporâneo, o termo "*sparring*" refere-se a uma prática de treinamento na qual dois praticantes combatem entre si de forma simulada, utilizando as técnicas da modalidade sem a intenção de infligir danos reais ao oponente. Entretanto, na preparação de competidores, esses combates podem ser contundentes, já que alguns treinadores entendem que os atletas de alto rendimento precisam se acostumar com certos riscos impostos pelo esporte competitivo (Wacquant, 2002). A expressão possui origem na prática do *sparring-match*, praticado pelos aristocratas ingleses no século XVIII, com o objetivo de simular as *prize-fights*, porém com luvas e sem os riscos dos combates por apostas realizados pela classe trabalhadora da época (Caratti, 2017).

Normalmente, o sparring é realizado em ambientes controlados e supervisionados por um treinador, com proteção adequada e o objetivo de desenvolver habilidades técnicas, táticas, físicas e psicológicas dos participantes (Wacquant, 2002). O sparring permite aos praticantes aplicarem as técnicas aprendidas durante o treinamento em uma situação mais realista, testando suas capacidades de reação, estratégia e condicionamento físico.

Por outro lado, a "*escola de combate*" no Boxe Moderno refere-se a uma forma estruturada de treinamento que também simula um combate, porém com regras adaptadas ao contexto da luta que o treinador deseja aprimorar. Nesse sentido, ele pode exigir dos praticantes condições ou situações específicas durante o confronto, como a utilização de apenas uma das mãos, ou golpear apenas em uma região específica do oponente, divisão entre quem irá atacar ou defender, entre outras possibilidades.

Nesse sentido, a grande maioria das respostas dos treinadores sobre os critérios para a escolha de quais alunos encontram-se aptos para realizar tais exercícios concentraram-se nos parâmetros de aptidão física, idade e domínio das técnicas necessárias.

Os critérios são as ausências dos elementos técnicos, geralmente quando são iniciantes, sempre escola de combate livre condicionada, somente com golpes no corpo, sparring é avaliado o nível técnico e tático de ambos, levando em consideração o ano e o peso. (A1)

Postura de combate, deslocamento golpes e defesas. (A1-2)

O nível dos alunos. (A3)

Os que têm melhor rendimento. Enquanto não estiver apto para tal, eu não coloco para lutar. (B1)

Primeiramente tempo de treino e desenvolvimento pessoal durante os treinos, pois alguns alunos evoluem mais rápido que outros. (B3)

De acordo com o nível técnico do aluno. (C1)

Os alunos que já têm uma parte técnica e tática aprimorada, uma parte física bem condicionada e sabem os meios de deslocamentos no ringue. (C2)

Principal, o aluno tem que estar apto a se defender. (C2-5)

Essas avaliações se percebem ao longo dos treinos, daí posso direcionar de acordo com os níveis das habilidades, sem que gere trauma ou medo em meus alunos(as). (C2-6)

Peso/experiência. (C2-11)

De acordo com seus níveis técnico para escola de combate, e para o sparring, os alunos que estão bem tecnicamente e com uma boa preparação física. (C4-1)

Tempo e Resposta aos treinamentos desenvolvidos. Todos são observados e só realizam aquilo que estão preparados e conhecem. (C4-3)

Claro, isso é outra coisa também, muito importante, o aluno para fazer escolinha de combate na minha academia, primeiro ele tem que ter um treino pesado no salão, para depois ele fazer muito trabalho combinado em dupla, para aí então ele começar a se soltar dentro de uma escolinha de combate e quando ele começa a escolinha de combate, ele começa sempre com uma pessoa mais experiente para não correr risco nenhum de se machucar, então essa também sempre foi a minha preocupação. (C4-4)

Qualidade da dominância dos fundamentos. (C5)

Além desses critérios expostos nas falas dos participantes do estudo, os treinadores B4, C2-4 e C2-4-3 demonstraram considerar também a vontade, os limites, os ímpeto e a personalidade do aluno para realizar tais exercícios. Ao afirmar que todos estão aptos, o B4 generaliza a capacidade para essa vivência no Boxe; contudo, destaca alguns critérios para melhorar o controle do ambiente e a diminuição de riscos, com ênfase no respeito aos limites de cada aluno. O C2-4 é bem claro sobre a necessidade de escolha e intenção do praticante, enquanto o treinador C2-4-3 menciona a personalidade do aluno como um fator importante, além do desenvolvimento técnico.

Acredito que todos sejam aptos para fazer escola de combate, obviamente sabendo separar os níveis e respeitar os limites de cada um, a princípio gosto de colocar os iniciantes comigo pois eu vou saber como dosar e como controlar melhor o treino. (B4)

Participam de sparring e também da escola de combate aqueles que estejam com os fundamentos bem aprimorados e que queiram participar. (C2-4)

Primeiro analiso o desenvolvimento do aluno, procuro observar a personalidade, logo depois da parte técnica, realizam o exercício de sombra, onde posso separar qual aluno tem o ímpeto para seguir ou não. (C2-4-3)

O risco percebido, presente nos exercícios de combate simulado, ficou implícito na maioria das respostas dos participantes. Um dos treinadores que destaca esta preocupação é o C2-10, mesmo que sem especificar os detalhes que o levam a ter essa opinião.

Muito cuidado no que é passado nesse treinamento. (C2-10)

Sendo assim, apesar dos diferentes termos utilizados, houve consenso dos treinadores em relação à necessidade de divisão dos alunos para a prática desses exercícios, com base no nível, no peso, na idade e na vontade do aluno. Todos parecem demonstrar compreender que há riscos que merecem atenção durante as aulas, porém outros estudos são necessários para identificar se essa percepção realmente se reflete na prática cotidiana dos treinadores com seus alunos.

2.3.2.12 Os desafios percebidos pelos treinadores sobre o ensino da modalidade

Diante das diversas perspectivas apresentadas pelos treinadores sobre os desafios enfrentados no ensino da modalidade de Boxe, tornam-se evidentes a complexidade e a amplitude das dificuldades encontradas nessa prática esportiva, além de apontar possíveis lacunas na formação dos treinadores. Desde a falta de investimentos e apoio aos atletas de alto rendimento, como destacado por alguns participantes, até questões relacionadas à individualidade dos alunos e à adequação do espaço físico, os desafios abordados refletem uma série de questões intrínsecas ao processo de ensino e aprendizagem no contexto do Boxe.

Apenas três treinadores afirmam não enfrentar nenhum desafio em sua prática: A3, C1 e C2-10. No entanto, ao contrário das respostas genéricas fornecidas pelos outros dois participantes, A3 demonstra uma confiança substancial em suas habilidades, sugerindo sentir-se plenamente capacitado em qualquer contexto. Essa autoconfiança é fundamentada na experiência positiva adquirida durante o curso de formação da FEBERJ e na paixão que desenvolveu pela modalidade.

Eu amo tanto, que não tenho dificuldades em nada. Recentemente tive que apresentar uma aula on-line na conclusão do curso da FEBERJ, foi um trabalho em dupla. Fiquei nervoso porque nunca dei aula on-line. Mas no final deu tudo certo e muito certo. Percebi que amo muito isso e que sou capacitado pra dar aula de boxe pra qualquer público em qualquer condição. (A3)

Nenhum. (C1)
 Não. (C2-10)

É relevante observar que o treinador C1 adotou uma abordagem consistentemente genérica em suas respostas ao longo do questionário, o que dificulta a compreensão de suas percepções sobre o tema em discussão. Em contrapartida, a análise das demais respostas do participante C2-10 revela que sua confiança e a percepção de ausência de dificuldades no ensino da modalidade derivam de sua experiência como atleta de alto rendimento. Contudo, com base exclusivamente neste estudo, não é possível determinar com precisão se as percepções desses treinadores refletem fielmente as realidades em que atuam.

A resposta fornecida pelo treinador B1 destaca como desafio a carência de investimentos destinados aos atletas de alto rendimento, enquanto o participante C2-6 também menciona a falta de apoio, investimento e visibilidade, sem especificar para onde direcionaria tal falta.

Hoje vejo como a falta de investimentos nos atletas de ponta. (B1)
 Apoio, investimento e visibilidade. (C2-6)

Em uma abordagem antagônica, os participantes A1 e B4 apresentam perspectivas contrastantes em relação aos desafios no ensino do Boxe. Enquanto A1 enfatiza a dificuldade inerente ao processo de instrução de um aluno iniciante, B4 destaca os desafios decorrentes da adaptação de alunos com um histórico prévio em outras modalidades.

Desafio é conseguir fazer um aluno que começou do zero evoluir tecnicamente. (A1)
 Para mim um dos maiores desafios para o ensino do boxe é quando o aluno já chega com determinados vícios de outras artes marciais. Acredito que seja muito difícil de tirar esses vícios por conta do longo período que o aluno praticava essa outra arte marcial. (B4)

É importante destacar que os termos “artes marciais”, “lutas” e “esportes de combate” muitas vezes são confundidos ou utilizados como sinônimos. Nesse sentido, ainda há produções acadêmicas que se debruçam sobre essas terminologias, a fim de definir com mais precisão o campo etimológico (Antunes, 2016).

Problemas relacionados a foco, atenção, ansiedade ou interesse dos alunos foram expostos pelos treinadores A1-2, C2, C4-1, C4-3 e C5. Algumas respostas, como as de A1-2, C4-3 e C5, sugerem existir certa dificuldade em manter o engajamento dos alunos ao longo do tempo, porém não há detalhes relatados sobre

as causas desse problema. Pode ser que os treinadores não possuam ferramentas ou um repertório estruturado para manter o engajamento dos alunos de forma adequada.

Manter o foco dos alunos. (A1-2)

Encontrar quem não desista. O Boxe é um esporte de superação. (C4-3)

A falta de interesse nos fundamentos de alguns alunos. (C5)

Nesse sentido, apesar de descrever o perfil de seus alunos como disciplinados e focados, o participante C4-3 destaca ser uma dificuldade encontrar quem possui perseverança durante a prática da modalidade. Sendo assim, pode ser o caso de o treinador apenas reter os alunos que se enquadram nesse perfil de foco cultuado por ele.

Por outro lado, a ansiedade para aprender também surge como um empecilho, conforme se observou nas respostas dos treinadores C2 e C4-1.

Falta de coordenação motora, atenção e ansiedade de aprender logo, e disciplina. E tem treinadores que querem pular etapas de ensino e treinamento para formar atletas. (C2)

Disciplina, saber respeitar o seu tempo e seu adversário, pois a maioria inicia como se já soubessem tudo e não precisam aprender mais nada. A humildade faz parte do crescimento, mas poucos entendem e aceitam. (C4-1)

Assim como mencionado pelo treinador C2, o participante C4-4 também destaca a falta de coordenação motora como um desafio em sua prática como instrutor de Boxe. Adicionalmente, o treinador C4-4 identifica a questão da nutrição como outra dificuldade relevante, especialmente ao lidar com alunos provenientes de comunidades em situação de vulnerabilidade social em sua academia.

Durante o ensino, [...] como eu tenho conhecido [...] jovens de comunidade carente, eu tenho duas coisas, primeiro é o problema alimentar, a dificuldade que eu não posso dar um treino pesado para nenhum jovem daquele sem conhecer o que ele faz, o que ele tem de alimentação desde o café da manhã até a sua última refeição. E um outro problema que às vezes é um encontro que demora, mas a gente resolve, é o problema de coordenação motora, isso na prática do boxe ali, o resto é os desafios do dia a dia, das dificuldades e pelo meu projeto também receber muitas pessoas carentes. (C4-4)

O participante C2-4-3 destaca a presença de várias dificuldades em sua prática como treinador, embora restrinja seus exemplos a algumas características genéricas dos alunos, como idade, condições físicas e psicológicas. Essa abordagem pode sugerir uma falta de plena confiança para lidar com a diversidade de público que procura a prática do Boxe na contemporaneidade, já que ele afirma que o perfil dos seus alunos é variado. Capacitar os treinadores para atender a essa variedade de

público pode representar uma demanda crescente às instituições responsáveis pela sua formação.

São muitos. Depende essencialmente do aluno, sua idade e condições físicas e mentais. (C2-4-3).

Na mesma direção, lidar com um público heterogêneo, que não se enquadra em um padrão claramente previsível, também emerge como uma questão abordada pelos treinadores B3 e C2-11. O participante B3 destaca a diversidade de personalidades entre os alunos, reconhecendo a necessidade de abordar cada um de forma individualizada. Por sua vez, o treinador C2-11 foca sua resposta apenas na individualidade biológica dos alunos. Essa perspectiva ressalta a necessidade de ajustes e adaptações nos métodos de treinamento para atender às necessidades específicas de cada praticante.

A diferença de personalidade dos alunos, cada um tem que ser tratado e ensinado de uma forma. Uso uma didática coletiva e após colocá-los em forma falo com um de cada vez que esteja com mais dificuldade, utilizando didáticas diferentes para o entendimento coletivo. (B3)
Individualidade biológica. (C2-11)

A ênfase do treinador C2-4 recai na dificuldade da transformação dos alunos “comuns” em atletas. O participante sugere desejar a busca pelo alto nível de desempenho dentro do cenário competitivo do Boxe. Essa resposta está alinhada com o interesse anteriormente expresso pelo treinador, que demonstrou preferência em formar competidoras, mesmo que seu público-alvo seja predominantemente voltado ao fitness.

Penso que o maior desafio é transformar um aluno comum em um atleta apto a praticar a modalidade com desenvoltura. (C2-4)

Por sua vez, sem muitos detalhes na resposta, o espaço físico inadequado é mencionado pelo treinador C2-5.

Espaço físico, não adequado. (C2-5)

Os relatos dos treinadores oferecem uma visão geral dos desafios presentes no ensino do Boxe, destacando tanto questões técnicas, quanto aspectos psicológicos e estruturais. A diversidade de perspectivas ressalta a complexidade dessa prática esportiva e a necessidade de abordagens flexíveis e personalizadas para atender às demandas heterodoxas dos alunos. Além disso, a identificação desses desafios não apenas revela áreas de oportunidade para melhorias na formação e na prática

pedagógica, mas também destaca a importância de uma abordagem holística que considere tanto as necessidades individuais dos alunos, quanto os recursos disponíveis nos locais de prática. Ao enfrentar esses desafios, os treinadores podem contribuir significativamente para o desenvolvimento e aprimoramento dos praticantes de Boxe, promovendo não apenas o crescimento técnico, mas também o bem-estar e a realização pessoal dos alunos em sua jornada na modalidade, de acordo com seus respectivos objetivos.

Em relação à confiança expressa por alguns participantes, não se pode determinar com precisão se de fato não ocorrem dificuldades durante o dia a dia desses treinadores. Nem todos os desafios enfrentados são necessariamente percebidos ou relatados, o que sugere a importância de uma análise mais abrangente e contextualizada das experiências dos profissionais envolvidos na prática do Boxe.

2.4 Considerações Finais

As percepções dos dirigentes das instituições que oferecem cursos de formação de treinadores de Boxe no Rio de Janeiro revelam um cenário dinâmico, permeado por disputas por recursos e legitimidade, além de preocupações com a qualidade e a padronização dos programas formativos. Essa competição, embora possa impulsionar a qualidade e a relação custo-benefício dos cursos, também pode desencadear efeitos adversos, como a possível segregação do esporte e a falta de padronização no processo de ensino. Além disso, foi perceptível a orientação das expectativas dos dirigentes em relação ao envolvimento dos treinadores nos eventos competitivos da modalidade.

Esse direcionamento pode estar associado à maneira como as entidades financiam suas atividades, frequentemente dependendo da receita gerada pelas taxas de inscrição dos campeonatos organizados, bem como pela comercialização dos cursos de formação. Nesse sentido, pode haver um conflito de interesses implícito entre treinadores que se afastam da formação de atletas e as entidades investigadas. Esse conflito pode impactar a capacidade de adaptação do Boxe na cidade diante das crescentes e emergentes demandas contemporâneas. Contudo, a ausência de informações históricas precisas sobre essas instituições sugere a necessidade

premente de investigações mais aprofundadas para mapear suas trajetórias e relações, a fim de compreender melhor os fundamentos subjacentes a essas percepções distintas.

Por outro lado, as percepções dos treinadores revelam uma diversidade significativa de trajetórias formativas e visões sobre o perfil ideal do treinador e dos alunos da modalidade. Enquanto alguns treinadores enfatizam aspectos técnicos e competitivos, outros reconhecem a importância dos valores humanos e do desenvolvimento integral dos praticantes. No entanto, surge uma desconexão marcante entre o enfoque competitivo predominante nas discussões dos treinadores e o perfil majoritariamente não competitivo de seus alunos. Essa discrepância sugere um desalinhamento entre as expectativas e a realidade percebida, indicando a necessidade premente de uma abordagem mais inclusiva e holística na formação e atuação dos treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro. Destaca-se também a predominância de treinadores do gênero masculino, uma característica que ainda está presente. Contudo, algumas respostas revelaram uma crescente inclusão de mulheres na modalidade, tanto como praticantes fitness quanto como atletas de alto rendimento.

Essas considerações ressaltam a complexidade do cenário do Boxe na cidade do Rio de Janeiro e apontam para a importância de uma análise mais aprofundada das dinâmicas institucionais e das expectativas dos praticantes. Além disso, evidenciam a necessidade de uma abordagem diversificada e flexível na formação dos treinadores de Boxe, capaz de adaptar-se às diferentes realidades delineadas pelas instituições e às variadas motivações e metas dos praticantes atuais. A promoção de uma compreensão mais abrangente e contemporânea da prática do Boxe, que englobe seus diferentes contextos e objetivos, emerge como uma necessidade fundamental para garantir uma abordagem mais inclusiva e eficaz na formação e atuação desses profissionais.

2.5 Referências

- ANTUNES, M. M.; ALMEIDA, J. J. G.; MENDONÇA, S.; PATATAS, J.M.; ORTEGA, E. M. Pedagogia das artes marciais e esportes de combate no brasil: um estudo sobre a produção científica nacional. **Arquivos em Movimento**, v.13, n.1, p. 64-77, 2017.
- ANTUNES, M. M. A produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate: reflexões e possíveis encaminhamentos. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 10, n. 63, p. 921-924. São Paulo, 2016.
- ANTUNES, M. M.; ALMEIDA, J. J. G. **Artes marciais, lutas e esportes de combate na perspectiva da educação física: reflexões e possibilidades**. 1. ed. Curitiba, Paraná: CRV, 2016.
- ANTUNES, M. M.; IWANAGA, C. C. **Aspectos multidisciplinares das artes marciais**. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2020.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRASIL. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2003. Institui a Lei Geral do Esporte. Brasília, DF. **Diário Oficial da União**, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14597.htm. Acesso em: 20 mar. 2024.
- CARATTI, J. M. **Dentro e fora dos ringues: o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII–XX)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.
- CARLOMAGNO, M. C. Conduzindo pesquisas com questionários online: uma introdução às questões metodológicas. In: SILVA, T.; BUCKSTEGGE, J.; ROGEDO, P. (org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018.
- COELHO, M. S. **Toque-boxe: uma proposta de boxe não violento**. Dissertação de Mestrado, PPGEF, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1995.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v.16, n.1, p.1-9. Rio Claro, São Paulo, 2010.
- DOMINGUES, J. **O ensino do Muaythai no estado do Rio de Janeiro: a perspectiva dos professores**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos, 2023.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESMERALDINO, H. B.; GRAÇA, R. L. A contribuição da mídia na adesão e aderência à prática de lutas esportivas e artes marciais. **EFDeportes.com** - Revista Digital, ano 18, n. 188. Buenos Aires, 2014.

FONTENELLA, B. J. B. *et al.* Amostragem em pesquisa qualitativa: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 2, p. 389-394, fev. 2011.

FONTENELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisa qualitativa em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, B. F. Estudos em modalidades esportivas de combate: Estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 67-81, São Paulo, 2011.

FUCS, D. Inscrições abertas para a nova edição do mais completo Curso de Formação de Treinadores de Boxe no Brasil. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: mar. Acesso em: 20/03/2024.

MACEDO, B. **Sangue, suor e lágrimas**: o boxe em São Paulo de 1928 a 1953. Universidade de São Paulo, Departamento de História. São Paulo, 2019.

MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, maio-ago. 2011.

MANZZI, A. C. Iniciativas tentam reverter o esvaziamento econômico do centro do Rio. **O Dia**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/economia/2023/04/6613333-iniciativas-tentam-reverter-o-esvaziamento-economico-do-centro-do-rio.html>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARIANTE, F. P. M.; MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. **Movimento**, p. 103-123, 2012.

PEREZ-GUTIERREZ, M.; GUTIERREZ-GARCIA, C.; ESCOBAR-MOLINA, R. Terminological recommendations for **improving the visibility of scientific literature on martial arts and combat sports**. **Arch Budo**, v. 7, p. 159-66, 2011.

PINTO, L. F. M. De Karatê Kid à Cobra Kai: uma análise da construção de sentidos nas artes marciais pela mídia. **Revista Livre de Cinema**, v. 8, n. 2, p. 173-187, Rio de Janeiro, 2021.

RIO DE JANEIRO. Rendimento nominal familiar per capita, segundo bairros ou grupos de bairros, no município do Rio de Janeiro em 2000/2010. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, **Data.Rio**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/0d39554baf804dbdb1581f018781ccd0/about>. Acesso em: 20 mar. 2024.

ROMANOVA, E. *et al.* Analysis of the state of professional competence of boxing coaches. **Journal of Physical Education and Sport (JPES)**, v. 23 (issue 8), art. 229, p. 1990-1996, 2023.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. Entre o modelo tradicional e o escandinavo de produção de tese. **Pós-Graduando**, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/yd7paxlk>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS, F. R.; SILVEIRA, R. “Saber-fazer” é necessário para ensinar: reflexões sobre o ensino do boxe em Rio Grande. **Educação Física em Revista**, v. 11, n. 1, 2017.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n. 1, p. 1-15, 2009.

TELLES, S. C. C.; LÜDORF, S. M. A.; GIUSEPPE, E. Pesquisa em educação física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco. **Autografia**. Rio de Janeiro, 2017.

TERESO, D. S. Does Mixed Martial Arts (MMA) fighters' trash-talk go viral? Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa. **Repositório Iscte**, 2019.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VINUTO, J. A Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v. 294, 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das evidências coletadas neste estudo, torna-se perceptível a complexidade do cenário do Boxe na cidade do Rio de Janeiro, onde se entrelaçam aspectos sociais, culturais, pedagógicos e institucionais que moldam tanto a prática quanto a formação dos treinadores nessa modalidade de combate. As reflexões advindas do estudo de revisão da literatura, assim como da investigação com dirigentes e treinadores, lançam luz sobre os desafios e as oportunidades que permeiam o desenvolvimento do Boxe, tanto como uma prática esportiva, quanto como objeto de estudo acadêmico.

A análise da produção científica sobre o ensino do Boxe evidencia uma lacuna substancial na compreensão das dimensões sociais e pedagógicas da modalidade. Apesar do reconhecimento da importância do esporte na sociedade contemporânea, a escassez de pesquisas nessa área ressalta a necessidade premente de investimento em estudos que abordem questões sociais, culturais e pedagógicas relacionadas ao Boxe. É fundamental ampliar o escopo das pesquisas para além do âmbito competitivo, explorando temas como inclusão social, desenvolvimento pessoal, saúde mental e bem-estar, entre outros aspectos relevantes para uma compreensão abrangente do Boxe como prática e fenômeno social.

Nesse sentido, a predominância de estudos na subárea Biodinâmica em detrimento das subáreas Sociocultural e Pedagógica sugere a necessidade de uma abordagem mais equilibrada e integrada na pesquisa sobre a modalidade. Uma compreensão mais abrangente das práticas pedagógicas e suas implicações para o desenvolvimento integral dos praticantes é essencial para orientar políticas e práticas no campo da formação de treinadores e promoção esportiva.

As percepções dos dirigentes das instituições que oferecem cursos de formação de treinadores revelam um cenário dinâmico, marcado por disputas por recursos e legitimidade, bem como preocupações com a qualidade e padronização dos programas formativos. O direcionamento das expectativas dos dirigentes em relação ao envolvimento dos treinadores nos eventos competitivos da modalidade evidencia um potencial conflito de interesses entre a formação de atletas e as necessidades financeiras das entidades esportivas. Esse conflito pode impactar significativamente a capacidade de adaptação do Boxe na cidade frente às crescentes

demandas contemporâneas que se distanciam do alto rendimento. Sendo assim, as entidades podem precisar modificar suas respectivas formas de sustentação financeira, de modo que não dependam quase que exclusivamente da venda de cursos e da organização de campeonatos.

Outrossim, as percepções dos treinadores revelam uma diversidade significativa de trajetórias formativas e visões sobre o perfil ideal do treinador e dos alunos da modalidade. A desconexão entre o enfoque competitivo predominante nas discussões dos treinadores e o perfil majoritariamente não competitivo de seus alunos sugere a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e holística na formação e atuação dos treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro.

Estudos que abordem e promovam uma análise integrada das dinâmicas institucionais, das expectativas dos praticantes e das necessidades sociais e culturais da comunidade envolvida com o Boxe podem ser valiosos no processo de desenvolvimento e adequação do esporte no cenário contemporâneo. Nesse sentido, torna-se fundamental o investimento na formação continuada e na atualização dos treinadores, assim como na promoção de uma compreensão mais abrangente e contemporânea da prática do Boxe, que transcende o aspecto competitivo. Além disso, é crucial fomentar o diálogo entre o meio acadêmico, as entidades que promovem o Boxe e as federações responsáveis pela formação de treinadores. Essas ações são essenciais para impulsionar avanços significativos nesse esporte de combate, assegurando sua relevância e sustentabilidade, tanto no cenário competitivo, quanto no social do Rio de Janeiro e em outras localidades.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Dirigentes)

Título do Projeto: O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores

Pesquisador Responsável: Jonathan de Campos Arantes

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE-UERJ)

Telefones para contato do Pesquisador: (21) 97536-0657

Outras formas de contato com o pesquisador (e-mail): jonnyaranteswg@gmail.com

Nome do(a) participante:

O(A) Sr.^(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, de responsabilidade do pesquisador Jonathan de Campos Arantes.

O objetivo deste estudo é identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos. Você está sendo convidado pois consideramos que está apto a participar da entrevista, representando a _____, podendo contribuir com a pesquisa sobre a formação profissional e a organização dos treinadores.

A sua participação é voluntária, não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Como medida para minimizar o risco de quebra de sigilo, será garantido o anonimato dos participantes em todas as etapas da pesquisa. Julga-se, assim, que a privacidade e o sigilo das informações serão resguardados, buscando garantir que sejam utilizados em conformidade com os objetivos deste trabalho. Entretanto, ressalta-se que o sigilo das informações, por parte da equipe de pesquisa, não impede que possa haver a identificação do participante por relação de informações, uma vez que os

entrevistados são dirigentes das principais Federações de Boxe do Rio de Janeiro. Referente a isso, será mantido sigilo quanto ao cargo específico do participante.

Para garantir a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do participante da pesquisa, códigos serão usados para a identificação dos participantes do estudo. Além disso, as informações serão guardadas em um computador pessoal com senha protegida com o software de segurança pago Kaspersky Total Security e não em nuvens.

A sua participação consistirá em responder a um roteiro de entrevista de 11 (onze) questões ao pesquisador do projeto, com duração estimada de 30 minutos. As modalidades de entrevista presencial e à distância, apresentam, respectivamente, risco moderado para disseminação do COVID-19 e vazamento de dados digitais para além da relação pesquisador-entrevistado. Considerando essas possibilidades, a entrevista será feita e gravada, se houver a sua autorização, por meio de um aplicativo de celular, modelo Samsung Galaxy Z Flip 3, no horário e local combinado. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos *offline*. Somente terão acesso às mesmas o pesquisador e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12 e os resultados da pesquisa serão divulgados na apresentação final da dissertação.

Caso se sinta desconfortável em algum momento da entrevista, poderá solicitar que ela se encerre. Os riscos apresentados nesta pesquisa serão mínimos para os participantes, com pouca possibilidade de haver algum tipo de constrangimento ou prejuízo material dos participantes. Nesses casos, quando percebidos pelos participantes ou pelos pesquisadores, serão imediatamente remediados, ficando a critério dos participantes a continuação ou não de sua participação na pesquisa. Esclarecemos ainda que não há previsão orçamentária para ressarcimento de possíveis prejuízos financeiros.

“Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) são compostos por pessoas que trabalham para que todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos sejam aprovados de acordo com as normas éticas elaboradas pelo Ministério da Saúde. A avaliação dos CEPs leva em consideração os benefícios e riscos, procurando minimizá-los, e busca garantir que os participantes tenham acesso a todos os direitos assegurados

pelas agências regulatórias. Assim, os CEPs procuram defender a dignidade e os interesses dos participantes, incentivando sua autonomia e participação voluntária. Procure saber se este projeto foi aprovado pelo CEP desta instituição.

Em caso de dúvidas, ou querendo outras informações, entre em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (CEP FM/UFF), por e-mail ou telefone, de segunda a sexta, das 08:00 às 17:00 horas: E-mail: etica.ret@id.uff.br / Tel./Fax: (21) 26299189

Eu, _____, declaro ter sido informado(a) e concordo em ser participante, do projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

(Assinatura do participante)

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Treinadores)

Título do Projeto: O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores

Pesquisador Responsável: Jonathan de Campos Arantes

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE-UERJ)

Telefones para contato do Pesquisador: (21) 97536-0657

Outras formas de contato com o pesquisador (e-mail): jonnyaranteswg@gmail.com

Nome do(a) participante:

O(A) Sr.^(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, de responsabilidade do pesquisador Jonathan de Campos Arantes.

O objetivo deste estudo é identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos. Você está sendo convidado pois consideramos que está apto a participar do questionário, podendo contribuir com a pesquisa sobre a sua formação profissional e o ensino do Boxe.

A sua participação é voluntária, não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Como medida para minimizar o risco de quebra de sigilo, será garantido o anonimato dos participantes em todas as etapas da pesquisa. Julga-se, assim, que a privacidade e o sigilo das informações serão resguardados e busca-se garantir que sejam utilizados em conformidade com os objetivos deste trabalho. Para garantir a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do participante da pesquisa, códigos serão usados para a identificação dos participantes do estudo.

Além disso, as informações serão guardadas em um computador pessoal com senha protegida com o software de segurança pago Kaspersky Total Security e não em nuvens.

A sua participação consistirá em responder a um questionário com 17 (dezesete) questões de forma online, com duração estimada de 20 minutos. As modalidades de pesquisa online possuem riscos relacionados ao vazamento de dados digitais para além da relação pesquisador-entrevistado. Considerando essas possibilidades, as respostas serão coletadas dentro do sistema Google Forms e somente terão acesso às mesmas o pesquisador e seu professor orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12 e os resultados da pesquisa serão divulgados na apresentação final da dissertação.

Caso se sinta desconfortável em algum momento da entrevista, poderá solicitar que ela se encerre. Os riscos apresentados nesta pesquisa serão mínimos para os participantes, com pouca possibilidade de haver algum tipo de constrangimento ou prejuízo material dos participantes. Esclarecemos ainda que não há previsão orçamentária para ressarcimento de possíveis prejuízos financeiros.

É importante que o participante da pesquisa guarde uma cópia desse documento eletrônico.

“Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) são compostos por pessoas que trabalham para que todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos sejam aprovados de acordo com as normas éticas elaboradas pelo Ministério da Saúde. A avaliação dos CEPs leva em consideração os benefícios e riscos, procurando minimizá-los, e busca garantir que os participantes tenham acesso a todos os direitos assegurados pelas agências regulatórias. Assim, os CEPs procuram defender a dignidade e os interesses dos participantes, incentivando sua autonomia e participação voluntária. Procure saber se este projeto foi aprovado pelo CEP desta instituição. Em caso de dúvidas, ou querendo outras informações, entre em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (CEP FM/UFF), por e-mail ou telefone, de segunda a sexta, das 08:00 às 17:00 horas:

E-mail: etica.ret@id.uff.br / Tel./Fax: (21) 26299189

Eu, _____, declaro ter sido informado(a) e concordo em ser participante do projeto de pesquisa acima descrito.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do participante)

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista

1. Por que ofertar cursos de formação de treinadores na modalidade?
2. E os modelos de formação de treinadores adotados por outras entidades, vocês conhecem? O que pensam sobre eles?
3. Qual é o perfil e os critérios de escolha dos treinadores que ministram os cursos da federação?
4. O que torna um indivíduo apto a participar do processo de formação de treinadores?
5. Após o término do curso de formação, há estratégias ou cursos de reciclagem oferecidos pela federação? Quais?
6. Existe algum ou alguns materiais de ensino fornecidos ou recomendados durante o curso? Poderia falar sobre eles?
7. Quem elabora ou seleciona esses materiais?
8. Como o curso de formação é estruturado? É teórico e prático? Qual a carga horária?
9. O que vocês pensam sobre os perfis dos praticantes de Boxe atualmente? E os que procuram a modalidade atualmente?
10. O que vocês sugerem e necessitam para melhorar a formação que oferecem?
11. Poderia indicar 5 treinadores, que possam contribuir com a pesquisa respondendo um questionário sobre a formação de treinadores e o ensino do Boxe (que atuem na cidade do Rio de Janeiro)?

APÊNDICE D – Questionário

1. Em que ano você nasceu?
2. Qual é o seu gênero? (Masculino; Feminino; Outro; Prefiro não responder)
3. Qual é o seu grau de escolaridade? (Ensino Básico Incompleto; Ensino Básico Completo; Cursando Ensino Superior; Ensino Superior Completo; Cursando Pós-graduação; Pós-graduação Completa)
4. Há quantos anos você pratica Boxe? Fale sobre sua trajetória na modalidade.
5. Você é praticante de outros esportes de combate ou artes marciais? Quais?
6. Se sim, você atua como treinador nessas outras modalidades?
7. Quando você começou a dar aulas de Boxe?
8. Em quais bairros você atua como treinador de Boxe?
9. Você realizou um ou mais cursos de formação de treinadores de Boxe? Se sim, qual/quais?
10. Na sua concepção, como você avalia o seu processo de formação como treinador?
11. Para você, como deve ser o perfil dos treinadores de Boxe?
12. Na sua opinião, como deveria ser a formação dos treinadores de Boxe na atualidade?
13. Como você estrutura as aulas de Boxe e organiza os conteúdos a serem ministrados?
14. Qual é o perfil dos seus alunos?
15. Nas atividades de sparring e escola de combate, quais critérios você utiliza para selecionar os alunos aptos e não-aptos?
16. Quais os maiores desafios que surgem durante o ensino do Boxe?
17. Poderia indicar 3 (três) ou mais treinadores de Boxe que atuem na cidade do Rio de Janeiro que poderiam contribuir com esta pesquisa?

APÊNDICE E - Carta-convite (Dirigentes)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, realizada pelo Prof. Jonathan de Campos Arantes, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Este estudo tem por objetivo identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos.

Caso queira participar da pesquisa, leia, assine e reenvie o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este documento em anexo contém mais informações e detalhes sobre o estudo.

A participação na pesquisa será por meio de uma entrevista sobre:

- Oferta de cursos de formação dos treinadores
- Percepções e perspectivas da entidade
- Indicação de treinadores para a pesquisa

Se após a leitura do TCLE você decidir participar da pesquisa, entraremos em contato para agendarmos um horário para a entrevista online. O tempo médio de duração da entrevista é de 30 minutos.

Agradecemos o seu tempo e atenção.

Prof. Jonathan de Campos Arantes
PPGCEE - UERJ

APÊNDICE F - Carta Convite (Treinadores)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, realizada pelo Prof. Jonathan de Campos Arantes, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte (PPGCEE), vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse estudo tem por objetivo identificar e discutir as percepções de dirigentes e treinadores de Boxe na cidade do Rio de Janeiro sobre a formação de técnicos.

Caso queira participar da pesquisa, você será direcionado(a) para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que contém mais informações e detalhes sobre esse estudo.

A participação na pesquisa será por meio de respostas a um questionário sobre:

- Perfil do participante;
- Trajetória na modalidade;
- Formação de treinadores;
- Ensino do Boxe;
- Indicação de outros treinadores para a pesquisa.

Ao responder “Sim”, para participar da pesquisa, você será direcionado para o questionário. O tempo médio de resposta é de 20 minutos.

O e-mail do participante será coletado automaticamente ao responder ao questionário, porém não será divulgado e não haverá outra identificação pessoal durante a coleta e análise dos dados. Portanto, será impossível a exclusão dos dados da pesquisa durante o processo de registro/consentimento.

A coleta de dados poderá ser encerrada a partir do momento em que os pesquisadores perceberem a saturação das narrativas que estão sendo expostas pelos treinadores participantes.

Agradecemos o seu tempo e atenção.

Prof. Jonathan de Campos Arantes / PPGCEE - UERJ

APÊNDICE G - Carta de Anuência (FEBERJ)

Declaramos que esta Instituição (Federação de Boxe do Estado do Rio de Janeiro) tem interesse em participar do projeto “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, proposto pelo pesquisador Jonathan de Campos Arantes, autorizando a sua execução.

Declaramos, ainda, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/2012. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes do projeto de pesquisa nela recrutados dispondo da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização está condicionada à aprovação final da proposta pelo Comitê de Ética em Pesquisa responsável por sua avaliação.

Data ____/____/____.

Data, Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE H - Carta de Anuência (FPERJ)

Declaramos que esta Instituição (Federação Estadual de Esporte Socioeducativo e Pugilismo do Rio de Janeiro) tem interesse em participar do projeto “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, proposto pelo pesquisador Jonathan de Campos Arantes, autorizando a sua execução.

Declaramos, ainda, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/2012. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes do projeto de pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização está condicionada à aprovação final da proposta pelo Comitê de Ética em Pesquisa responsável por sua avaliação.

Data ____/____/____.

Data, Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE I - Carta de Anuência (UNICOMBAT)

Declaramos que esta Instituição (UNICOMBAT) tem interesse em participar do projeto “O Boxe na Cidade do Rio de Janeiro: percepções sobre a formação de treinadores”, proposto pelo pesquisador Jonathan de Campos Arantes, autorizando a sua execução.

Declaramos, ainda, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/2012. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes do projeto de pesquisa nela recrutados dispondo da infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização está condicionada à aprovação final da proposta pelo Comitê de Ética em Pesquisa responsável por sua avaliação.

Data ____/____/____.

Data, Assinatura e carimbo do responsável institucional